

traõ: são sombras vans, e não bens mociflos; e esta tal vez fosse a razão por que dizia Sócrates, que os Deoses se e tavaõ de ordinario rindo dos homens, vendo o cuidado, e diligencia, que de continuo traziaõ em suas pertençoens.

Comedia he a vida humana, donde cada qual representa sua pessoa; o mundo he theatro, o Author Deos, cuja Providencia reparte os papeis, e os vestidos, os homens os representantes, e a morte, a que igualmente os dispõe a todos. Confiste toda felicidade, em que te lembres, que te convem representar a parte, que te ha querido dar o Author da comedia. Se he curto teu papel, representa-o curto; e se largo, representa-o largo: se te manda fazer o papel de pobre, enfermo, perseguido, faze-o naturalmente o melhor que poderes; e se de Principe, ou mecanico, acordate, que a ti te toca o representallo, e ao Author o escolhel-lo. Deos sabe o que te dá, e tu não sabes o que pedes. Se não tens capacidade de representar mais largo papel, como queres papel mais largo? Não vez, que se aceitas hum largo, para que não bastaõ tuas forças, de mais que darás má conta delle, se estorva o empregarte em outro, de que sahirás perfeitamente bem? Temerario es, se pretendes ter melhor eleição do que Deos te dá, que perfeitamente te conhece, e a Deos prescreves certo modo de obrar, quando determinadamente lhe pedes certo bem; e por isso dizia Sócrates, que a Deos senão havia pedir senão simplesmente bens; e Epiteto, que o mundo se houvera destruido, se Deos fizesse o que os homens lhe pedião.

Olha: nos trabalhos, miserias, e perseguiçoens bem podes recorrer a Deos, e pedir-lhe o alivio delles, que isso fazia o Santo Job, e o Santo Rey David; mas adverte, que se te não remedear, nem por isso deixes de armar-

te de paciencia, e esperar remedio. Reparaste já em hum enfermo, que obrigado do calor da febre, que o abraza, pede ao Medico, que lhe dê agua fria, dizendo-lhe: *Estoume abrazando com securas, morrendo às mãos da sede; Medico dame agua, que morro; e responder-lhe o Medico; Eu sey em que tempo te hei de dar a agua, que pedes; que agora não me compadeço de ti, porque esta compaixão agora fora crueldade, como he contra a tua mesma petição; da mesma sorte diz São Jeronymo in proemio ad Propbet. Abac. se ha Deos com os homens, que conhecendo o pezo, e medida de sua clemencia, muitas vezes parece que não ouve ao que por elle brada, para que levante mais a voz para lhe pedir, e para que como purificado no fogo, faya mais puro, e justo, acodindo-lhe com o remedio a tempo, que lhe não seja nocivo.*

Nas que te vierem das mãos dos homens, armate tambem de paciencia, e sahirás vencedor; e torna a considerar, e examinar a tua vida; e se achares, que te perseguem em satisfação de offensas, que lhes fizeste, tem sofrimento, e considera, que he muy propria dos homens a vingança em huma vida, em que de ordinario se pagaõ bens com males; he querer hum quasi impossivel, que se es máo para os outros, sejaõ os outros para ti bons; e por isso diz Tito Livio, que sofra as offensas de seus inimigos o que lhe fez offensas: *Pati hostilia non indignetur, qui fecerit.* Se achares, que não tens offendido a teu perseguidor, tem paciencia; e se es bom, sofre ao máo; porque tambem Christo Senhor nosso sabendo, que Judas era traidor, o soffeo, e mandou prégar, e lhe deu igualmente com os mais Apostolos seu sagrado corpo. Verdade he, que mais duro de sofrer he o que sem culpa se padece, do que o que com culpa se sofre, como entoou a Lyra Ovidiana:

*Leniter ex merito quicquid patiare ferendo est,
Quae venit indignè poena dolenda venit.*

São os homens instrumento, com que Deos costuma castigar aos máos para sua emenda, e atormentar os bons para mayor merecimento. Desengate, que em huma vida tão cheya de miserias, não pôde haver discurso: huma vida, em que até o ser sempre felice, he a mayor miseria da vida, como disse *Seneca*: *Nihil infelicius eo, cui nihil unquam evenit adversum*; como queres viver sem trabalho? He a vida humana como a Náo; porque assim como esta, em quanto não chega ao porto, não está segura, mas sujeita aos impulsos dos ventos, aos insultos, e roubos dos pyratas, à corrente das aguas; assim o homem, em quanto navega pelo mar desta amarga, e perigosa vida, sempre anda em huma roda vida de trabalhos, passando de huma perseguição a outra; e quando considera que tem acabado com humas, já se sente assaltado de outras; porque, conforme *Seneca*, o fim do mal presente he exordio do futuro:

Vis voto potiaris, amans patiari oportet:

Si vis in dulci vivere pace, pati.

Os medicamentos mais amargos são de ordinario os mais uteis. A tribulação, o pezar, e adversidade, ainda que seja para a carne medecina amarga, são para a alma saudavel medecina; porque tiraõ o homem do peccado, e faz que se arrependa do passado, despreze o presente, e se prepare para o futuro. Se aos navegantes parecem leves, e toleraveis as ameaçadoras ondas do mar, aos lavradores as tempestades, e invernos, aos soldados as feridas, as fomes, as sedes, pela esperança tão incerta, como duvidosa, de bens temporais, e cômodos, que perecem, como te ha de parecer intoleravel a adversidade, e trabalho padecido com huma esperan-

Finis alterius mali gradus est futuri.

E quanto te vires mais perseguido, tanto debes viver mais contente; porque he final, que Deos te ama, e que amas a Deos; porque são os amadores de Deos como os amantes do mundo. Os amantes do mundo padecem muitas cousas tão diversas, como contrarias aos seus desejos: aos amantes de Deos nem tudo lhes succede prospero neste mundo, porque no dia dos males se lembrem do bem, e senão fação pusilanimos, e impacientes nas adversidades; e pelo contrario, para que no dia dos bens se lembrem dos males, para que senão desvanescão. A uva, para ser vinho, primeiro se piza; a azeitona, para passar a azeite, primeiro se calca; o trigo, para ser farinha, primeiro se moe; assim sem trabalhos não ha bem; e por isso diz *Wem*, quem o melhor meyo para gozar o doce da tranquillidade, he soffrer o amargo dos trabalhos;

ca tão certa, como infallivel de bens perpetuos, e ineffaveis, se he que não tens perdido o juizo?

Nas que te vierem finalmente de nosso antigo inimigo, armate de paciencia, e serás invencivel. Diz *Santo Agostinho sobre o Ps. 60.*, que a nossa vida nesta perigrinação não pôde escapar sem tentação; porque o nosso aproveitamento se faz pela nossa tentação; porque ninguem se desconhece a si, senão tentado, nem se pôde coroar sem vencer, nem vencer sem pelejar, nem pelejar sem inimigo; e por isso diz *Chrisostomo Homilia 7.*, que sem tentação não ha coroa, sem guerra não ha victoria, sem estudo não ha honra, sem tribulação não ha descanço,

ço, sem Inverno não ha Verao. E São Leaõ, que nenhuma são as obras das virtudes sem a experiencia da tentação, nenhuma he a Fé sem tribulação, nenhuma a peleja sem inimigo, e nenhuma a victoria sem pendencia. Importa pois pelejar contra este commum inimigo; e não ha melhores armas para o vencer, que as da paciencia. Com muitos exemplos poderamos corroborar esta doutrina, mas baste o do Santo Job, com quem este inimigo travou huma das mais sanguinolentas pendencias, que tem havido no mundo.

Tens visto brevemente o como debes vencer os trabalhos, ou te venhão da mão de Deos, ou dos homens, ou do inimigo commum, como instrumentos, de que Deos usa para ou castigar tuas culpas, ou provar tuas virtudes: agora te queremos dizer brevemente os proveitos, que se te seguem, se fores sofrido, e representares com paciencia o papel, que nesta vida te deu o Author da vida; e se com a mesma igualdade, com que recebes da piedosa mão de Deos os bens, receberes tambem os males, não só contentando-te com o papel, que Deos te manda representar na comedia desta vida, mas tendo sofrimento para representar outro mais curto, se o Au-

thor della assim o dispuzer; pois ou para castigo, ou para experiencia, costuma com facilidade trocar, e mudar os papeis a huma mesma pessoa: já fazendo, que o que hontem representava papel de Rey, hoje o faça de hum pobre soldado; já q o que hontem representava papel de senhor, hoje o represente de criado; já que o que hontem fazia merces, hoje vá à merce de outros, e pelo contrario: que represente papel de Rey hoje, quem hontem o fazia de vassallo; que represente hoje o de Senhor, quem hontem fazia o de servo; e que hoje represente o papel de dadiofo, quem hontem o fazia de mendigo: exemplos vivos para aprenderes defenganos.

Olha, assim como as felicidades desta vida são as vespas das desgraças, e assim como ao lado da alegria anda sempre a tristeza, e a hum dia claro se segue a noite escura, a bonança à tempestade; assim tambem depois da enfermidade vem a saude, a tempestade se segue a bonança, a tristeza a alegria, alternando-se reciprocamente em perpetuo gyro as venturas com as desgraças; e por isso disse Erasmo: *Post nubila succedit serenitas*; e esta mesma variedade, e mudança das cousas descreveo Wem nos dous Epigrammas, que se seguem:

Gaudia post luctus veniunt, post gaudia luctus,

Semper in ambiguo, spe, metu vè sumus.

Quid lætare miser nescis post gaudia vitæ,

Perpetuos luctus mortis adesse tibi?

Bem conhecia a variedade das cousas do mundo Philippe Rey de Macedonia, que vindo-lhe juntas duas alegres novas, huma do nascimento de Alexandre, outra de huma assinalada victoria, exclamou dizendo: *Preparate Filip-*

pe, que estas venturas são correys de algumas desgraças. E melhor Ovidio, quando aconselhou, q se cuidasse em a prosperidade da miseria, para se char na miseria prosperidade:

Tu quoque fac timeas, & que tibi læta videntur.

Dum loqueris, fieri tristia posse, puta.

Quem cuidara, que Mustafá, e Ebra-

him haviaõ ser tirados de hum calabou-

ço, em que vivos foraõ sepultados, para o Solio imperial da Monarchia Turquesca, senão vira, que as calamidades são muitas vezes os correys das fortunas? Lembra-nos, que lemos, que Zenaõ Philosopho, havendo-se dado em sua primeira idade à mercancia, navegando com bom emprego, se perdeu em huma tempestade com todos os seus cabedais, e escapando a nado, aportou em Pyro, e com a occasião de ver-se sem fazenda, que lhe

Cum mihi sit casus prudentia nulla futuri,

Quid sperem-ve boni, quid metuum-ve mali?

Non despero tamen, cum spe mihi spiritus exigit.

Producit vitam spes mihi longa brevem.

Temístocles Grego teve muitas perseguições. Primeiro o desterraraõ de sua Patria Athenas, logo de toda a Grecia, e deitado de todas as partes, se foy amparar del Rey da Persia, do qual sendo bem recebido, e tratado com cortezia, e honra, e enriquecido com muitos haveres, costumava dizer: *A não haver-me perdido, ficara perdido.* Affaz sabida he a fabula que refere Ovidio em o liv. 8. de seu *Metamorphosis* de Philémon, e Baufis pobres, porém honrados lavradores, que alojaraõ em sua humilde cabana huma noite aos Deoses Jupiter, e Mercurio, com os quais partindo alegre, e liberalmente aquelle pouco que tinhaõ, mereceraõ em premio da hospedagem, ver a sua pobre choça convertida em hum sumptuoso Templo, de que foraõ feitos Sacerdotes, quando todo o restante de sua visinhança ficou feito hum lago. Parece alludir esta fabulla à hospedagem de Loth aos dous Anjos. Os Mytologistas attribuem o premio destes dous velhos à hospedagem; porém a nós nos parece, que isto foy premio que mereciaõ, por sofrer com paciencia sua adversa fortuna, dando gra-

occupava o cuidado, se deu ao estudo da Philosophia, com o qual se achou taõ aventajado, que depois fallando de si, dizia: *A mais venturosa jornada foy quando me perdi: nunca tive mais prospera navegação, que quando naufraguey.* O certo he, que em quanto navegamos no duvidoso mar deste mundo, nos não podemos prometter nem venturas, nem desgraças, como bem ponderou Wem:

ças a Deos de suas incommodidades, e de sustentarem a vida daquellas coufas, que seu trabalho ignorante lhe adquiria; porque merece ser visitado de Deos, e consolado do mesmo Deos, quem recebe gostosamente quanto lhe appresenta assim de coração, como de obra, e em pago lhe dá o sacerdocio da vida eterna. E sem que vamos às letras humanas a buscar exemplos, ha em as Divinas exemplo mais proprio em o Propheta Jonas, que quando a tempestade apertou tanto a sua Náo, que o arrojaraõ ao mar, e o tragou huma Balêa, e passaraõ sobre elle as ondas do mar, entãõ navegou melhor, mais a proveito seu, e de seus companheiros, da Náo, e dos Ninivitas, de cuja terra fugia. Foy perda de mil ganancias, naufragio de mil proveitos, porque elle se tornou a Deos, e os companheiros sahiraõ dos perigos, socegando as ondas, e os de Ninive alcançaraõ remedio, e perdaõ. Isto se póde dizer com veras, que foy navegar melhor, quando o tragou o mar, e lhe servio de Náo o buxo da Balêa, que mais em breve o levou ao porto.

Non ego vel primus patiar vel tertia solus,

Sæpe premit magnos ista fortuna viros.

Ah mun-

Ah mundo enganador, e falso, que docemente enganas! Que enganosamente finges! Que docemente afagas! Que aleivosamente mordes! Com que mel attrahes! Com que fel despedes! Quem se fia de ti, que não quebre? Quem te acha, que não se perca? Tudo são desgraças tuas felicidades; toda a tua prosperidade he miseria. Em sua desdita foy ditoso Gedeão, em a prosperidade desgraçado; alli santo, aqui idólatra. David, pastor, pobre, afortunado, e valente; quando Rey poderoso, adultero, homicida, e desvanecido: não temia miseravel nem a Leoens, nem a Ussos, vencedor de Gigantes; depois Rey, temia a seu filho Absalaão, e aos filhos de Sarvia Salomaão, Jeroboaó, Amasa, Roboaó, Olias, e Manassés, a opulencia, e prosperidade os conduzio ao miseravel estado em que se viraó. Tem a deste mundo verdadeira pena gosto falso, dor certa, gozo incerto, trabalho duro, temeroso socego, segura possessão do mal, van esperanza do bem. Não ha cousa, que dure entre os homens; e não ha cousa, que menos dure, que huma felicidade. Algumas couças se gozaó quando se tem: apenas se tem a felicidade, quando se perde. Não se acorda de si mesmo o que está em prospera fortuna, e he a mayor infelicidade; porque não ha mayor miseria nesta vida, que não conhecer a propria miseria; com que o imperio, a potencia, e as riquezas não fazem felices aos homens, senaó desgraçados.

Quais são os que são felices nesta vida? (perguntou hum enfermo a Anaxágoras) e respondeo-lhe o Philosopho: *Os que tu pensas que são desgraçados.* Se quanto ha no mundo, he miseria, como póde haver felicidade no mundo, disse Petrarcha. He felice só o que vive bem, porém senaó morrer bem, não he feliz. Cressio foy Rey dos Lydos, e sendo o mais poderoso, e felice que conheceraó as

idades, entrou Solón a assistir-lhe em Palacio, e perguntou-lhe: *Quem he mais felice que eu?* e respondeo-lhe: *Telo, teu Cidadão, que morreo em defensa da Patria. E quem será o outro?* (proseguio o Rey) *São Cleobe, e Vitron.* E acaso eu (disse muy enfadado) *nao posso entrar nesse numero?* Não por certo, (respondeo o Philosopho,) *que até que morras, não podemos saber se es felice, ou não.* E he assim; pois ainda que a felicidade mayor he o imperio mayor, he juntamente a mayor desgraça. A Dionysio lhe tirou a Coroa Dion: a Astraages seu neto Cyro: a Busiris Hercules: a Miron, Tyranno de Pisa, o arrojaraó ao mar: a Alexandre Fereo o matareaó humas mulheres de Thebas: Nero se matou a si mesmo: a Caligula hum motim: a Domiciano, hum criado, e valido seu: a Antonino Commodo affogaraó: a Macobrio matou Eliogábalo. Não tiveraó esta desgraça, senaó tiveraó a dita de ser Imperadores.

Posto que ser amparo dos seus he officio de que se preza Deos, tem por condiçãõ consentir, que as vezes nos cerquem nossos males, e nos vejamos por todas as partes rodeados de maneira, que não ha por donde escapar, e nisto mesmo está o nosso melhor bem, se nos souber-mos armar de paciencia, e usar-mos dos mesmos, que nos parecem trabalhos para nosso bem. Conta-se por façanha grande de Agêfilão, o grande Rey dos Lacedemonios, que vendo-se huma vez com poucos soldados, cercado de grande numero de inimigos, juntou o seu arrayal em hum campo, e sitio taó forte, que não podiaó entrar nelle os contrarios, os quais considerando, que não podiaó avançallo, lhes pareceo, que só por fome os podiaó colher: e determinando cercar com hum fosso todo o sitio, donde estava com a sua gente alojado, para que não podesse sair com os seus, nem entrar-lhe provisãõ, e assim morressem de fome, ou se

se rendessem; e vendo os de Agefiláo, que se fazia a cava, lhe aconselharaõ que sahisse à campanha a dar a batalha com seus poucos, porque era menos mal aventurar-se, que deixar-se cercar do fosso, sem poder depois sair. Dissimulou Agefiláo a execuçaõ do conselho, e consentio, que o inimigo fosse fazendo a cava, e cercando-o; e quando ja faltava pouco para corrella toda em redondo, se poz em ordem de guerra, e por aquelle pequeno espaço, que estava por cercar, acometeo aos inimigos, tendo as costas, e lados seguros com o mesmo fosso, que elles haviaõ feito; e como em lugares apertados tanto pelejaõ os poucos, como os muitos, ficou com seu pequeno exercito igual ao grande do inimigo, e aventajando-se no esforço, os venceo; e os mesmos trabalhos, que pareciaõ lhe impossibilitavaõ o remedio, foraõ o unico meyo delles, porque soube Agefiláo usar de paciencia. Muitas vezes a medicina mais vagarosa he a que assegura mais a faude, como disse Tullio: *Est tarda quidem medicina; sed tamen magna, quam affert longinquitas.* Sofraõ-se os trabalhos com paciencia, porque no sofrimento se achará a melhor mesinha para curallos, e o premio do descanso por elles merecido.

Parece, que he a proposito desta materia, o que Valerio Maximo conta de Julio Hortensio, Capitaõ Romano, que estando com seu exercito em campanha, tendo em sua companhia a Mucio Suffecio, Capitaõ dos Albanos, com copia de soldados; e parecendo-lhe, que o tinha muito da sua parte, ao tempo de querer romper a batalha, lhe faltou, apartando-se com a sua gente, e subindo-se ao alto de hum monte, donde esperava o successo com animo de que se fossem vencidos, escarnecellos, e ajudar a perseguillos, e se vencedores, ficando mortos huns, e cançados outros, de baixar do monte de refresco, e dando fo-

bre os vencedores, fazellos ficar vencidos, e ganhar os despojos de huns e outros; porem o astuto, e esforçado Capitaõ Romano, armando-se de paciencia, soffeo com generoso animo o ver-se taõ cercado de perigos; e vendo que o mayor damno do caso era, se os seus impacientes tomassem medo, por ver que lhe faltava a ajuda de Albano, se subio em hũ ligeiro cavallo, e aproveitando-se das eiporas, deu volta a todo o campo, dizendo a vozes, que elle havia ordenado ao Albano, que com a sua gente se apartasse à vista, para que vendo os menos, ou fasssem os inimigos vir à batalha, e que ao primeiro final baixaria o Albano sobre os inimigos de refresco; e assim se tinhaõ a victoria na mão, que pelejassem de sorte, que fosse sua a gloria, e naõ do Albano, procurando ser primeiro vencedores, que soccorridos. Esforçou o Romano com esta astucia tanto o animo dos soldados, que o tiveraõ para romper a batalha, ganhar a victoria, e ficar taõ sem menoscabo, e taõ inteiros, que poderaõ depois bem resistir a Albano, se baixara contra elles do monte. E os mesmos trabalhos, que poderaõ ser meyo para desesperar da victoria, foraõ caminho para ser mais glorioso o vencimento.

Mas para que nos cançamos em buscar exêplos em as Historias humanas, quando nas letras Divinas temos tanta copia delles. Refere São Marcos no cap. 8., que as Turbas, que seguiaõ a Christo bem nosso no Deserto, ainda que tres dias tiveraõ fome, e parecia que Christo nosso Senhor naõ cuidava dellas, e bem se vio, que lhe estava contando os bocados, naõ os que comiaõ, senaõ os que deixavaõ de comer, quando depois disse: *Tres dias ha, que andaõ a traz de mim, e lhes falta a comida;* e quando parecia, que já naõ havia esperança de remedio no trabalho da fome, os proveo com tanta abundancia, que lhes sobrou tudo. Outra vez quando quiz resuscitar

aõ filho da Viuva de Naim, se foy encontrar com elle à mesma porta da Cidade, como escreve *S. Lucas no cap. 7.* Se antes partira a remediallo, não chegara ao ponto, que hia já defunto; e dentro da Cidade em diferentes ruas se podiaõ desencontrar; e se tardara, sahido já o enterro ao campo, quicã o tivessem já enterrado à chegada de Christo; ou tomando os da tumba algum atalho, por donde erraraõ o remedio do seu defunto, que lhe vinha por caminho real; e veyo a encontrallo ao sahir da porta, para que não podesse deixar de encontrallo; porque tem Deos contado os passos a nossas necessidades, e sabe quando he tempo de lhe acudir. A David, homem muito do coração de Deos, deixaraõ seus parentes, e amigos em o tempo da guerra, e levantamento de Absalaõ; e quando já os trabalhos, que por huma, e outra parte o cercavaõ, pareciaõ carecer de remedio, lhe acudio Deos com maõ taõ liberal, que lhe succederaõ as mais crescidas fortunas; e o mesmo lemos que succedeo ao Santo Job.

Muito nos vamos alargando nesta Liçaõ; mas a materia he taõ vasta, e he taõ necessaria a virtude da paciencia, que nos não atrevemos a recolher a penna; mas antes nos resolvemos a dilatalla por mais Liçoens; e como saõ da paciencia, te pedimos a tenhas, para sobre ella leres mais as seguintes Liçoens.

L I Ç A M XVI.

Da Paciencia das Injurias.

Injuria no seu geral significado se diz tudo aquillo, que se obra contra o direito; e em particular se diz injuria o que se faz em desprezo de outrem; e esta se divide em real, e verbal, e destas injurias, assim reacs, como verbais, seraõ o assumpto da presente Liçaõ.

Costume era dos Romanos (escreve *Santo Thomaz ao Psalm. 5.*) coroados com os escudos, que haviaõ recebido os golpes em as batalhas. Em os moldes da perseguiçaõ se formavaõ suas coroas; e as diademas dos Santos tem fórma de escudos, para significar que os triunfos de sua gloria se medem pelos escudos de sua paciencia. Quanto mayor silencio padecem offendidos, quanto mais illustremente triumphã coroados. O que gloriosos trophéos desperdiça, quem ignora a arte de padecer sem razoens! E como nesta arte te quizeramos ver mestre, te daremos nesta Liçaõ as regras desta arte.

A primeira, e principal regra desta arte de soffrer as injurias, e sem razoens, está em considerar, que cada cousa desta vida tem duas caras, huma suportavel, outra insuportavel: por exemplo: quando teu irmaõ te faz injuria, não o olhes como quem te faz injuria, que esta cara he insuportavel: considera-o de mais perto como teu irmaõ, com quem te has criado junto, e desta materia o tomarás de modo, que poderás fazer seja a acçaõ suportavel. Pouco saõ os que julgaõ das cousas como ellas saõ; e muitas vezes mais atormenta, e molesta a opiniaõ do trabalho, que o mesmo trabalho, como refere Seneca: *Sæpius opinione, quàm re laboramus.* Se queres crer, que o que te dá os bons dias, te injuria, aggravado estas; põrêm a injuria não vem de quem tu presumes que ta faz, senaõ de tua presumpçaõ. O que procura aggravarte quando tu não queres, fica frustrado de sua opiniaõ, e podes dizer, que tens vencido; e que mais gloria pretendes, que ficar vencedor?

Grande principio da Philosophia moral he saber desprezar as injurias. Alguns hey visto muy prezados de Philosophos, e muy ignorantes neste principio; se se nos permite não emendar, mas modificar esta regra, dize-

dizemos, que he virtude inextimavel desprezar as injurias, como não sejaõ escandalofas, que entaõ estás obrigado em consciencia a olhar por ti. Se te chamaõ hypocrita, que faz ao caso, senaõ o es? Se vicioso, ainda que fejas bom, humilhate, e conhecete, e melhorará; porém se te chamaõ ladraõ, fallario, ou traydor, obrigado estás por meyo licitos a defender tua honra; que assim o fez Christo nosso Redemptor, que havendo-lhe dito hum por escarnio, que era Samaritano, e que tinha o demonio, ao primeiro não respondeo, e ao segundo replicou com modestia, e mansidão, dizendo: *Não tenbo demonio*; callou ao escarnio, e respondeo à injuria. Não se deu por entendido ao que lhe foy dito por desprezo; mas não quiz diffimular o que era escandalo: Fez pouco caso da burla; porém respondeo à blasfemia. Se seguirez este exemplo, zelará a honra de Deos, e a tua com modestia, e caridade, e te acharás suavemente aproveitado.

A segunda regra se tira desta admiravel, e Divina doutrina de Christo Senhor nosso; e não ha melhor meyo para levar com soffrimento as injurias, que responder-lhe com o silencio; o que considerando S. Gregorio no liv. 3. dos *Morais*, afirma, que he mais glorioso fugir à injuria callando, do que vencella respondendo. Quem calla offendido, diz *Chrysofostomo Homil. 39. in Act.* dá a seu inimigo huma penetrante ferida no coração, que não tem remedio. A differença, que vay entre o corpo, e a alma, vay dos golpes, com q̄ fere a espada, e as pontas, com que fere o soffrimento. Não tomava Fabio Maximo outra satisfação das injurias, que lhe fazia o Senado, que a paciencia, com que as sofria. Mordança dos maldizentes foy seu silencio, que desarmando o furor de suas linguas, os obrigava a que dirigissem dentro de si

o veneno, que lhe rohia as entranhas.

O mesmo *Chrysofostomo in ligno vitae cap. 4.* ensina, que nada ha mais disforme, do que responder a hum furioso, nem nada mais util, do que responder com o silencio ao que nos provocar com injurias. Empenhou-se certo mancebo a encher de injurias ao Philosopho Xenophonte; mas este com animo sereno, e socegado lhe não respondeo mais do que dizer-lhe: *Tu aprendeste a fallar mal, e eu a soffrer, e desprezar injurias*. A'quelle grande Romano Lucio Mettello injuriou grandemente no Senado hum Senador, taõ velho, como mal dizente; e a taõ grande desabrimento não respondeo mais Metello, que dizer-lhe: *Facil cousa he injuriar-me a mim, porque não hei de responder; por quanto sey que não ha de ser accusada a minha paciencia, mas o vosso poder*. E o que o sabio Bias, segundo *Laercio lib. 4. cap. 7.* ensinava, que não havia mayor mal, que o não poder soffrer o mal, sem o que, a ninguem podia ser suave a vida.

É com razão; porque ninguem póde ser perfeito, que entre as injurias, e males do proximo não se arma de paciencia. Quem os males alheyos não sofre com igual animo, he pela impaciencia testemunho de si mesmo, de que dista muito do bem. Tanto cada hum se mostra menos douto, quanto mais se convence menos paciente, nem póde, ensinando verdadeiramente, repartir os bens, se vivendo, não sofre com igual cara os males alheyos. Do perfeitamente sabio he soffrer pacientemente a maldade, e malicia dos outros, para que se conheça pacientemente observado dos máos. Não basta a propria sciencia sem tolerancia, nem tolerancia sem limpeza.

João de São Geminiano na sua *Summa lib. 3. cap. 19.* diz, que aigueira com a brandura do leite, que cria em as veyas, tem tal propriedade, que se lhe ataõ hum touro muy bravo, lhe tira a ferocidade, e o amant

fa. Se isto he verdade, podemos dizer a mesma similhança, que quando vemos algum enojado, e embravecido contra nós, se nos tornamos ao leite do silencio, o abrandamos. A muitos lhes parece impossivel estar ouvindo afrontas sem responder-lhe, e que rebentaráõ, se não o fizerem; como se conta do mudo, que não foy furdo; está dentro fervendo a colera, como panella em fogo rijo, que busca por donde sahir, sem advertirem, que quem responde mais, ouve mais; e que Terencio diz, que o que responde o que quer, tornará a ouvir o que não quer; e Plauto, que diz, que o que responde afrontas, afrontas tornará a ouvir. Celebra-se por feito de grande sofrimento, o que succedeo a Agis, Rey dos Lacedemonios, dando audiencia a hum Embaixador dos Abderitas, o qual disse suas razoens com demasiada prolixidade, e acabadas, perguntou, que resposta havia de dar aos que o tinhaõ enviado? Respondeo-lhe:

*Quæ superare potes, interdum vince ferendo;
Maxima non moram sæmpet patientia vincit.*

Naõ podemos aqui deixar de te advertir, que temos conhecido Ministros, que reputaõ por injuria feita ao seu officio, huma palavra solta sem consideração, huma demasiada impertinencia, com que huma parte requer; e em vez de a ouvirem com sofrimento, a despedem com injuria; e lembrete, que não sejas taõ impaciente, nem taõ especulativo, que desinterpretaçãõ às palavras dos requerentes, em offensa da justiça, e do respeito, que se deve aos Ministros, principalmente quando tiverem outro sentido a que se possa accommodar, sem que incluaõ o da offensa; porque ha alguns, que porque tem em si algum vicio conhecido, julgaõ, que lhe daõ de rosto com elle as partes em qualquer palavra que dizem: como

Dirás, que todo o tempo que estiveste fallando, estive eu escutando sem fallar. Bem póde ser, que o callar em quanto o Embaixador fallava, nasce-se da modestia, e sofrimento; porém o certo he, que dar tal resposta no fim, não foy se não, que não pode acabar de tella sem mostrar-se impaciente da falta, ou sobra alheya. Excelente exemplo te dá aqui Agis, ó Ministro, para que ouças com sofrimento as larguezas com que às vezes costumaõ fallar as partes, ou por menos ajuizadas, ou por menos entendidas, ou demasiadamente apaixonadas; cujos excessos debes sofrer na consideração de que as injurias as distingue o animo livre de injuriar, e nem o menos ajuizado, nem o ignorante, nem o apaixonado o tem livre para te fazer injuria; e assim a debes sofrer, quando lenaõ atravesse o arrojo ao desprezo do teu lugar, e do bem publico, o que conhecerás facilmente, considerando o que te fica dito na Lição, da

Authoridade.

escreve Seneca: *Quis sibi malè conscius est, se putat attractum.* A Philippe II. ou ao mais prudente dos Philippes, foraõ fallar duas pessoas de certa Comunidade sobre hum negocio; havida a licença, o mais antigo tomando a mão para informar, se demasiou nas palavras, e no tempo, escutando o ElRey com todo o silencio, e repouso, e foy aqui tanto, que acabando o primeiro, perguntou ao segundo, se tinha mais que advertir, o qual sentindo, que devia ficar cansado, e enfadado, com graça lhe respondeo: *Senhor, o que eu tenbo que advertir, he, que Vossa Magestade nos mande despachar com brevidade, que a não ser assim, será força, que torne meu companheiro; parecendo-lhe que podia servir de ameaça outra arenga*

como a primeira; e certo, que se houver razoens prolixas, sem cortallas he penoso, quanto mais se forem sem razoens, e injurias; mas nisto mostrará o Ministro a grandezá do seu animo em o sofrimento.

Verdade he, que palavras contra o decoro lastimão o coração mais fundamente, que os tormentos mais graves, e por isso canoniza o Senhor por *São Matheus cap. 15, n. 11.* com o nome de Cortezãos do Ceo, não só aos que padecem feridas de flexas, e crueldades dos martyrios, mas tambem aos que sabem tolerar injurias, porque tem estas os fios mais penetrantes, que agudas espadas. Não fez mancha em a constancia do pacientissimo Job tanto tropel inhumano de dores, como descarregou sobre elle o Ceo de diluvios; mas logo que mudou a bateria, e desde os beijos começaram repetidas offensas a contrastar seu decoro, principiou a titubiar o muro incontrastavel de seu valor. Sentio o grande Basilio as injuriosas sem razoens de Eusebio; mas por isso mesmo porque são duras ao sofrimento, são os mayores trophéos da paciencia. Conta Probo Emilio, que prezando-se hum de Philolopho, tinha por estylo na metade do Inverno, quando os passaros cahem de frio, despir-se, e abraçar-se com as Estotuas de bronze, que havia em a praça, gabando-se de sofrimento, e ter endurecidas as carnes, e como armadas contra as mudanças, e asperezas do tempo: perguntando-lhe outro se lhe dava pena a frieldade do bronze? Respondeo, que não: *Dessa sorte*, disse o outro, *que grande coisa fazes, o mesmo farey eu no verão, quando não sintas, nem me seja penoso o frio*: querendo dizer, que o esforço virtuoso se deixa ver em as cousas, em que achamos difficuldade; e por isso disse Seneca, que não estava o valor em não sentir as offensas, e só se achava em sofrer as injurias: *Non sentire sua ma-*

la, non est hominis, non ferre, non est viri.

Santo Ambrosio no *oitavo dos seus Sermoens* diz, que louvará a virtude do Piloto, que na administração de seu officio não sente nenhuma tempestade, a que dirija, e governe a carreira do seu navio sem embaraço da tormenta; mas que mais louvará ao Piloto, que pelejando contra os ventos, oppondo-se às ondas, não teme o perigo, quando ou a furia do vento, ou a alteração das ondas, levanta o navio a visitar o Ceo, ou o abaixa a examinar o Inferno; e que da mesma sorte merece ser louvado o Piloto de si mesmo, que com a paciencia vence, e com a virtude avassalla as cousas adversas, não se alterando com as adversidades, nem com as prosperidades. Em hum, e outro tempo debes viver, ó Ministro, com animo tão foccegado, que se te não conheça mudança; e se tens paciencia para ouvires tantos chuveiros de mentiras, como são as lisonjas, que cada instante se te dizem, como te falta paciencia para ouvires a razão dos que te requerem?

Officio ehamão os antigos a obrigação de cada hum, que devemos medir pelas qualidades das pessoas, a quem havemos acudir de obrigação: para remediallos, he necessario soffrellos, sem que nos valha a escusa de que são malevolos impertinentes, e infofriveis; quando se nos deu a obrigação de que seriaõ bons, ou máos? Se forem bons, devemos louvar a Deos por isso, e se máos, rogar a Deos pela sua emenda, e tratar de os melhorar já com medicamentos asperos, já com brandos, conforme o humor, em que peccar seu vicio, e sempre com paciencia.

L I Ç A M XVII.

Do sofrimento das Murmuraçoens.

NÃO te queremos só sofrido nas injurias, mas he necessario o sejas tambem nas murmuraçoens, que não differem das injurias mais, em que estas se dizem na presença, e aquellas na ausencia. De tres maneiras se murmura, ou dizendo mal, a que se chama *obtreção*, ou diminuindo, a que se chama *detração*, ou vituperando, ou louvando para engano, a que se chama *calumnia*; e tudo tira a escurecer a fama alheya por palavras occultas, ou papeis secretos. E contra ninguem armaõ as linguas dos murmuradores mayores baterias, que contra os que governaõ: a estes fazem tiro com mais vehemencia as hervadas settas das murmuraçoens; por isso a estes he mais necessario o sofrimento.

O que occupa posto eminente, se acha attendido de todos, envejado de muitos, de qualquer parte exposto à censura; e de mais disto as materias praticas de ordinario são igualmente provaveis, os juizos dos homens diversissimos, e nenhuma modestia se póde ajustar de modo, que não descubra a donde a possa morder a malignidade, como sente *Valerio Maximo lib. 4. cap. 7. Nulla tam modesta felicitas, quæ malignantes dentes vitare possit.* E por esta razão desenganem-se os que governaõ, que por mais que se ajustem, não poderão evitar as censuras; mas no sofrimento dellas realçaráõ mais a magnanimidade do animo.

Muitas consideraçoes ha Christãs, e Politicas, de que se podem valer os que governaõ, para senaõ deixarem vencer de murmuraçoens; e muitos exemplos, a que se arrimem para contrastar este vicio. A primeira, e principal: que governaõ taõ acertado, como o de Deos? Que esty-

lo taõ alheyo de calumnia, como o de sua altissima Providencia? Com tudo isso não se escusou de ouvir murmuraçoens, e de soffrellas; e se o governo de Deos, sendo taõ ajustado, que he impossivel haver erro, que mereça censura, as experimentou, como poderá acertar o homem, embaraçado entre tantas trevas de ignorancia, sem que mereça calumnias?

E assim tu, Ministro, para levares com sofrimento as calumnias, devés fazer tambem consideração, que sempre ha de haver quem sinta, e falle contra teu governo; e se os castigares a todos, acabarás com tua jurisdicção, não deixando contra quem exercitalla; ou pelo menos te privarás de grandes sujeitos, de que te poderás ajudar. Os Lavradores, diz *Seneca lib. 1. de Clementia cap. 10.* condemnaõ em Jupiter a distribuição das chuvas, os marinheiros accusaõ seu rigor em as tempestades. Não ignora Jupiter tudo isto, mas dissimula, porque se houvera de castigar todas as blasfemias, em hum dia acabara seu Imperio; e por isso disse *Plataõ*, que era cousa impossivel consumir todas as maldades: *Impossibile est omnia mala extirpare*; e assim diz *Tacito*, que os vicios se haõ de perpetuar em quanto durarem os homens: *Vitia erunt donec homines, sed nec hanc continua, & malorum interventu pensantur.* Em hum Imperio livre não he conveniente, que os entendimentos, e linguas sejaõ escravos, dizia *Tiberio*, como refere *Suetanio na sua vida*, ao qual se chegou hum dia a queixar hum Cortezaõ, de que o murmuravaõ com demasiada impiedade seus emulos, e disse-lhe: *Sabi a passear, e divertivos em os campos de Flora, e ouvireis a muitos, que dizem mal de mihi, e nada me embaraça.*

Carregue tambem a tua consideração sobre que nem aos Principes supremos perdoã as linguas dos mal dizes; antes tanto he mayor o dominio, mas estendida a jurisdicção,

tanto são mais crescidas, e frequentes as murmurações, mas mais bem dissimuladas; porque he proprio de grandes Reys igualmente fazer bem, e ouvir ruins palavras. Tres bons Imperadores Theodosio, Arcadio, e Honorio, pay, filho, e sobrinho, deixaraõ a este proposito huma ley taõ divina, que parece se fez no Ceo, que referimos em Portuguez da sorte que está em Latim no *Setimo titulo do livro 9. doCodigo*, e diz assim: *Se alguem por falta de modestia, ou por obra de insolencia, pensar tem licença de offender nossa reputação com pasquins insolentes, e embebedado de sua paixão, murmurar de nosso governo, queremos, que não seja culpado, nem receba pena, nem castigo algum por isso; porque se o fez de liviano, merece perdão, se de furioso, piedade; e se por injuria, lha havemos remittir, e perdoar; e assim mandamos, que se nos reserve o conbecimento de similhante cousa absolutamente, para que considerando a qualidade das palavras pela das pessoas, vejamos se se ha de dissimular, ou castigar.*

O dente venenoso da calumnia não crava suas iras em os plebêos, sempre aspira a inficionar o mais alto; e por isso convem, que o Principe, e Ministros tenhaõ estômago de Abestrúz, que dirija ferros, e vista plumas. Isto he, que com a magnanimidade de seus animos tirem fumos das mayores durezas, com que vistaõ de agrado, e suavidade suas acçoens. Não os amedrentem demasiado as calumnias, que não tem fundamento, nem taõ pouco as desprezem com ligeireza, antes com demonstraçoens contrarias devem trabalhar de desvanecer os falsos rumores em seus principios, para que de faiscas não passem a incendios, persuadindo se, que os que não sentem seus discreditos, são troncos; e os que com qualquer ar adverso se quebrantaõ, são vidro. Os que com leve occasião montaõ em colera, e

prendem em vinganças, são Feras, e os que presumem embaraçar quanto os molesta, ignorantes. Os que da sua parte escassaõ as occasioens, prudentes. Os que tolleraõ com serenidade as sem razoens, a que não deraõ causa, Christãos sabios. Muito ha de mister de dissimular, quem ha de obrar muito. O animo, que se perturba com qualquer rumor adverso, e se mostra desalentado com leves causas, não emprenderá resoluções gloriosas. Aquella cabeça grande da Igreja Pio II. occupado sempre em o meneyo dos livros, e negocios Ecclesiasticos, e em as expediçoens contra o inimigo commum, foy constantissimo em remittir offensas; nunca o embaraçou, que se discorresse, e fallasse finitramenta de suas acçoens, cujos passos seguiu Pio V. a quem hum homem infamava com satyras, e pasquins, o qual colhido neste crime, lhe foy appresentado, e lhe perguntaraõ, que castigo arbitrava a tal insolencia, e ousadia; e ao tempo, que se cuidava, que o mandava ao patibulo, disse ao delinquente: *Se isso, que dizes, toca na baixeza de meu nascimento, na pobreza de meus pays, ou na miseria de meus parentes, taõ longe estou de me dar por offendido, que me dou por obrigado; porque isso mesmo me digo eu a mim mesmo mil vezes, para que esta memoria me sirva de pejo contra a grandexa do meu estado, e contra a magestade do meu officio: porém se acaso murmuras do meu governo, porque julgas, que obro cousas desencaminbadas da razão, pessote que me não infames com os Povos; dize-me tudo em particular; e para que mo possas dizer, acharás fraqueada a porta, e livre a entrada. Dize-me finalmente o que em mim vires mal feito, e mal ordenado, que bem sabes, ou deves saber, que eu não somente sou ouvido, mas amante da verdade, e tanto que a ouço, logo me emendo. Que valente documento para os que governaõ! E que acertada maxima para o acerto!*

acerto! Bem differente do que tinha seguido seu antecessor Pio IV. porque não lhe approvando elle a creação, que fizera de dous Cardeais seus parentes, lhe chamou Frade ignorante: e reprovando-lhe em outra o tirar a Legacia de Avinhaõ ao Cardeal Farnesio, para a dar ao Cardeal Borbon, o descompoz. com palavras injuriosas, dizendo-lhe, que lhe havia de tirar o Capello, a que lhe respondeo: *Semotirares, vestirey outra vez o de Frade, e me tornarey à minha Ordem dos Prégadores, que me não ha de lançar fóra por dizer as verdades.*

Sabido he em as Historias, e Annais de França, como as paixoes, e odios se levantaraõ contra Carlos IX. Rey de França, e quantos insolentes, e atrevidos papeis se escreverãõ contra elle; e pertendendo El-Rey castigar aos Authores, e prohibir, que corresse os papeis, lhe aconselhou seu Secretario Nicolao Nova Villa real, que de tal não fizesse caso, porque tinha aprendido dos sabios, que tudo sofre o papel, e quanto mais se védaõ as satyras, tanto mais se estimãõ, e buscaõ com cuidado; a privação causa desejos, e o difficultoso aviva a curiosidade; se as encobre o medo, durante a vida do Principe, sahem depois della mais atrevidas. A

penna dos Authores augmenta a estimação de seus escritos, e assim vem a ser em tais casos odioso o castigo: culpaõ a quem manda, e honraõ a quem padece; por onde erraõ muito os Principes em apaixonarem-se por extinguir os escritos, que os desgostaõ: porque fazer averiguação para castigar os Authores dos libellos, he dar-lhe demasiada authoridade disse *Tacito no livro 4. : Punitis ingeniis gliscit auctoritas*, he fazellos famosos, e perpetuallos em bronze, he mostrar o Principe franqueza, e provocar os genios satyricos, descobrindo a parte em que podem dar a ferida mais sensível. Intentava Adriano VI. deitar no Tibre, ou reduzir a cinzas a Estatua, em que em Roma se costumavaõ fixar os libellos; dissuadio o aquelle grande Embaixador o Duque de Sela, que arrojado o Palquim na agua, não deixaria de molestar à maneira de arrã com vozes importunas, e abraçado empenharia aos oculos de seu sequito em celebrar cada dia com novas satyras suas exequias.

Não menos debes considerar, que he excellente politica, e razaõ de estado, não mostrar dor em as censuras, como aconselha *Alciato no Emblema 163.*

Audent flagiferi matulæ, stupidique Magistri,

Bilem in me impuri pectoris evomere.

Quid faciam? Reddam ne vices? Sed non ne cicadam.

Ala una obsterperam corripuisse ferar?

Quid prodest muscas operosis pellere stabris?

Negligere est facius, perdere quod nequeas.

Porque he irritar as palavras satyricas, e chamallas, a que como moscas se sentassem em a chaga, sendo mais seguro retirallas com o ar do desprezo, que atravessallas com a ponta do rigor. Ignorar os delinquentes em as offensas proprias, teve Julio Cesar pelo perdaõ mais grato; desprezar as calumnias, he o melhor modo de castigallas,

quem fere, não fere por ferir, senãõ por causar dor: o fructo da offensa consiste em o sentimento do offendido, e assim quem burla o golpe, mostrando não sentillo, refunde seu sentimento no offensor, frustando seu designio; e diz Seneca, que não he pequena vingança tirar-lhe das mãos o deleite, que esperava ter de ver irritado

do ao que se dá por desentendido, em que se mostrou rara a politica de Nero, que havendo-se levantado tão injustamente com o nome de cruel, por suas muitas atrocidades, em dissimular palavras de injuria foy finalada sua tolerancia, mostrando-se com aquelles mais benigno, que com mayor liberdade o haviaõ satyrizado. Não ha offensa, que se deva mais dissimular, que a das linguas, e das plumas. Os animos heroicos, e generosos se vingão bastantemente com mostrar se podem vingar; Alexandre se ria dellas, Augusto as premiava, Tiberio, e Tito não faziaõ caso dellas. A Vespasiano Imperador se queixou hum Senador, de q hum Cavalleiro Romano o murmurava muito; e esperando, que o castigasse, lhe respondeo, que não convinha murmurar dos Senadores: mas que era civil, e licito murmurar, e remurmurar dos Senadores, accrescentando, que tirava huma prerogativa de dignidade a si mesmo, o que não era murmurado. Refere Plutarcho, q havendo os Peloponenses recebido muitos beneficios de Philippe, Rey de Macedonia, esquecidos delles, se rirão, e zombarão de Philippe, dando-lhe muitas sorriadas de assobios nos Jogos Olympicos; e que sendo Philippe advertido dos amigos, que castigasse aquella injuria, respondera: *Se os Peloponenses são de tão depravado genio, que zombarão de quem os tem enchido de beneficios; que farão, se receberem castigos?* Julgou o prudentissimo Rey, que os murmurados não se haõ de provocar com vingança, para que com mais liberdade soltem as linguas.

Convem, que vejas as satyras, e

*O! utinam, quod Discipulos tu, Christe, rogasti;
Presbyter, & Princeps, plebsque rogaret idem!
Quid de me dicunt homines? Si sapè regaret
Quisque, malum sciret se, meliorque foret.*

Que traduzidos por Dom Francisco de la Torre, concluem o seguinte:

Ojalá,

murmurações do Povo, como o doente as Medicinas, que não porque amargão, as aborrece, antes bem desejo da saúde, o obriga pelo sem favor; as murmurações, iatyras, e libellos famosos são semelhantes ao ferro, que corta, ao fogo, que cauteriza, que ainda que causem dõr, não está nelles o damno, senão em a chaga; pôdem ser efficaz remedio, ainda que seja finitra a intenção, que os applica. Desconfiado de que a arte, nem os medicamentos o podesse curar de hũa postema, buscava Phalero a morte em a batalha, e huma ferida penetrante do contrario lhe ferio a postema, e lhe deu saúde, com que achou em as armas inimigas a cura de sua doença desesperada. Nenhuma medicina he tão poderosa contra o cancer dos vicios, que o erro da censura. Inimigo he de sua propria saúde, quem se torna contra elle; com menos ruido se pôde tirar a causa, que castigar o Author; em vão se enfurece contra este, quem profegue em dar materia sobre que o murmurem. Conta Eneas Sylvio, que accusando se diaute do Imperador Sigismundo a demasiada insolencia com que murmurava a multidão do Povo de Alemanha, respondera: *A vós vos parece grave, e pezado, que elles fallem mal, quando nós obramos mal;* insinuando, que em nós mesmos está o viver bem, ou mal. Não he ligeireza, senão valor, emendar teus erros; grandeza he de animo fazer-se discipulo da murmuração, e de conselho seu emendar as proprias resoluções, quando são erradas. E para este fim deseja *Wem libr. unic. Epigr. 232.* que todos perguntem, o que dizem delles:

Ojalá, que perguntassen,
 Rey, Ecclesiastico, y plebe,
 Lo que en clausula tan breve
 Christo, porque le imitassen!
 Si a menudo preguntaran,
 Que es lo que dizen de mi?
 Supieran el mal de si,
 Para que assi le emendaran.

Addicion.

Al Reyno de la razon,
 Que vás muy errado vi,
 Pues con grande presuncion
 Has dado en hazer tefon
 De no preguntar de ti.
 Sin preguntar-lo entendi,
 Y hallo, que es cuenta cabal:
 Pues de todo le habla mal,
 Que tambien lo haran de mi.

Para evitar este risco politico; em que haõ perigado cabedais de grande porte, convem-te, que ajustes com tal diligencia tua vida, e acçoens, que não achem os genios mordazes em que offender-te: porque o bom não só ha de evitar o crime, mas ainda a suspeita delle, como escreveo Suetonio: *Bonus tam crimine, quam suspitione careat.* Obra de modo, que não faya de teu procedimento a menor faysca, que acceza a sopros da malignidade, ponha fogo ao palacio de tua opiniaõ; foga ainda às apparencias, que coloradas da falsidade, pôdem ser crimes; não seja, que ferida, ainda que ligeiramente, tua fama, se augmente a suspeita, que nasceo em braços da occasiaõ. Não só debes esusar em tí os defeitos verdadeiros, senão tambem a possibilidade de que os finja a malicia; que nenhum se atreverá a ser accusador de tua innocencia; porque contra a verdade conhecida não ha penas taõ livres, que presumaõ fingir delictos provaveis; que buscar sombras em os rayos do sol, he querer derramar húa noite de trevas sobre as luzes flamantes do meyo dia; não he só falta de vergonha, senão de juizo.

Nem tudo o que te differem, debes crer: differaõ a Pelópidas, Capitão Thebano, que hum soldado, de cujas façanhas tinha largas experiencias, murmurava de seu governo; e respondeo: *Vejo suas obras; mas não hey ouvido suas palavras.* Valorosa, e prudente resoluçaõ, não perder por hum seisma esforço de taõ grande importancia em a milicia; mas muito mais valorosa, e prudente a de Antigono, successor do grande Alexandre, que ouvindo dous criados seus murmurar grandemente da sua pessoa, entendendo, que os não ouvia, lhe disse: *Afastai vos mais, não vos ouça El Rey.* Não menos valorosa, e prudente foy a outra resoluçaõ do mesmo, que ouvindo huma noite dizer mal de si com liberdade a huns soldados pelos levar por hum caminho aspero, em que se havia perdido, os foy buscar, e guiou para estrada direita, e ajudando-os a levar a carga, que traziaõ, lhe disse: *Agora dizem mal de Antigono, mas dizem bem de quem vos tirou das asperezas, e ajudou a levar o pezo.* Do mesmo refere Seneca, que cercado aos Gregos em hum Castello, e fiados estes na aspereza do sitio, lhe diziaõ muitas injurias; e para mais o afrontarem, formaraõ huma estatua humilde desnarrigada, em que o representavaõ para occasiaõ de mais elcarneo. Não desistio Antigono da empreza, até que rendidos às mãos da fome, se entregaraõ os Gregos, dos quais huns, que tinhaõ capacidade para a milicia, mandou alistar por soldados, e repartir pelas Companhias, e outros mandou pôr em pregaõ, dizendo, que nem isso fizera, senão fosse conveniente, que tivessem senhores os que tinhaõ taõ má lingua; doutrina, que parece havia aprendido de Xenocrates, de quem escreve Eliano, que instado gravemente de alguns, que respondesse às injurias com que Plataõ o accusava de ingrato, disse: *O que faço he bom,*

bonum, e commodo meum, porque não ha cousa, que mais convenha, q̄ não vingar a lingua as afrontas dos ouvidos.

E se quizeres outra melhor regra para sofrer com paciencia as murmuraçoens, e libellos, nem as procures saber, nem dês orelhas a quem tas quizer referir, antes debes responder o que respondeo certo homem, segundo *Maximo Sermão 10 a hum*, que lhe veyo dizer, que presente elle, dissera outro muitas injurias contra elle: *Se tu não as ouvisses voluntario, nunca esse tão solto me mordera tanto*; ou o que respondeo Sócrates, como escreve *P. M. livro 3. apoph.* *Não murmurou de mim, porque essas cousas, de que me mal disse, não as ha em mim*: pouco importa, que mal diga, quem me não póde fazer mal; ou toma o conselho de Epitecto, que no *Enchiridiaõ* diz: *Se te vem a dizer que algum ha fallado mal de ti, não te embaraces em negar o que ha dito; responde somente, que não sabe todos teus vicios: porque*

Credulitas error potius, quam culpa videtur;

Est error nimium credere, culpa parum.

Qui cuius quidvis credit, male creditur illi,

Quo creditis mihi plus, hoc tibi credo minus.

o que teme a opiniaõ do vulgo, não terá nunca sua opiniaõ; e assim, se ajustando tu tuas acçoens com a regra de toda a rectidaõ, ainda não deixar de ladrar a calumnia, despreza, e busca a satisfação no seguro de tua consciencia, vivendo consolado na certeza, de que são bemaventurados aquelles, que obrando bem para com Deos, são mordidos; e murmurados dos homens, como escreve *São Matheus no capit. 5.:* *Beati estis, cum maledixerint vobis homines, & dixerint omne malum mentientes propter me.* Não excuses funçaõ alguma propria de teu officio, por temor de que te censurem; porque devemos saber quem somos, e não a reputaçãõ em que estamos, como aconselha Seneca: *Quis sis, interest, non*

*houvera dito mais, se o houvera conhecido, e principalmente quando se murmura como particular, sem offensa do bem publico, não se te dê nada de que o Povo te tenha por extravagante, porque desprezas as cousas exteriores; nem tão pouco affectes com particular parecer homem sufficiente; e se por sorte succeder, que se faça algum caso de ti, desconfia entãõ de ti, porque he extremosamente difficil o de xarte levar do exterior, e conservar em ti huma resoluçaõ conforme a natureza, e modo de viver, que has proposto, e não póde ser, que faça hum sem que faça outro, para o que he excellente regra, não dar ouvidos a mexeriqueiros; porque quem os ouve, e não os castiga, no juizo de Suetonio, os persuade: *Princeps, qui delatores non castigat, irritat.* E tambem não dar credito a tudo, nem tão pouco não crer nada; porque igual culpa he o crer tudo, e o não crer nada, no sentimento de Wem:.*

quis habearis. Não deixa de semear o Lavrador por medo da formiga, ou lagosta. Cumpre tu com a tua obrigaçaõ, e fia dos maldizentes, que comprirão com a sua. Não ha subido ao cume da mayor felicidade, quem não ha chegado a padecer as linguas do vulgo, escreve Seneca, ou seja prova do merecimento, ou meyo de assegurar-se no throno, aquelle só se póde chamar feliz, que sabe desprezar seu mesmo delprezo: *Non dum felix est, si non te turba deriserit; si beatus vix esse, cogita hoc primum contemnere ab aliis contemni.* E adiantando Aulo Gellio este discurso, accrescenta, que o ultimo louvor dos bons he o vituperio dos máos: *Ab improbis irrideri, laudari est;* e Plataõ sobre a mes-

ma materia deixou escrito, que se havia temer, e reverenciar mais o juizo de poucos bons, que o parecer de muitos máos: *Prudenti verò paucorum, sapientium magis, quàm multorum incipientium judicium est verendum.* Mostrar-se insensível aos golpes da maledicencia, he qualidade de hum coração verdadeiramente regio, como o Leão coroado, que vê com semblante sereno os gozos, que não consegue irritallo com seus latidos. Os rumores falsos são montes de espuma, que com a mesma facilidade com que se levanta, se desvanecem, e a vida presente he o oróscopo, por onde se acha certo juizo do que foy a passada. Nem o artificio do relógio se move sem pezos, nem o navio sem lastro, nem a carreira desta vida mortal he possível passalla sem descuido, que mereça reprehensão. Os que vivem sem freyo, se recreão em achar que reprehender em os ajustados; porque engrossando o numero dos delinquentes presumem diminuir o de seus delictos; porém o fogo das arestas depressa se apaga, e o fogo mais voraz, em faltando-lhe a materia, se consome em si mesmo: se o anno passado mentio, ou disse verdade a murmuração, cesse a causa, e cessaráo os rumores; porque quem obrando mal, presume cerrar as bocas, affecta poder mais que a Omnipotencia.

Muito queres, se pertendes, que procedendo bem, te não murmurem; mas hum impossível procuras se intentas, que ao lado de hum ruim procedimento não se encontre hum chuveiro de calumnias; e assim quando estas só attendaão a explicar algum trabalho, que padece, ou o particular, ou o commum, occasionado, ou do teu descuido, ou da tua malicia, equidade he permittir à dor algum desafogo. Basta-lhe ao infeliz sua desdita, sem que queiras tambem ferrar-lhe a boca: porque fatigar o sofrimento, e atar as linguas, he fera condição

de Tyrannos; como permittir em as calamidades o gemido, he politica do Ceo. Poz o Senhor a Job em hum muladar coberto de chagas, porém deixou-lhe livre os beigos; e da outra divindade fabulosa pondera o mesmo genio o prophano Ovidio. Pedia a Cayo Cesar hum Cidadão de Roma a liberdade de hum filho, que estava prezo; mandou o Imperador degollar o filho, e convidou ao pay, a que ceasse à sua mesa, em que se não atreveo o anciaão a derramar huma lagrima, nem dar hum final de sentimento; mas que maravilha? Tinha outro, e temeo perdello. Não foy tão inhumana a acção de degollar ao filho, como convidar a ceiar o pay, e pollo donde havendo-lhe trespassado o coração, lhe não era licito respirar. Trabalhada padecia nossa Republica, disse Pacato a seu Principe Theodosio, quando sendo miseraveis por tantas cousas, não tinhamos a menor licença de parecello, antes obrigados a mentir o semblante, como se fora materia de furto o sentimento, e a penas o podiamos fiar em segredo aos muy proprios.

L I Ç A M XVIII.

Sobre a Vingança.

NA diffinição da paciencia vimos, que era hum sofrimento voluntario, e bem ordenado da sem razão conhecida, sem animo da vingança. Muy longe está de sofrido o que conserva encerrado em seu peito hum animo vingativo; tão fóra vay dos termos de virtuoso o que he vingativo, quanto dista o vicio da virtude, nem mais contrario à paciencia que a vingança, nem cousa mais ajustada ao sofrimento, que o perdaão. Não sendo a vingança outra cousa mais, que hum castigo da injuria, ou afronta recebida, mal pode ser paciente, o que he vingativo: nada mais contrario do perdaão, que o

castigo, nada mais amigo do sofrimento, que o perdão em as afrontas, ou injurias recebidas. Será pois, amigo, ou inimigo Ministro, todo o empenho desta Lição o persuadir-te, que para seres sofrido, não deves ser vingativo; pois não vive a paciência entre as vinganças. Bem quizeramos nós, ó paciência, Rainha do Universo, que te celebraraõ antes nossos costumes, que nossas vozes; porque da brandura do teu genio nos consta, que te agradaõ mais para throno do teu discurso a mansidão, e conselhos de paz, que os vaõs, e nús louvores da voz, e que teu principal estudo, não he multiplicar virtudes, senão aperfeiçoallas. Mas o Soberano Monarcha dos Ceos, e terra, absoluto, e independente Senhor de todo o creado, nos dá tão poderosos auxilios, que possa ser nossa vida mais eloquente Mestre desta virtude, que nossas vozes.

A necessidade, que temos de ser perdoados, he o argumento mais eficaz, que nos deve mover a perdoar. Quem com seus offensores usa de clemencia, obriga em certo modo a Deos que use com elle de misericordia, segundo São Matheus. Como ha de alcançar perdão de suas culpas, o que não guarda a Ley Divina, de reconciliar-se com o proximo, e perdoar-lhe primeiro seus aggravos, quando mais irritado o Senhor com os mortais, disse, que poria o arco sobre as nuvens, de cuja vista se inclinaria à piedade. Compoem-se o Iris de dous elementos contrarios, agua, e fogo, e vivendo unidos em amigavel concordia, se vê obrigado a perdoar, derramando os thesouros da sua misericordia sobre a terra. O que deseja, que Deos se aplaque, e troque seus rigores em beneficios, o meyo he fazer bem aos que lhe haõ feito mal. Sabida he a sentença, a que Santo Ambrosio chama formidolosa, que se aos nossos irmãos não perdoamos as

pequenas injurias, e afrontas, não nos perdoará Deos as grandes, que contra seu Real acatamento havemos commettido. Em tão desfeita tempestade de calamidades, como affinaraõ a paciencia a Job, só experimentou ao Senhor generoso, enchendo-o de mercês, quando rogou em fervorosa oração por seus inimigos. Amigos os chama a Escriitura, porém seu proceder era de inimigos muy crueis: amigos eraõ, mas amigos dobrados; e amigos dobrados saõ inimigos dobrados, pois em quanto Job ha padecido, merece menos que em rogar por aquelles, que fingindo semblante de amigos, lhe trespassava o coração com seus conselhos; e por isso aqui troca Deos as mãos, e enche agora de beneficios, a quem havia exercitado antes com tanto tropel de calamidades.

Escreve Seraphino, que em certa Cidade deu hum Cidadão a morte a outro, que tinha hum irmão rico, e poderoso, que procurava por todos os caminhos a vingança; e resoluto o matador a pedir perdão ao irmão do morto, posto ao pescoço hum barãoço, em huma Sexta Feira Santa, buscou occasião de encontrar-se com elle; topou-o o offendido, e quando alterado o sangue, irritado o coração, traçando a capa, hia a lançar mão da espada, se arrojou a seus pés o offensor, e com palavras humildes disse: *Que lhe perdoasse pelo amor de Deos, e de JESU Christo seu Filho, que aquelle mesmo dia padeceo por todos os peccadores, e que se não suspendesse a espada, lhe apertasse aquelle laço com que a menos diligencia poderia tomar vingança.* Ficou suspenso o offendido; titubiou o valor entre os estimulos da colera, atando-se o pezar à vista do espectáculo; e o braço perdeu a força, o duro do coração brotou ternuras; e em fim tocado do Ceo, se expoz a huma bizzarria; levantou-o do chão entre seus braços, deu-lhe

dei-lhe o beijo de paz, e lhe disse: *Ide em paz amigo, que já estais perdoado.* Aquella seguinte noite, quando em os ocios do sono descança o mayor cuidado, (caso milagroso!) lhe appareceo JESU Christo cercado de relplandores, e lhe disse: *Porque por amor de mim perdoaste a teu inimigo, te faço a saber, que nesta mesma hora hey tirado a alma de teu irmão do Purgatorio, e assim mesmo a alma de teu pay.* Demais disto te convidou a ti para o oitavo dia, em que deixada a miseria deste mundo, entrarás a ser Cortezaõ da minha gloria: e preparado como Christaõ à hora, que Christo lhe finalou, rendeu a alma, e foy a gozar dos theouros da Jerusaleem triunfante. Similhante caso conta Oforio de huma Matrona viuva, que matando-lhe certo Cavalleiro hum filho unico, que tinha, e podendo o entregar à justiça, que o buscava, lhe mandou sellar hum cavallo, e dar dinheiro para que se ausentasse; e posta em oração, lhe appareceo seu filho, e com semblante alegre lhe disse: *Em haveres perdoado, ó mãy minha, a meu inimigo, e em haveres-me offerecido a Deos em tuas oraçoens, has mostrado ser mais minha mãy verdadeira, do que em gerarme; com tua piedade, e rogos has alcançado de Deos perdoão de todas minhas culpas, e de muitos annos, que em recompensa dellas tinha de estar no Purgatorio.* Muy igual he o caso, que refere Brito, que matando em certa Cidade hum Cavalleiro a outro, tratava o filho do morto da vingança; e por fugir a esta, se ausentou o matador para a Corte do Cezar, aonde em seu alcance foy logo o aggravado com trinta de escolta, e topando-se em huma rua ao tempo, que o Cavalleiro offendido, traçando a capa, hia a esgrimir, e desembainhar a espada, e com elle em hum ponto trinta nuas espadas, tomou o offensor a sua, e deitando-a aos pés, postos os braços em Cruz, e postrado de joelhos, pediu

que lhe perdoasse, e que usasse de piedade com hum rendido. O Cavalleiro reverenciando a Cruz em aquella submissão, attendendo prudente a que havia conseguido a victoria, pois o contrario estava a seus pés vencido, reprimindo os ardores da colera, e suspendendo o braço, mandou a todos os demais, que não o offendessem; e virando-se para o inimigo, disse, *que por respeito da Cruz figurada entre seus braços, não fazia só amizade com elle, senão que lhe perdoava de todo o coração toda a afronta:* dito isto, se foy a huma Igreja, e inclinándose-se a fazer oração a hum Crucifixo, (successo raro!) a preciosa Imagem do Salvador o saudou por tres vezes, inclinando a cabeça. Não se pôde dizer mais, nem pôde chegar o louvor do perdoão a tanto elogio, nem a grandeza tão heroica, que honre Deos com tanto extremo a quem em honra sua perdoa aggravos. Que reverencee o Author da piedade, a quem por sua reverencia remittio a vingança, este he o laurel, este o premio com que remunerar Deos aos que perdoão aggravos, que como he victoria tão divina o remittir a vingança, parece, que Deos ainda não quer dilatar o galardão, senão que de contado, remittindo penas temporais de seculos, lhes dá a gloria. Oxalá todos os vingativos se vejaõ as estes espelhos, para que a seus visos aprendaõ a salvar-se!

Nenhum credito realça tanto a sabedoria, como huma discreta ignorancia dos agravos; não procurar vingança, e esquecer das injurias, he o mayor troféo de hum animo generoso; e unico remedio das injurias o esquecimento dellas, como escreveo Publio Mimo: *Injuriarum remedium est oblivio.* Condemnada está pelo mayor dos sabios aquella maxima tão praticada no mundo, que cada hum receba igual retorno de mal, ao que fez. O castigo dos máos he regalia de Deos, que disse, que sua era a vingança, e o

retorno. A Deos ufurpa esta regalia de seu poderoso braço, o que toma à sua conta o vingar-se. Entre as acclamaçoens de sua coroaçoão não deixaraõ de chegar a David palavras de afronta, e desprezo; se se dera por entendido, e não castigara o atrevimento, o notaraõ de cobarde; e se o castigara, ganhara opiniaõ de cruel, e vingativo; e hum, e outro inconveniente evitou David, como em fazer-se ignorante. O mais discreto dos Gentios Seneca refere, que pedia hum homem a Cataõ, que lhe perdoasse hum golpe, que lhe havia dado sem querer no banho: respondeo-lhe Cataõ, *que se não lembrava de haver recebido*; teve por mais conforme a seu decoro ignorar o agravo, do que vingallo; e parece que deu hum passo mais adiante Sócrates, a quem hum homem falto de respeito estampou em o rosto a mão, e não tomou outra vingança, que escrever em seu rosto o nome de quem assim o havia finalado, como em as estatuas muy perfeitas costumaõ escrever os artifices seus nomes. Quiz Sócrates, se attribuisse o perfeito de suas obras a quem o havia trabalhado com injurias; só poderaõ os golpes deste cinzel, e dentes de tal lima, formar hum Varaõ taõ consummado a todas as luzes. Grande cousa he ter occasiaõ de exercitar huma virtude, que aperfeicoa todas as virtudes. Todas em o jardim da perfeiçaõ estaõ em agraco, até que as madura, e fazona a paciencia.

A occasiaõ da vingança he mais exame do que cada hum de nós he, do que outra alguma cousa: porque nella se vê se somos, ou escravos da ira, ou amigos da clemencia; porque tudo fora duvidoso, se para qualquer parte não poderamos ser levados. Muitos tem para si, que não são vingativos, e em lhe chegando o toque da experiencia, nos braços da occasiaõ conhecem o que são. Não digas, que te podes vingar, porque tens a occasiaõ

na mão; outros fins tem o poder; e melhor he não poder nada, que querer executar quanto se pôde. O mais nobre genero de vingança, he perdoar a quem podendo, não se vinga, mas perdoa; esse toma a mais sangui-nolenta vingança. Depois de haver tido David em suas mãos a Saül, e haver-lhe perdoado, podendo dar-lhe a morte, se fere a golpes o coração arrependido; não se dóe da vingança, que não ha tomado, senão de não haver-lhe dado a entender, que se pode vingar; porque deste perdaõ se havia sentir mais Saül, que da morte; e para a fama de David havia de ser triumpho de sua gloria. Que mayor dôr para quem fez a injuria, que ver que a perdoa, quem a padece, e pôde vingalla? Não quiz outro mayor castigo o Catholico Rey D. Fernando, quando voltou de Napoles a governar Castella, a instancia da Rainha Dona Joanna sua filha, e mulher de Philippe I. que por morte da Rainha Catholica succedeo no Reyno; desembarcou em Barcelona, aonde lhe foraõ beijar a mão muitos Grandes, e Cavalheiros de seus Reynos de Castella, e Leaõ, que o haviaõ desamparado, e seguido ao Rey Philippe seu genro, e elle os recebia sem mostrar memoria disso, até que chegou a pedir-lhe a mão hum Cavalheiro muy regozijado; e entaõ lhe disse rindo-se: *E tu tambem me desamparastes?* E elle lhe respondeo: *Quem crera, que hum moço de vinte e quatro annos havia de morrer em tres dias.* El Rey com alegre semblante lhe disse: *Não te houveras enganado, se cuidaras, que hum Rey clemente, e natural do Reyno, podera viver muitos annos, e reynar felizmente; mas bastete a ti, e aos outros por castigo o perdaõ, que a todos vos dou, podendo de todos tomar justa vingança.*

O mayor Orador de Roma Cicero na Oraçaõ, que faz a favor de Marcello, assenta, que vencer o animo,

mo, enfrear a ira, e moderar o poder, he valor sobre as forças humanas, e que poem o homem em fimilhanças de divino; e por isso disse Seneca, que o que vence a ira, triumpho do mayor de todos os inimigos: *Iracundiam, qui vincit, hostem superat maximum.* Taõ longe está de ser cobardia o perdoar, que nenhum se acredita mais de valoroso, que o que sabe perdoar suas injurias. A Escritura chama a Jacob valente ainda contra Deos, quando não se pôde mover, e está vertendo sangue; e a causa he, porque estando ferido, se mostra aos rogos de seu contrario exoravel. Por argumento mais qualificado do valor celebra o Sabio a paciencia, preferindo o que vence suas paixões, ao que vence, e rende Cidades. Quem pôde negar, diz Seneca, que argue espiritos mais nobres, e bizarros, desprezar as injurias, que vingallas; e que he para o offensor o genero mais afrontoso de vingança, que o castigue o perdaõ, deixando-o por indigno de que se tome delle outro despique. E assim se desejas alcançar huma gloriosa vingança, padece, sofre, e calla, e deixarás a teu inimigo humilhado; e não te pareça, que será cobardia o não vingarte; porque que nação houve no mundo mais forte, e formidavel, que a Romana, e que mais soffrida em as vinganças?

Ha remedios mais tristes, e perigosos, que a mesma enfermidade. Muitas vezes convirá antes render a vida nas mãos da morte, que buscar a saúde nos braços dos remedios, como escreveu Erasmo: *Odi remedia morbo graviora.* A vingança he taõ triste, e prejudicial remedio das injurias, que muitas vezes he peyor remedio, que a enfermidade; porque de ordinario se recebe em desagravo da primeira nova, e mayor injuria, porque nenhum he taõ baixo, que não possa esperar vingança de outrem, como disse Seneca: *Nemo tam humilis est, qui poenam vel summi hominis sperare non possit.* Não se ha de procurar a vingança do rico, e poderoso, porque pôde fazella mayor, nem do pobre, porque como não tem que perder, se vinga mais prestes, que o rico, que por não perder sua fazenda, e Patria, se tempera; e por isso se diz: *Cavendum est ab his, quibus nihil est, quod perdant: ab his enim citius damnum, & injuriam acceperis, quam ab aliis.* E por isso justamente Alciato no *Emblema 168.* poem por titulo: *A minimis quoque timendum.* E traz por exemplo o Escaravelho, que sendo o animal mais vil, e de menos forças, que tem a terra, acha caminho para se vingar da Aguia, Ave muy forte, e Rainha de todas as aves:

Bella gerit scarabeus, & hostem provocat ultra:

Robore & inferior, consilio superat.

Nam plumis aquilæ clam se neque cognitus abdit

Hostilem, ut nidum summa per astra petat.

Ovaque confodiens prohibet spem crescere prolis:

Hocque modo illatum altus abit.

Mayores danos busca quem na vingança busca desagravo da sua offensa, como se vê nos exemplos, que se seguem. Em a Cidade de Pistoia dous mancebos, parentes bem chegados, da familia dos Chancelleres daquella Cidade, tiverão certa pendencia, da

qual sahio hum delles ferido. O pay do ferido sentio grande enfado disto, e não menor o pay do que ferio: este, querendo satisfazer em alguma maneira a injuria, mandou a seu filho, que fosse pedir perdaõ a Micer Borthacio seu tio, que assim se chamava o pay

pay do injuriado. Fello o filho como obediente; e entrando em casa de Borthacio, logo por seu mandado tomaraõ ao pobre mancebo, e lhe cortaraõ a maõ direita, e como lha houveraõ cortado, disse Borthacio: *Anda, vaite, e dize a teu pay, que as injurias, que se fazem com sangue, se haõ de satisfazer com sangue, e naõ com palavras:* mas foy peyor este remedio, que a mesma enfermidade; porque deste cruel remedio nalceraõ em Pistoia novos bandos entre os Chancelleres; e porque todos eraõ parentes, huns se chamavaõ os Brancos, e outros os Negros, entre os quaes havia cada dia mortes, e insultos, com que se afundia a Cidade. E como já tamanho incendio naõ cabia em Pistoia, huns, e outros buscaraõ favores fóra della; e passando-se a Florença os Brancos, se arrimaraõ a Micer Veri, e os Negros a Corffo-Donato, este Guelfo, e aquelle Gibelino; Bandos, que por fimilhante causa tiveraõ principio em duas familias principais de Alemanha em tempo de Federico Barba-Roxa, ou conforme outros, de Conrado III. donde passaraõ a Italia, em que de tal maneira se accendeo a discordia, que a penas ficou Povo, nem ainda casa, donde huns naõ fossen Guelfos, e outros Gibelinos, e sem outra causa mais, que pela differença, e affeição do nome, se matavaõ huns aos outros sem excepção de pais, filhos, ou irmãos, e o damno era, que se conheciaõ logo, porque juntamente com differencar-se em as opinioens, se distinguiaõ em todas as cousas desta vida, em que se póde pôr differença, tanto, que havia de ser muy rustico, o que vendo hum homem, naõ conhecesse delle, se era Guelfo, ou Gibelino. Encarece-se tanto isto, que affirma *Ilbescas na primeira parte da Historia Pontifical cap. 184.*, que em Bérgamo, que he junto a Piamonte, mataraõ huns Lavradores a certos hospedes, só porque craõ Guelfos, e que os conhe-

ceraõ em vellos partir hum alho. E estes bandos se vieraõ a dar batalhas campais huns aos outros, e fazer-se de huma causa particular huma publica, em que se involuceraõ Imperadores, Reys, Pontifices, e Principes com taõ enlanguentadas guerras, que revolveraõ naõ só Italia, mas todo o mundo; e ainda hoje duraõ as faiscas destes incendios, sem que baste a apagar tanto fogo máres de sangue, derramados por tantos seculos.

Quantos Reynos destruidos, quantas Republicas assoladas tem visto o mundo por occasião de vinganças, he mais facil à consideração, do que à narraçãõ. Digaõ-no os lidos em as Historias; os Amontas, destruidos miseravelmente por David pela vingança, que tomaraõ em seus Embaixadores, rapando-lhe as barbas, e as cabeças: por fimilhante causa fez sangui-nolenta guerra aos de Tyro Alexandre, matando-lhe os mais dos moradores. A Cidade de Corintho, lustre de toda a Grecia, foy destruida dos Romanos, que pela mesma causa fizeram crua guerra aos Esclavinios. Athenas vio assolada, e destruida a sua fortissima regiaõ de Achaya pelos Persas. A Mithridates fizeraõ guerra os Romanos pela vingança, que tomou delles na prizaõ de seus Embaixadores; e por outras causas foraõ vencidos os Tarentinos, e submetidos ao jugo Romano. Aos Fidenates se fez guerra, e em ella succedeo hum caso de ponderação, e foy, que topando 'o Tribuno Cornelio Cosio em a batalha a Alvertes Tumnio, Rey dos Vientes, confederado dos Fidenates, a quem se fazia a guerra, e que os havia aconselhado os mataffe, disse: *Este he o quebrantador das humanas pazes, e violador do direito das gentes. Eu sacrificarey esta victima às almas dos nossos Embaixadores, se querem os Deoses, que haja em a terra cousa, que lhe seja aceita;* e investindo com elle, lhe cortou a cabeça, e posta em huma

hum lança, delanimou tanto aos seus, que a todos os degollou. Aos Genovezes se lhes tomou sua Cidade. Os Athenienles fizeraõ guerra taõ crua aos Megarenles, que os destruíraõ totalmente, por lhe haverem morto por vingança seus Embaixadores. Aos Francezes, e Tarentinos se fez guerra, por haverem mal tratado os Embaixadores de Roma. El Rey Otton invadio, e abrazou parte de Dania. Similhanes destroços, e por similhanes causas padeceraõ os de Retia em tempo de Maximiliano I. os Arabes em tempo de Heredes; os de Dalmaçia em tempo de Scipião Nafica. Simaõ Bulgario fez guerra ao Imperador Alexandre, porque fez pouca honra, e respondeo com soberba a seus Embaixadores. Laodemon, Rey de Troya, foy vencido, e morto em hum batalha pelos Argonautas, pela vingança, que tomou em huns Embaixadores seus. Sanmuto, Rey dos Egepcios, foy vencido, e prezo em guerra, que lhe fizeraõ os Persas, porque havia morto hum Embaixador de Cambiffes, e seus companheiros, e os Juizes, que se finalaraõ, mandaraõ, que em castigo de seu delicto, hum filho seu, e outros dous mil de sua Cidade, fossem levados atados com hum corda, e com huns freyos em a boca para mais triste espectáculo, e mayor desprezo, a morrer, pagando dez Egepcios por cada hum Persa. Os Megarenles foraõ castigados por muitos tempos, porque mataraõ a Antemocrito, que lhe veyo fazer hum intimaçãõ. Tomumbeyo, Sultaõ de Egypto, foy vencido, e prezo, e morreo enforcado por haver morto em odio, e vingança do Gram Turco Selim huns Embaixadores seus. Carlos Magno talou, e saqueou a Provincia dos Saxonios, porque lhe haviaõ morto huns Embaixadores seus. Clodovéo, Rey de França, fez cruel guerra aos Godos em vingança do agravo, que lhe haviaõ

feito a hum Embaixador seu. Os de Turim fizeraõ guerra aos Francezes, por lhe haverem morto hum Correyo seu.

Naõ saõ menos os destroços, e ruinas de familias particulares, que se haõ perdido, e assolado por tomarem vingança talvez de hum agravo, que ou no perdaõ, ou no desprezo tinha a mayor vingança, de que tomamos cada dia em a maõ tantas experiencias, que naõ necessitamos de exemplos, quando naõ haverá ninguém, que discorrendo pelo tempo preterito, ou presente, naõ veja, que a ruina, ou diminuiçaõ de sua familia, teve sua origem em hum vingança, e naõ reconheça a razãõ com que escreveo Seneca no liv. 2. de ira cap. 14. : *Qui primis difungi malis potuimus, in maiora divolvimur. Quosdam unius verbi contumelia, non equo animo lata in exilium projicit, qui levem injuriam silentio ferre nolluerunt gravissimis malis obruti sunt.* Como succedeo àquelle Cavallo, de quem conta Etopo, que levado do furor, naõ sey porque pendencias, que teve com hum Corfo, pedio ao homem favor contra elle, o qual promettendo-lhe victoria, lhe poz a sella, e o freyo, e montando nelle, matou o Corfo, porèm querendo ao depois o Cavallo gozar da victoria, reconheceo, ainda que tarde, que havia comprado com perda de sua liberdade a vingança, e que se antes tinha hum inimigo, agora achara hum senhor. Quem se esquece da injuria, se acredita com seu offensor, e com os entendidos; e o que se vinga com hum só acçaõ, grangêa muitos inimigos, como escreve Plutarcho : *Uno actu multos offendes. Vindicta una sæpè innumera-biles hostes facit.* O vingar-se sempre ha servido de arrependimento a todos; e o perdoar sempre grangeou gofsto a todos, e agrado, como disse Seneca de ira : *Multos vendicasse penituit, neminem pepercisse.* Todo o homem

mem prudente, e reportado, deve fugir a vingança; porque he de nescios, e de humildes o bulcalla. O magnanimo reputa por vingança só o poder vingar-se: *Magnanimus vindictam*

At vindicta bonum vita jucundius ipsa

Nempè hoc indocti, quorum præcordia nullis

Interdiu, aut levibus videas flagrantia cavis.

Grande ignorancia he quererem destruir-se a si mesmo, por vingar-se do contrario; e por isso sempre os homens grandes seguiraõ o rumo de se não vingarem, e muito menos com afrontas, e traiçoens; porque este genero de vingança sempre foy de homens ruins, de que estaõ cheyas as Historias. Vencido Saúl em os montes de Gelboé, e ferido nella mortalmente, pedio a hum Amalecita lhe acabasse de tirar a vida; e este o fez, e foy logo levar a nova a David, que ouvida por elle, sem fallar pallavra, afogada a voz em pranto, raigou os vestidos, e os que se achavaõ com elle fizeraõ o mesmo, enchendo todo o Palacio de lagrimas, e alaridos, todos se deraõ ao sentimento com tais demonstraçoens de tristeza, que nenhum comeo hum bocado em todo o dia; e ao que levou a noticia, fez que o matasem seus criados por atrevido, e cruel, pois sem respeitar a pessoa Real, teve atrevimento de fazer-lhe acabar a vida. Este foy o pago, que levou com a embaixada para escarmento daquelles, que pertendem agradar com demalias, pois por offendido, que se ache alguem, ou aggravado do contrario, se he homem de bem, como David, não permite nunca, ou pelo menos sente, que lhe fação algum ultrage, ou o mate a traiçaõ. Mortais inimigos eraõ Alexandre, e Dario; porêm sabido, he que depois de vencido terceira vez Dario, andava muy ancioso Alexandre por saber de Dario, quando chegando Polescrato lastimado, e triste, lhe contou, como

putat vindicare potuisse. Boa he a occasiaõ, que castiga, quando não agrava, como escieveo *Juvenal na Satyra 33.*

havia sido morto por traiçaõ de Besso; e logo sem deter-se hum ponto, foy aonde o achou sem vida, servindo-lhe de ataúde seu mesmo carro. Fez-se à piedade aquelle grande peito, o coração a ternura, e os olhos a choro; com lagrimas, e soluços se abraçou do cadaver ainda quente, e despojando-se de sua Real purpura, o cobrio com ella, bizarria como sua, dar ao inimigo morto seu vestido por mortalha. Muy adereçado pois, e com funebre pompa fez levar o corpo à Rainha Syfaguba sua mãy, para fazer-lhe exequias. Não se fizeraõ mayores a Monarcha algum dos Persas, pois as lagrimas de Alexandre, ao passo que lastimosas, as fizeraõ finaladas. Não eraõ menos mortais inimigos Julio Cesar, e Pompéo seu genro; mas sabido he, que destruido Pompéo por Cesar em os campos de Farsália, fugio em hum ligeiro cavallo, e se foy valer de Ptoloméo, Rey de Egypto, que por medo, ou lisonja de Cesar, o fez matar a punhaladas, de que chegando a noticia a Cesar, ficou aturdido à vista do fracazo, e lastimado o coração, arrojou lagrimas copiosas aos olhos, e entre soluços, e prantos disse: *O' Deoses immortais, porque haveis permittido, que ao homem mayor, que ha tido Roma, se baja morto a mãos de traydores? Quem venceo tantas batalhas, quem ganhou tantos triunfos, quem alcançou tantas victorias, se vê em esta desdita! Quem não cabia no mundo, se ha abbreviado a esta tragedia! A grandeza de Pompéo se extinguiu tão facilmente! O' aleivoso*

fo Ptoloméo, se o temor, ou a cobiça de agradar-me te ha movido a tirar a vida, contra o direito das gentes, a quem debaixo de teu poder se foy a amparar de ti, prestes te darey o pago, que merece tua traição, que ainda que eu seguia a Pompéo, e queria vencello, não o queria matar; e quando o matara em boa guerra, isso he de soldados; e ainda o mesmo me não fizera cargo disso, pois se ha cada qual exposto à mesma fortuna; porém matallo à traição por fazer-me o gosto, he o que me ha chegado à alma, e em vingança de sua morte, hey de arriscar a vida. O cabeça, a melhor, que teve Roma, como assim defunta? como tão ensanguentada? Como extinto teu ardor? Como tão mortos teus brios? Tiraima diante, que se me apura o sofrimento, e não podem meus olhos tolerar o choro. Desembainhada a espada, fez guerra a Ptoloméo, e lhe tirou juntamente com a vida o Reyno, que deu a sua irmã Cleópatra. Em as Historias Gregas se referem as grandes perseguições, que o Imperador Manoel Conneno fez a seu primo Simão Andrónico Conneno, até que por guardar a vida, se resolveo a deixar a Patria, e a ir viver à Cidade de Enafi, em quanto àquelle durou a vida. Morto o Imperador, se voltou a Constantinopla, e ao entrar na Cidade, foy visitar o Mosteiro de Pantocrátor, donde tinha o Imperador sua sepultura; e abraçando-se com o marmore frio, começou abrazado em lagrimas a fazer muitas lastimas, e sentimentos; não culpando ao que o havia perseguido, antes pedindo-lhe perdão, do que com suas travessuras o havia desgostado. Enterneceo aos circunstantes, e attonitos a seu choro senão podia apartar do sepulchro; e se Andrónico morrera então sem empunhar o Sceptro, podera ser applaudido por Principe heroico, tolerador de agravos. Generosas lagrimas as destes Principes, mais dignas de eternas memorias, que as lastimosas tragedias daquelles!

Julgados estaõ, por sentença do famoso Suetonio, por cobardes, quando achão resistencia, os que aos rendidos não perdoão com facilidade; e daqui disse o proverbio Latino, que o caõ, que mais ladridos dá, he mais medroso. O immortal Heytor Troyano, sendo prezo pelos Gregos, vendo, que ordenavaõ arrastallo a seus cavallos, lhe chamou lebres, e cobardes; de que fez Alciato hum engenhoso Emblema; e por esta razaõ os Lacedemónios costumando, ou morrer, ou vencer a pé quedo, quando lhe fugia o inimigo, não seguião seu alcance, julgando por afronta enfiar a lança em hum exercito rendido. De Julio Cesar conta Plutarcho, que vencendo a Pompéo, e sabendo, que Cataõ Uticenle se matara por não vir às suas mãos, por seguir as partes do vencido, disse: *Que envejava aquella morte, porque com ella lhe tirou das mãos a victoria, que queria ganhar com lhe dar perdão inteiro.*

Muitos semelhantes teve Cataõ, que por não virem às mãos de seus inimigos, foraõ homicidas de si mesmos. Vencido por Scipião, e Marcello o grande Anibal, açoute estuendo do Romano Imperio, se valeo ultimamente delRey Prúrias de Bithónia, pensando seria mais fiel, que Anthioco para amparar a hum cahido; mas mandando o Senado de Roma a Quincio Flamínio por Embaixador a Prúrias, a offerecer-lhe pazes, e grandes partidos, para que lhe desse a Anibal, convencido este de seu interesse, mais do que da fé, que se devia a seu hospede, o mandou logo prender, e vendo Anibal, que não podia escapar, disse: *Fá que os Romanos temerosos, ou cobardes, não se atrevem a esperar, que o caduco, e velho estado da curta vida, que me fica, se renda do cutello da inexoravel Parca, se não que por tantas vias, e por tão infames meos me andão buscando a morte,*

quero tirallos en mesmo do medo, e sobressalto, que lhes causou, a troco de que não logrem o posto de minha afronta; sabendo, que bey morrido honrado às mãos do meu valor, e não aos fios da sua espada; e dizendo isto, poz aos peitos huma pouca de peçonha, com que cahio defunto, o que foy assombro de Roma. Desbaratado Cleómenes, Rey de Lacedemonia, depois de haver vencido grandes batalhas por Antígono, se foy a valer, qual outro Pompêo, de outro Ptolomêo, Rey de Egypto, nome geral daquelles Reys, cujo filho chamado Philopátor, que por reynar, matou a seu pay, o veyo mandar prender; e resolutio Cleómenes a não morrer afrontado, se resolveo a sobornar as guardar, e sahir acompanhado de doze homens, morrer pelejando; e com tropel, e vozaria hiaó pelas ruas, e praças appellidando liberdade, levando de encontro o que se lhe punha diante; e vendo, que era impossivel livrar-se da morte, e tendo por afronta, que se honrassem delles, tiveram por mayor honra dar-se a morte a si proprios. A seu mayor amigo Pantêo mandou Cleómenes, que o mata-se, e que até que os não visse a todos mortos, não se tirasse a si a vida. Rigoroso lance! Ver hum Rey em tal extremo. A repetidas feridas, dadas por seu amigo, se acha o pasmo de Grecia agonizando, e em braços do matador despede a alma, e sobre seu corpo defunto se arroja tambem Pantêo atravessado; ficando assim extinctas, e apagadas as vidas mais valentes, que criou Lacedemonia. Havendo Nicânôr, General del Rey Demétrio, chegado a Jerusalem, e cercado Arácias, que vendo, que se não podia defender, arrebatou de hum punhal, e com animo ousado o meteo pelo peito, e achando-se toda via com vital alento, se bem feito todo feridas, vertendo rios de sangue, sahio a hum alto penhasco, e tirando com as mãos as

entranhas, as dividio, e arrojou feitas pedaços sobre a confusa turba, com que acabou a vida. Em tempo de Alexandre IV. houve crueis guerras entre o referido Pontifice, e Manfrêdo Imperador, de que era General Eullinô, que depois de triunfar muitas vezes, quiz Deos dar a Turriano huma finalada victoria em huma batalha, da qual sahio Eullinô muy mal ferido, e com perda da mayor parte da sua gente; de que foy taó grande sua ira, e desesperaçãõ, que estando em a Villa de Socino, curando-se das feridas, se achou em tanta raiva, vendo, que não farava logo, nem se podia vingar, que dasatou as feridas, e com as unhas rayvando, rompeo os pontos dellas, e veyo a morrer com os mayores tormentos, que se podem penlar, sendo já de oitenta annos, havendo trinta, e mais, que perseguia cruelmente a Igreja, e tinha tyrannizado muita parte da Lombardia. Cataõ, passado com seu punhal; Marco Antonio se passou com sua espada; Marco, e Bruto se mataraõ da mesma sorte; Pórcia, mulher de Bruto, e filha de Cataõ, comendo brazas, quiz imitar ao pay, e marido. Extremo de desdita, que morressem desesperados, os que se haviaõ coroado de façanhas; escarmento aos mortais para não se desvanecerem em suas victorias, pois os mais illustrados de trophêos, podem ver-se tragedia de si mesmos; mas ninguem imite estes desgarrs, por mais que a fortuna lhe aperte os cordeis, que ainda que parecem valentias do valor, saõ Gentilicas valentias, e alhéas de homês Christãos; que Santo Agostinho julgou por cobardia, e por falta de valor, querer morrer, por não padecer, e sofrer trabalhos, e desditas; porque isto não he valentia, nem fortaleza; porque coufa facil he matar-se; porém grande fortaleza he sofrer qualquer adversidade, como cantou certo Poeta:

Rebus in incertis facile est contemnere vitam:

Fortius ille facit, qui miser esse potest.

E por isso diz *Marcial lib. 1. ad Decianum*, que não quer o homem, que facilmente se mata; mas que só lou-

vará aquelle, que sem se matar, se faz digno de louvor:

Nolo virum facili redimit qui sanguine famam.

Hunc volo laudari qui sine morte potest.

Sobre o que *Alciato* fez o seguinte Emblema:

Cæsareo postquam superatus milite vidit

Civili undantem sanguine Pharsaliam?

Jam jam stricturus moribunda in pectora ferrum?

Audaci hos Brutus pretulit ore sonos:

Infelix virtus, & solis provida verbis,

Fortunam in rebus cur sequeris dominam?

Temos dito, como deves ser sofrido nos agravos, e offensas, sem te lembrares da vingança; mas sobre tudo nos sentimos obrigados a lembrar-te, que se fores offendido, como particular, não te vingues como publico. Maxima he bem sabida, que agravos, injurias, e offensas particulares, não se haõ de vingar com authoridade publica; nem castigar com pretexto de justiça offensas particulares; praticada de Julio Cesar, a quem gabava *Tullio* por haver perdoado a *Marcello*, que antes de Imperador, lhe havia sido grande inimigo, o que encarece tanto, que diz haver sido mayor esta victoria, que todas quantas tinha alcançado, sendo tais, que com ellas se fez Senhor do mundo. E de *Licurgo*, de quem diz maravilhas *Plutarco*, porque havendo-lhe certo moço tirado hum olho com hum bote de lança, sendo Senador, não só o salvou, e perdoou, mas lhe fez beneficios. De *Augusto*, de quem diz *Seneca*, que com razão foy chamado *Pay da Patria* pela muita clemencia, com que tratou, depois de subir ao Imperio, os que no estado particular forão seus inimigos, e com a qual ainda depois soffria as injurias com tanta

moderaçõ, que ouvindo-as muitas vezes, se forria, e outras dissimulava. Vê a Liçãõ de *Como se deve governar*.

Tambem deves advertir, que se como particular não deves offender, injurias, ou aggravar ninguem, menos o deves fazer como publico: para castigar, e evitar offensas, te crearaõ, como publico, e não para fazellas; que isso fora achar a sede na fonte, a fome no paõ, a morte no remedio. Menos licença tem o publico, que o particular; e se este não viver licenciado para offensas, como aquelle a póde ter para agravos? Publicos eraõ os *Embaixadores de Bajazeto*, mas seu filho *Acommates* os fez degollar em sua presença, porque fiados na authoridade publica, se demasiaraõ na embaixada. Hum *Duque de Moscovia*, segundo refere *D. João de Pera*, em seu *Embaixador*, discurso primeiro, mandou cravar com hum prégo o chapéo em a cabeça a hum *Embaixador*, porque o não sabia tirar. Justo castigo de *Ministros descortezes*, que se hoje se executara, não houvera tantos, que trazem os chapéos como pregados.

Nas offensas, agravos, e injurias, que te fizerem, como *Ministro*,

trata não merecellas com o mayor cuidado, e de vingallas com a mayor diligencia, pois sendo publica a offensa, não está nos limites do teu poder, nem o perdoalla, nem o dissimulalla; pois não sendo tu o offendido, mas o publico, ficão sendo alheyas as offensas; e injurias alheyas só as pôde perdoar quem as recebe. Ouve ao *Politico no liv. 4. de sua Historia*, que te dá nesta materia hum excellente documento. A vingança publica (diz elle) he summamente necessaria, não tanto pela vontade da vingança, quanto para que a penitencia daquelle, que te offendeo, sirva de exemplo, para que ninguem se te atreva a provocar; e assim se segue gloria conjuncta com a utilidade, e nascem gloriosos magnanimos conselhos, cheyos de commodidades, e fructos; assim huma molestia tira muitas; e muitas vezes hum unico, e breve trabalho, livra de muitos, e largos. Logo que faltou desta vida D. Affonso I. de Aragaõ no anno de 1226. como da geração Real não ficava filho, nem filha, se lembraraõ, que D. Ramiro, (que nesta occasião se achava Frade professo da Religião de São Bento, e Sacerdote de Missa) era filho de D. Sancho; envia-raõ a Roma por dispenção, para que podesse tomar o Reyno, e casar; e alcançada, se coroou, e casou, de que teve huma filha chamada Petronilha. Era ElRey D. Ramiro taõ santo, e taõ pouco sabia do mundo, que apenas sabia ter-se em hum cavallo, nem administrar negocio nenhum de guerra, ou de paz; donde veyo a ser tido em pouco, e mofarem delle seus Vassallos com pouca vergonha; do que sentio graõ pezar, e de conselho do seu Abbade do Mosteiro, fez huma cousa notabilissima. Mandou ajuntar Cortes geraes de todos os grandes, deitando fama, que tinha pensado de fazer huma campana, que dentro de Huesca se ouvisse em todo o Reyno. Foy grande o rizo, e escarnio, que

deste mandado se fez em todo o Aragaõ; porem com tudo isso não deixaraõ de acodir a Huesca todos os grandes com seus filhos, que assim o mandava ElRey. E tanto que vio, que tinhaõ vindo todos, fellos chamar juntos a seu Palacio, e estando juntos em huma sala, escolheo até quinze delles (de quem mais em particular sabia, que suas couças eraõ murmuradas) e meteo-se com elles em huma camera secreta, aonde hum a hum fez cortar a cabeça. Quando os teve mortos, sahio fóra, e chamou os filhos, e levando-os a ver os corpos de seus pays, lhes disse: *Vede aqui para que vos enviey a chamar. A campana, que disse havia fundir, he esta: hey mandado matar a vossos pays, para que aprendais delles a ser obedientes, e não mofar de vosso Rey; se me credes, tomay elcarmiento, senão vos juro por minha Coroa, que o que ha sido delles, será de vós outros;* e desta maneira foi ao depois muy temido, e obedecido de todos. Castigou hum Rey santo as injurias escandalosas, que estragaõ o bem, e quietação publica; que o soffrellas; taõ fóra esta muitas vezes de ser clemencia, que he tyrannia, justiça, que he crueldade.

Naõ permittas, que os teus subditos sejaõ offendidos, injuriados, ou aggravados; e sendo-o, trata com desvelo de castigar a insolencia com castigo proporcionado à culpa. Para vingar opprimidos, e castigar insolentes, se crearaõ os Ministros; a elles tem recurso, ou a ignorancia offendida, ou a violencia com excessõ castigada. Taõ fóra esta de ser duro, que antes disse Simónides, que era doce, e suave, que a hum animo marcado de dor se applique algum remedio, que quando a não extinga, ao menos a mitigue, principalmente quando não deu causa a ser offendido; porque o injustamente aggravado (diz Thucidides) he mais vehemente ao inimigo

inimigo, do que quando faõ mutuas as offensas; e quando naõ acha defafogo da sua queixa no Ministro, que tem por obrigação o castigo, toma à lua conta com mais severidade a vingança, e muitas vezes refundio o odio do offensor no Ministro, que por amor, respeito, ou interesse, ou temor, a naõ toma, como he obrigado. Temos bom exemplo em Pausânias, Cavalleiro principal del Rey Filippe de Macedônia, pay de Alexandre Magno, que por ser muy gentil moço, hum privado del Rey se namorou delle, e o forçou, ou quiz commetter com elle o peccado nefando; e Pausânias se queixou delle a El Rey, e pediu justiça de seu privado. El Rey naõ fez caso disso; e depois hum dia, que El Rey casava sua filha com Alexandre, Rey de Epyro, indo pela rua El Rey Filippe entre Alexandre seu genro, e Alexandre seu filho, arremeteo a elle com hum punhal, e o matou a punhaladas, e fugio para onde nunca mais se soube de elle. Naõ costuma succeder menos, a quem se esquece do que deve.

L I Ç A M XIX.

Da Dissimulaçãõ.

Muitas vezes succede, que pareçamos sofridos, porque naõ podemos tomar vingança; porém he certo, que naõ he sofrido, o que por naõ poder, senaõ vinga; porque a paciencia naõ está no exterior das acçoens; mas no interno do coração; e assim aquelle, que senaõ vinga por naõ poder, ou espera tempo, e occasião de tomar vingança mais a seu salvõ pelo meyo de se fingir sofrido, sobre vingador, he traidor, falsario, e mentiroso, porque naõ sendo a dissimulaçãõ mais que huma mentira affectada, e grangeada com finais de obras contrarias ao que queremos, vem a ser o sofrido dissimulado, hum

mentiroso no que obra, já fingindo aquellas cousas, que naõ tem, já mostrando, que naõ ha ne le as mesmas cousas, que em si encerra, sendo hum por dentro, outro por fóra; mas assim como as sepulturas, em quanto fechadas, parecem por fóra formosas, e agradaveis, e abertas, asquerosas, e horriveis; assim os dissimulados, em quanto naõ conhecidos, saõ louvados, mas logo que lhe chega o toque da experiencia, aborrecidos.

Naõ ha cousa, que assim desterre o bem, como a dissimulaçãõ, no sentimento de Tulio: *Nulla maior in vita pernities, quàm cum in malis inest simulatio.* Porque o maõ cuberto com capa de bom, naõ se conhece nem se acautela; e por isso disse Seneca, que o mayor inimigo, que tinhamos, era o inimigo encuberto: *Gravior inimicus, qui latet;* e que quanto menos conhecidos, mais damnosos: *Nullæ sunt deteriores insidiæ, quàm quæ latent in simulatione.* Porque de hum inimigo delarado qualquer homem facilmente se acautela, mas de hum fingido difficulosamente se escapa; e por isso disse Aristóteles, que o que naõ sendo amigo, se finge tal, he peyor, que o que faz moeda falsa. E Cicero, q̃ aborrecer, ou amar descubertamente, he mais propriedade de hum anima ingenuo, do que occultar nas apparencias do rosto os vicios do coração. Charóndas, Legislador dos Catanenses, entre as leys, que lhe estabeleceo, foy huma, que cada hum dos Cidadãos estudasse mais em parecer temperado, do que sabio; porque fingir sabedoria, era grande final de hum animo vil, e nescio, e que a simulaçãõ da temperança fosse verdadeira, e naõ fingida; e ultimamente, que nenhum, pena de vida, fingisse feitos egregios, que naõ tivessem mais ser, que no fingimento. Conta Enéas Sylvio nos ditos, e feitos de Federico Imperador, que chamando para a Corte todos os Senadores, lhes mandou advertir, que antes

antes que entrassem nella, depuzes-
sem duas cousas, para que assim nin-
guem fosse enganado em juizo. E sen-
do perguntado, que cousas fossem
aquellas duas, que haviaõ depor, res-
pondeo, que a simulação, e a dissimu-
lação; porque não havia cousas, que
mais enganassem os homens, do que
cuidarem humas cousas, dizerem ou-
tras. Muito queria este Principe, sen-
do enfermidade commua em as Cor-
tes, andarem falsos huns com outros;
vicio, que hoje senão tem já por en-
fermidade, senão por antidoto, e ar-
ma defensiva, e tão geral em todo o
mundo, que ouvindo Frederico Impe-

rador a hum, que dizia, que se havia
de ir para onde não houvesse simula-
dos, falsos, ou fingidos, respondeo
que se havia de ir para onde houvesse
homens, e ainda ahi não deixaria de
haver hypócrita, e falso, se elle não
era Deos, mas homem; porque entre
os mortais não havia ninguem, que ao
menos de algum modo não fosse fin-
gido.

Naõ ha cousa no mundo, que tan-
to segure a felicidade de hum homem,
como não fazer cousa, pela qual deva
ser aborrecido, como cantou *Ovidio*
no livro segundo das *Elegias*. *Elegia pri-
meira.*

Si sapias, o custos, odium (mibi crede) mereri

Desine, quem metuit quisque perire cupit.

Mas como não basta para não ter ini-
migos, não merecellos, como reco-
nheceo *Saneza* nos Proverbios, quan-
do disse: *Quamvis agas, ut ne quis me-*

*rito tuo oderit, erunt tamen semper qui
te odiant*, he necessario viver sempre
acautelado, porque como disse *Virgi-
lio* lib. 2.

Dolus, an virtus quis in hoste requirat?

E nem ainda com os reconciliados ha
de estar ocioso o receyo, mas sempre
se deve viver acautelado; porque do

inimigo ainda as mesmas dadivas são
suspeitosas, como disse *Erasmo*:

Quin verum id est mortalium proverbiorum,

Non esse dona, quæ veniant tibi

Ab hoste, verum inauspicata, ac noxia

Ayaci datus ensis ab Hectore balteus Ayace

Hectori, utrique suum donum erat exitio.

Atque ita ab hoste hosti veniunt lethalia dona,

Quæ studii specie fata, necemque ferunt.

Vergonhoso vicio he o da dissimula-
ção; e por sentença de *Cicero*, em
toda a cousa he vicio a dissimulação;
mas muito mais abominavel, quando
se encaminha a huma vingança alei-
vosa, como foy a de *Joáb*, General
das armas de *David*, q por *Abner* lhe
haver morto seu irmão, lhe era capital
inimigo, e para mais a seu salvo to-
mar vingança, se vestio de dissimula-
ção, fazendo boa cara a *Abner*, que o

mandou chamar em nome de *David*,
e dando-lhe a boa vinda, dissimulado
no rosto o veneno, e traição, que
occultava o peito, depois dos compri-
mentos cortezes, chamou *Joáb* a *Ab-
ner* à parte, como que lhe queria di-
zer em segredo alguma cousa, levan-
do-o passando para huma porta oc-
cultas, e quando já o teve mais segu-
ro, e divertido, arrebatou do punhal,
e meteo-lho pelo corpo, publicando
era

era despique da morte, que Abner havia dado a seu irmão. A de Recub, e Bannaá com Isboeth, e de Doncluado com Dufo, Rey de Escocia, que por haver mandado matar dous parentes de Doncluado, sem lhe valerem as supplicas, que a fim de perdoallos lhe interpoz Doncluado, ficou esse summamente sentido no interior, dissimulando no exterior sua pena, e vingança até tempo conveniente della; e em huma noite, quando ElRey se achava mais descuidado, lhe fez tirar a vida por quatro criados, seus, Exemplos para que todo o homem discreto, e prudente, por mais que a nobreza de seu animo o faça

confrade, deve guardar-se sempre, e recear-se de quem tiver offendido; que ainda que calla, e dissimula hum aggravado, nem por isso se ha de presumir, que não lhe fica a braza no peito, e apenas vê lance de colher ló o inimigo, quando manifesta a peçonha, que presistindo no animo, havia tido occulta. Não he escusa, que trate o inimigo com palavras de amizade, para não ir sobre aviso quem se vê chamar com amizade. Não he maxima tão acreditada da experiencia, como nunca se comer bom bocado de amigo reconciliado; e por isso diz justamente o nosso adagio: De amigo reconciliado nunca delle bom bocado:

Non odium gravius, quam simulatus amor.

Tua frequensque via est per amici falere nomen.

Assentado por principio irrefragavel, que não se deve usar de dissimulação, principalmente em materias de religião, e ceremonias della, aonde senão admittem fingimentos, dissimulaçoens, nem usar de termos amphibologicos, nem de tacitas restricções, Eleázaro tão nobre, como valoroso Hebrêo, podendo livrar a vida com fugir, como lhe aconselhavaõ seus amigos, que comia carne de porco prohibida em sua ley, como lhe mandava Anthioco, quiz mais morrer às mãos de rigorosos tormentos, que deixar tão máo exemplo. Santo Anastasio rogado, e importunado de Mariburcuna, Capitão do Persa, que conservando em seu animo a Fé, confessasse de palavra, que não era Christão, ainda que fosse com alguma ficção, ou equivocada palavra, e que com isto livraria a vida, e não padeceria grandes tormentos, respondeo, que queria mais, conforme ao estylo dos Christãos, perder mil vidas, que pecar contra sua verdadeira Fé, ainda que fosse em sonhos, ou com palavras confusas. O Santo Rey Luiz de França, prezo em poder do Sultaõ do

Egypto, não quiz jurar humas Capitulaçoens para conseguir sua liberdade; porque lhe pedia o Barbaro jurasse de renegar, senão pagasse o resgate dentro de certo tempo: porém deixou em prendas por quatro mil libras de ouro o Santissimo Sacramento; e succedeo hum milagre notavel, que deixando-o fechado em hum apofento, accezas duas vélas de cera rouxa, as acharaõ sem se consumir hum dedão, depois de largo tempo, que trouxe o ouro hum Capellaõ delRey, que em presença dos Barbaros consumio a Forma Sagrada.

Passemos a dizer, que em tudo o que não for materia de Fé, póde qualquer homem, não sendo perguntado por legitimo Juiz, usar de meyo, sem que responda directamente ao que for perguntado, como não seja directamente mentira o que responder, e por justas causas de fingimentos, e dissimulaçoens. A Moyses o puzeraõ seus pays para salvar a vida a huma cestiha no rio Nilo, por donde havia passar a filha de Faraó, ficando sua irmã Maria de sentinella para chegar logo que a piedade da Infante o soccorresse,

a offe-

a offerecer por ama, que o criasse, a sua mesma mãy. Havendo concertado Jacob com seu sogro Labão, que se lhe desse por premio de seu serviço as ovelhas, que sahisses remendadas de varias cores, se valeo do engano de pôr em as correntes da agua, donde hiaõ a beber, humas varas esburgadas a pedaços, em que pondo os olhos os animais ao conceber, pariaõ manchadas as ovelhas. Joseph, aquelle grande Patriarcha de Egypto, mandou que em os sacos de trigo, que levavaõ seus irmãos, metessem em os de Beijamim o preço do trigo, e a taça, em que bebia Joseph, para que fazendo-lhe cargo do furto, e mandando, que fosse prezo aquelle em cujo poder se achasse, viesse a conseguir a ficar-se com seu querido Beijamim. Jacob envolveo as mãos em a pelle de hum cabrito, para que tocando-as seu pay, não achasse menos o vellozo das mãos de Isau.

David fugindo de Saúl, se fingio louco diante do Philistão Rey Achis; muitos Santos se haõ fingido loucos, e simulados. E muitas Santas se vestiraõ de homens, e viveraõ em Religioens delles, de que estaõ cheyos os livros de suas vidas, sem que hajaõ sido culpadas de mentirolas. Humas vezes por cobrir algumas virtudes, e outras por merecer sendo desprezadas, outras por sua propria seguridade, e principalmente por conservar a virgindade haõ usado muntas Santas de varias ficçoens, e estratagemas. Luiz Vives refere, que em Barcelona para se livrar huma donzella do perigo de ser deflorada, ligou aos peitos huns frangos mortos, para que podres com o calor, cheirando mal, fugissem de tocar seu corpo fedorento. Santa Theodora Alexandrina, estando em huma prizaõ de Gentios, entrando-a a ver Didimo, Varaõ pio, temerosa dos tormentos, e morte, e muito mais de perder sua virgindade, trocou seus vestidos com Didimo, e escapou da prizaõ. Santa Domna Virgem, creada

em a Corte do Imperador Maximiano, baptizada por Saõ Cyrillo, temendo de hum privado do Imperador a força em sua piedade, se fingio louca, dava gritos, vertia espumas, movia os braços descompostamente, mostrava os olhos furiosos. Finalmente não perdoava a nenhuma visagem de loucura; movidos da piedade os guardas, a deixaraõ fugir da prizaõ. Santa Anastasia, obrigada dos ciumes da Imperatriz mulher de Justiniano, apartou-se de Constantinopla, e retirou-se em hũ Mosteiro em Alexandria: morta a Imperatriz, a fizeraõ tornar a Constantinopla, donde cançada das vaidades do mundo, se foy a huma soledade chamada Setúna, em que o Abbade Daniel, Varaõ de esclarecida virtude, a vestio de homem, e ordenou se chamasse Anastacio, e a encerrou em huma cova apartada dos mais Religiosos, dando-lhe documentos, em a qual passou vinte e oito annos, e em todo este tempo, nem o Abbade a chamou de outra maneira, e não se soube era mulher, até que a conheceiraõ em os peitos os Religiosos, que a levavaõ a enterrar, e o Santo Abbade declarou ser o Author deste engano (chamemos-lhe assim, que não ha outra voz em nossa lingua) e disse a razãõ, porque o havia feito. Eugenia se chamou Eugenio, Eufrosina, Esmeraldo, Hildegunda, Joseph, Appollinar, Dorotheo. Os Clerigos, e Religiosos se vestem de habito de seculares para passarem para Paizes inimigos com seguridade da vida, e para ir propagar o Euangelho a Paizes de infieis, ou de Hereges, ou com outra justa causa. Todos os Doutores, e o Padre Ranes, e Pedro Ledesma assentaõ, que he licito a hum fiel negar ser Christão, quando por Christão em alguma nação se entende homem facinoroso, cruel, e homicida; quaes foraõ em suas Indias os Castelhanos, se a pergunta não he feita por aborrecimento da Religiaõ, sennaõ da nação.

Em a guerra he antiquissimo o uso das estratagemas, e ardis, que correspondem ao fingimento, e dissimulaçoens, de que vamos fallando, que todos as qualificaõ em guerra justa. Josué paratirar a campanha raza aos moradores da Cidade de Hay, fingio, que fugia, e elles crendo-o, sahiraõ da Cidade, e o seguiraõ, e em os vendo Josué em campo razo, sahio com o resto do exercito, que tinha emboscado, e lhe tomou a Cidade, e colhendoo no meyo, os degollou, sem que ficasse nenhum. O Povo de Deos ulou da mesma estratagema contra o Tribu de Beijamim. Gedeão fez, que trezentos soldados seus tomassem em huma maõ cada hum sua trombeta, e em a outra hum cantaro com huma luz encuberta, e fizeraõ huma grande ala à vista do exercito dos Madianitas, os quais pensaraõ, que de traz de cada soldado daquelles vinha huma companhia, e atemorizados desampararaõ os quarteis, deixando a Gedeão livre

a campanha.

E assim ainda que a dissimulaçoõ sem justa causa baste a manhar o pun-donor de hum homem particular, com tudo com ella a puzeraõ os Politicos Estadistas entre as artes necessarias de governar. Henrique II. Rey de França a julou por taõ necessaria nos que go-vernaõ, que naõ quiz, que seu filho Carlos IX. soubesse mais de letras, que aquelle aphorismo: *Quem naõ sabe dissimular, naõ sabe reynar.* De Sigif-mundo Imperador refere Enéas Syl-vio, que costumava dizer, que igno-rava muito as regras de reynar, quem naõ sabia as de dissimular. E Estrada conta, que o mesmo trazia hum glo-bo com huma coroa imperial em cima, e nella gravadas as seguintes letras: *Nescit regnare, qui nescit simulare.* E o mesmo se conta do Imperador Fe-derico VI. por hum grave Author, o qual nos dous versos seguintes con-cluiu assim esta maxima:

*Qui regnare volunt, multis dormire, sagaci
Multaque consilio dissimulare solent.*

De que nasceo o adagio Latino: *Non reget, qui non teget.*

A virtude da paciencia se deixa irritar, e affligir dentro dos limites da razaõ: porêm em passando delles, declina em baixeza, e animo, e falta de sentimento; e porque nem sempre se póde logo castigar o desafore, he muitas vezes necessario usar de dissimulo, ainda em culpas averiguadas, e certas, esperando a ter animo socegado, em que esteja o reo mais bem disposto, para que tenha melhor successo a correcção. Forçoso he, que erre o Juiz em a sentença, se se acompanha com o Afessor taõ precipitado, como he a ira; e se está o reo irado, naõ será a correcção emenda, senaõ batalha, e deitar agua sobre cal viva, que só servirá de

levantar fogo. Quem póde já mais domesticar o ouriço, que com só o tocarem, se poem em armas, e se faz hum globo de pontas, em que primeiro se vé o sangue, do que se reduza seu furor a partido? O mesmo succede em a correcção do reo, se está com ira, que elle naõ fica corregido, e ao que o intenta moderar, deixa espinhado, incorre este em odio, e naõ consegue a emenda, antes o perde com as mesmas diligencias, que faz para reduzillo. Os dous devem de estar dispostos, e livres de paixão, que segundo Aristóteles, naõ he outra cousa, que perseverança, e duração da ira, para que deposta a amargura, o subdito se reconheça, e o superior configa o fim com acerto:

*Judicis officium est, ut res ita tempora rebus
Quærere; quæsto tempore tutus eris.*

Em nenhuma cousa pôde hum às suas forças; sentença, em que faõ
Ministro, ou outro qualquer homem conformes Poetas, Oradores, e His-
de juizo mostrar, e pôr tanto à vista toriadores, como se pôde ver em *Wem*
a prudencia, de que he dotado, como *lib. 1. Epig. 92.*
em accommodar-se ao tempo, e ceder

Dissimula; simula quoties occasio poscit,

Moribus ut morem, temporibusque geras.

Temporibus qui ritè sapias, servire memento

Omnibus, ut tempus serviat omne tibi.

in cunctis causis, & tempora rebus

Aspiciat, qui vera cupit discernere judex.

Hesiodo:

Observato modum, nam rebus in omnibus illud

Optimum erit, si quis tempus observaverit aptum.

Boeticus:

Signat tempora propriis

Aptans officii Deus,

Nec quas ipse coercuit

Misceri patitur vices.

Lucano:

Temporibus servire debet, qui tempora certis

Ponderibus pensavit; eum si bella vocabunt,

Miles erit: si pax, posita toga, gestiet armis.

Hunc fore pacatum, bellantem castra decebunt.

Seneca ibi: *Omni negotio tempus est, & opportunitas. Sapiens non uno semper it gradu, sed una via nec se in aliquibus mutat, sed potius aptat, & ut verbo dicam, non cursum eundem tenet, sed portum.* Em tempo de Gregorio XIII. succedeo, que os Auguazis mataraõ a tres Cavalleiros da Casa Corfini, de que resultou amotinar-se o Povo, e buscar todos para os matar, como fez a todos os que encontrou. Dissimulou prudentemente o Pontifice, conhecendo quam perigo-

so he oppor-se ao furor de hum Povo; e depois, quando estava socegado, mandou castigar aos que foraõ cabeça do tumulto: seguindo o conselho de Santo Isidoro no liv. 3. das Sentenças cap. 50. ibi: *Plerumque Princeps justus etiam malorum errores dissimulare voluit, non quòd iniquitati eorum consentiat, sed quòd aptum tempus correctionis spectet, quando eorum vitia vel emendare valeat, vel corrigere.* Que vem a ser o mesmo, que disse certo Poeta:

Temporibus semper cautus servire memento;

Nec restare velis adversus flamina venti;

Curando fieri quædam maiora videmus,

Vulneraque melius non tetigisse fuit.

Ao que não guarda fé, fé se não deve naquillo mesmo, em que a quebra, não encontrando a violação da fé os preceitos Divinos; e com esta moderação,

ração,

ração, com hum engano he licito fugir a outro; e assim se entendem os

*Frangenti fidem sedes frangatur eidem,
Fallere fallentem, fraudemque repellere fraude,
Exemploque licet ludere quemque suo.
Judice me fraus est concessa repellere fraude,
Armaque in armatos sumere jura sinunt.*

L I C A M XX.

Sobre a Tolerancia.

A Virtude da Tolerancia não he virtude por si mesma, mas parte da paciencia, com a qual sofrem os Vassallos os trabalhos, que lhe motivaõ seus Principes, os subditos os que lhes occasionaõ seus superiores, os filhos os que lhes fazem seus pays, e finalmente os criados os que lhes grangeaõ seus amos. Conselho he do famoso Antonio Peres, que com os Principes se haõ de haver os inferiores em suas queixas, como os Galãos de pouco merecimento com Damas grandes, de quem haõ recebido alguma sem razão, que com só ver-lhe a cara, daõ sua queixa, e lhes fazem o cargo do agravo; que com Reys não ha que

*Contra maiorem nemo presumat honorem,
Nulli cum superis homini contendere fas est.
Pro jure hanc litem nemo probare velet.*

Não menos excellente he o conselho de Epiteto, que dando regras para se tratarem os grandes, diz que quando fallares a algum grande, imagina, que não o acharás em casa, ou que estará encerrado, ou que as portas não estarão abertas para ti, ou que te desprezará; e se cuidando tu isto, achares, que te importa que vás, convem, que tambem tenhas tolerancia para tudo o que te poderá succeder, que não murmures em ti mesmo, e em fim, que não digas: *Este homem se faz muito grande Senhor.* Tal discursio pertence ao

porfiar, senaõ sofrer, callar, e retirar-se; porque he gente, que senaõ vence senaõ fugindo, e deixando a natureza o juizo, e satisfação, e a poucos a fortuna, que por tyranna, e desconcertada, que he tambem a poucos, he verdugo da natureza, que em fim serva sua he. Não sofrer ninguém por mais bem a cavallo, ou por mais alto, que se ache; porque com mais força tropeça, e cahe o mais forte, que o mais fraco. Conselho he de Seneca, que todo o homem sabio deve fugir à ira do mais poderoso, e procurar por todos os meynos evital-la: *Sapiens numquam iram potentioris provocavit, imò declinavit.* Louco he o que com o superior contende; porque aonde he seguro o ser vencido, he loucura entrar na contenda; de que nos aconselhaõ fugir os seguintes versos:

Povo, e não a ti, a quem não toca o por-lhe leys a teu modo, senaõ seguir as que elles te puzerem; se os has mister, busca-os, e se os não necessitas, venera-os, e respeita-os: para mayor harmonia poz Deos a desigualdade em todas as cousas, e não delapproves as obras de Deos. Se o grande for máo, reverencea-o como mayor que a ti, a quem não pertence o julgallo, mas rogar a Deos por sua emenda, e tolera-o voluntario, para que assim te seja mais suave a dor, que te causa o seu delabrimento, ou a sua soberba; se-

guindo o conselho, que nos dous ver-
 fós seguintes te dá hum Poeta;

*Ferre decet patienter onus, quod ferre necessum,
 Qui jacet inuitus, durius ille jacet.*

Ufa dos grandes, como ufas do fogo;
 o fogo, que está muito distante, não
 aquece; o que muito perto, queima;
 e o que está em proporção, sobre não
 queimar, aquece. Não te chegues tan-
 to aos grandes, que te abracem, que
 são como Sol, que não permite vi-
 sinhanças; nem te affastes tanto, que
 te não possas valer do seu amparo, que
 são como a arvore, que não abriga os
 que se affastão do copado de seus ra-
 mos. Procura que estejaõ de ti a dis-
 tancia possível, ou pelo menos, que se
 te não avifinhem muito; foge suas ini-
 misades, trata de os ter benevolos, mas
 não amigos, que sua conversação não
 he companhia, para em servidaõ, quan-
 do não he inimidade conhecida. As fi-
 guras de estatura mayor se haõ de alar-
 gar da vista, porque dellas se goza me-
 lhor em a distancia.

Naõ te debes confiar muito em os
 que reconheceres grandes, e superio-
 res, porque não he segura a protec-
 ção, e amparo, pois sempre querem
 ser servidos, e adorados, como supe-
 riores, e para servirem sempre tem
 embarços, como escreve *Francisco*
de Sá de Miranda na sua *Egloga dos Pas-*
tores, n. 36. 37. 38. 39. e 40.

Andey daquem para além,

Terras vi, e vi lugares,

Tudo seus avessos tem,

O que não exprimentares,

Naõ cuides que o sabes bem.

E às vezes quando cuidamos,

Que alguma cousa entendemos,

A cabra cega jogamos:

Achey vós cá fortes amos,

Querem que os adoremos.

Para as coulas que acontecem,

Quando os bufcas, ora o sono,

Ora achaques mil te empecem,

Ao tolquiar achas dono,

Nas pressas não te conhecem:

Tudo lhes õ demo deu,

Tem razoens más que nos daõ,

Quando te haõ mister, es feu,

Quando os has mister, es teu,

Que não tem amos entaõ.

Esta vez que sahem a rua

Estremece toda Aldéa,

Elles bebem, e homem sua;

Dóelhes pouco a dor alhoã,

Querem que nos doa a lua,

Inda que o damno he em grosso,

Podera-o dissimular,

Isto parceiro, não posso,

O entendimento que he nosso,

Naõ no lo querem deixar.

Pelo qual co meu fardel

Fugi das vossas Aldéas,

Naõ trago nos beijos mel,

Que não sou cresta colmeãs,

Nem posso ser ministrel:

A faudade não se estrece,

Mas cahio-me hum coração

Em sorte, que muito empece,

Que outro Senhor não conhece,

Salvo justiça, e razaõ.

Entaõ queixome a ti logo,

Que em calos que aconteceraõ,

Vime por elles no fogo,

Bradey, e não me valeraõ

Brados, queixumes, nem rogos;

Affi me sahi, muy quedo,

E quedo, e fará hum dia

O que outro não fez, e ey medo

De ver mór vingança cedo

Do que já gora queria.

Porém faze sempre muito pelos teres
 favoraveis, porque senaõ servem de
 ordinario para amigos, para inimigos
 são muy poderosos; e assim procura
 por todas as vias merecer-lhe o agra-
 do, em quanto senaõ atravessar entre
 elles, e ti a tua consciencia; porque
 não debes temer perder aos homens

por

por mais poderosos que sejaõ, quanto verdadeira, e piamente cantou do confervas amilade com Deos, certo Poeta:

*Si placeas Christo, facilis jactura potentum est,
Latius imperium Cesare Christus habet.*

Nam, si placeas mundo, facilis jactura salutis,
Quem diligit mundus, displicet ille Deo.

Porque Deos tomara à sua conta a tua defeza, pois nunca desamparou os justos perseguidos; e por isso cantou certo Poeta na fórma seguinte:

*Vide ego jactatos vario discrimine justos,
Et vidi nullum deseruisse Deum.*

Muita paciencia he necessaria para tolerar poderosos, cujos rogos são mandados, como sentio Ausonio, quando escreveo:

*Scribere me Augustus jubet, & mea carmina poscit,
Pene rogans blando vix latet imperium.*

Porque quando pedem, he já quasi como espada nua, como tanto outro Poeta:

*Est rogare Ducum species violenta jubendi.
Et quasi nudato supplicat ense potens.*

Sendo a razão para se fazer, e obrar outra mais, que a sua vontade, como o que pedem, de ordinario nenhuma chorou outro Poeta:

*Sic volo, sic jubeo, sit pro ratione voluntas,
Natura sequitur semina quisque suae.*

*----- Pro lege voluntas
Principis esse solet, quidquid decreverit ille,
Est ratum, mos est, & legis habere vigorem.*

E a razão deste desconcerto está, porque a prudencia, e poder raras vezes vivem juntas, como disse Carlos Scribanos: *Nisi quis credat potentiam, & prudentiam justum stabulare non possunt.* E daqui procede, que são mais prompts para o mal, que poderosos para o bem, como escreveo Ovidio, aconselhando, que se fuja delles:

*Vive tibi, quantumque potes praelustria vita,
Sævum praelustri fulmen ab arce venit.
Nam quamquam soli possunt prodesse potentes,
Non prosunt, potius plurimum obesse solent.*

E o mesmo cantou outro, com não menos elegancia:

*Vive, & amicitias Regum fuge; pauca monebas,
Maximus hic scopulus, non tamen unus erat;
Vive, & amicitias nimio splendore nitentes,*

*Et quid quid colitur, perspicuum fugito.
Ingentes Dominos, & famæ nomina clara,
Illustrique graves nobilitate domos,
De vita, ex alto magna ruina venit.*

O remedio deste damno consiste em abrem as portas a toda a hora, sempre affastar de poderosos com tão propor- he perigosa a sua familiaridade, como cionada distancia, que nem se viva com escreveo em hum elegante Epigram- ma Thomaz Moro, e ao depois o ex- perimentou o mesmo: quando elles franqueaõ a entrada, e

Sæpè mibi jactas faciles te ad Principis aures

Liberi, & arbitrio ludere sæpè tuo.

Sic inter domitos sine noxa sæpè leones

Luditur, at noxæ non sine sæpè metu.

Infremit in certa crebra indignatio causa,

Et subito mors est, qui modò ludus erat:

Tuta tibi non est, ut sit secura voluptas:

Magna tibi est, mibi sit, dummodò certa, minor.

Bem poderaõ estes poderosos do mun- do, que tudo querem governar ao seu arbitrio, viver lembrados da morte, e acabar de entender, que haõ-de os seus corpos ser sustento de immundos bi- chos, para fugirem às vaidades do mun- do, e cuidarem só em contentar a Deos, como lhe aconselha certo Poeta:

Vive memor mortis, pascendis vermibus esca,

Vana fuge, & soli quare placere Deo.

Bem poderaõ tambem advertir, que Al fin del juego, por mi cuenta hallo, por mais poderosos que sejaõ em quan- to vivem, poderosos, e naõ podero- sos, no fim da vida, todos saõ iguais, que en el saco el Peon entra prime- ro, como fazendo similhança do jogo do Y al rematar los bienes, y los males De aquesta vida, todos son iguales. xadrés, os admoesta *Sebastião Covas Ru- bias Centuria 1. Emblema 23.* Mas se elles esquecidos de si, pedem o que naõ devem, faze tu o que deves, sem receyo de que te possaõ fazer mal, ainda que o queiraõ fazer, segundo o que te aconselha certo Poeta:

Tu, quod jura petunt, facies pietatis amore,

Nec metuas quemquam, quisquis obesse velit.

Pondo toda a tua esperança em Deos, quàm illi coherere, cujus anima intel- porque este he o unico bem do ho- lectualis in corporeo, si dici potest, am- mem, como escreve *Santo Agostinho plexu, veris impletur, fecundaturque lib. 10. de Civitate Dei cap. 4. ibi: Bo- virtutibus.* E o disse tabem certo Poe- num nostrum, de quo inter Philosophos ta do nosso seculo: magna contentio est, nullum esse aliud,

*Discite virtutem juvenes; não sola beatos
Nos facit, & diræ non timet arma necis.
Fortunæ minas, aut sævi spicula fati,
Quæque facit tremula curva senecta manu.
Imbibe virtutes, & inania gaudii sperne,
Sunt animi comites, gaudia vera boni:
Nec quemquam placidis adeò complectitur ulnis
Sors, ut non aliqua parte molesta premat.*

L I Ç A M XXI.

Da Constancia, Firmeza, e Perse-

Constancia se define: *Humana*
estabilidade de animo firme, e
perseverante no proposito. *Humana*
virtude, que faz per-
sistir firmemente no bem contra as diffi-
culdades nascidas de quaesquer exteri-
res impedimentos. Diferencia da firmeza,
porque esta consiste na firme persisten-
cia da obra, e aquella do proposito.
Distingue-se da perseverança, porque
esta peleja contra os impedimentos,
que occasiona a diuturnidade do tem-
po, e aquella se arma contra os que
motiva, ou a inclemencia do tempo,
ou as feridas da guerra, ou os golpes
dos inimigos, ou finalmente as fomes,
enfermidades, e impossibilidades do
focorro.

Com maduro juizo se haõ de em-
render as coufas, e com fãos, e fã-
os conselhos se haõ de resolver as
empresas, e com proporcionados me-
yos se haõ de buscar; mas depois de co-
meçadas, se haõ de continuar, e aca-
bar com constancia, firmeza, e per-
severança. Tarde (dizia Chillo) se
devia entrar em todas as coufas;
porém que chegado a pôr as mãos à
obra, se havia perseverar nellas com
constancia. Buscou o nosso magnanimo
Rey D. Affonso nos famosos campos
de Ourique aos cinco Reys Mouros,
e estando para dar-lhe a batalha, foy
aconselhado por alguns, a quem aquel-
le grande numero de inimigos havia
quebrado o animo, que se retirasse;

porém o constantissimo Rey, qual ou-
tro Alexandre, quando se vio a vista
do formidavel poder de Dario, respon-
deo, que já não era tempo de conse-
lho, mas de pelejar, e que não queria
fazer a seus vassallos taõ má obra, como
seria dividir-lhe as riquezas, que com
os Mouros alli tinhaõ juntas, e obri-
gallos a vencer em muitos dias, o que
podiaõ vencer em hum só dia. Não
mostrou menos constancia João Fer-
nandes Pacheco, que achando suspen-
sos a alguns Portuguezes, por verem
a grandeza do exercito de Castella nos
campos de Algibarrota, disse muy ale-
gre, que tivessem bom animo, por-
que só deviaõ temer o grande traba-
lho, que haveria em matar tantos con-
trarios; que Deos lhe mandava alli os
que haviaõ ficado do cerco de Lisboa,
para que os matasem a seu gosto. Igual
brío, e constancia mostrou Ruy Mar-
tins em tempo, que D. Rodrigo de
Monsanto governava Tangere, o qual
vendo, que os Portuguezes obriga-
dos da multidaõ dos Mouros, se reco-
lhiaõ com tal pressa à Cidade, que dei-
xavaõ a porta aberta, se deixou ficar
nella, e dizendo-lhe os de dentro, que
deixasse fechar a porta, respondeo,
que tal cousa não faria por honra dos
Portuguezes; que viessem os Mouros,
que elle a defenderia às lançadas; e cor-
respondeo o effeito muy igual à pro-
messã, sendo outro segundo Acilino,
que em tempo de Belisario defendeo
a porta Ponciana do poder dos Godos.

Admiravel constancia mostrou
Antonio de Abreu, Capitaõ de hum
junco, porq̃ pertendendo Dionis Fer-
nandes de Mello retirallo, por se achar
feri-

ferido mortalmente, lhe disse: *Se eu não tenho já forças para pelear, nem lingua para governar, tenho ainda vida para não perder meu lugar.* Mas muito mais admiravel a de Jeronymo de Lima, porque achando no chaõ no conflicto, quando o grande Albuquerque tomou sepunda vez Goa, seu irmão João de Lima acabando de dar a vida ao Creador, e querendo ficar com elle, lhe respondeo com heroica constancia: *Adiante, Senhor, não he tempo de parar, que eu me fico em meu lugar.* Não menos digna de louvor a do grande Affonso de Albuquerque, que padecendo naufragio em aponta de Timéa no Reyno de Arau, ficou toda a noite dentro da agua com huma menina em os braços, dizendo: *Pois esta innocente me veyo a buscar, eu tomo a innocencia della por instrumento, e merecimento de minha salvação em esta fortuna.*

Os Capitaens famosos, e os Ministros Politico, ainda que devaõ deixar de acometter algumas cousas, com tudo começadas com razão, as devem seguir até o fim; pois pode mais a industria em Troya, que o valor do braço Grego; e concluiu em Numancia mais a assistencia, que a força dos Romanos, que sofrendo, trabalhando, e perseverando, houveraõ os triunfos, e victorias da illustrissima Carthago. Costumava dizer Sertorio, como refere Plutarcho, que tinha mais efficacia para vencer a constancia, do que a valentia; porque muitas cousas, que à força de braços valorosos fenaõ vencião, se rendiaõ à bateria vagarola da constancia. He na verdade invencivel a força da continuacão, que não só vence, mas desfaz todo o poder. Para os que sabem esperar occasião, he o tempo o mais opportuno soccorro, como tambem o mais infesto inimigo para os que usãõ de huma intempestiva pressa. Bem se vio o que pode a constancia na com que se defenderaõ aquelles dous cercos de Diu, que tão gran-

de ruido fizeraõ no mundo, que ainda hoje nos atroaõ os ouvidos; e por isso disse Seneca, que não havia nada, que não vencesse huma obra pertinaz, e hum intenso cuidado: sempre vence o que pertinazmente persiste: *Pertinax virtus omnia vincit*; como disse Livio: *Nihil est, quod non expugnet pertinax opus.* Ex Seneca.

Entre os preceitos militares diz Livio, que he muito principal o saber o Ministro militar não só usar da alcançada victoria, mas soffrer o fastio da demora para o vencimento, e esperar o fim ainda de hũa fera esperança.

Isto mesmo fazem os constantes Capitaes, que fenaõ apartado do lugar da batalha, sem alcançarem a victoria, e assim se deve fazer em toda a cousa, e em todo o negocio, que fenaõ deve desamparar até se lhe não ver o fim a que se dirigio o primeiro desvelo. Não deixa o bom Lavrador o campo, em quanto não colhe o fructo, nem o bom official a obra sem lhe ver o fim, nem o Douto os livros sem lhe faltar a vida; porque por sentença de Seneca nas *Epistolas*, torpe cousa he ceder à carga, e lutar com o officio. Não he varaõ forte o que foge ao trabalho, nem aquelle, a quem a medida da difficuldade não cresce o animo.

A constancia (diz Livio) em todo genero de guerra he precisamente necessaria, mas principalmente nos sitios das Cidades, que sendo, ou pelo sitio, ou pelas fortificaçoens inexpugnaveis, só se vencem por fome, e sede, armas do tempo, e da constancia, a que não resistem forças humanas. Unica filha do mayor Rey lhe chama S. Bernardo em hum Sermaõ; fim, e termo das virtudes, e inteira perfeição, e consumação de todas, repouso de todo o bem, virtude, sem a qual não venera ninguem a Deos. Tiray a perseverança de qualquer obra, e não terá paga o obsequio, nem agradecimento a graça, nem louvor a fortaleza.



PALESTRA QUARTA LICAM UNICA.

Sobre a Temperança.

A CREATURA tem dous movimētos em appetecer o bem sēfivel, e retirar-se do mal. O ultimo modera a fortaleza, que serve para o irascivel não deixe vencer a vontade, antes a vença com audacia, padecendo qualquer mal sensível para conseguir o bem honesto. O primeiro do concupiscivel governa a Temperança, que he a ultima virtude das Cardeais, e a menor, porque o bem, que alcança, não he tão geral, como o que respeitaõ

as outras virtudes; por quanto a temperança respeita, e immediatamente olha o bem particular do que a tem. Ainda que esta virtude, em quanto diz huma geral moderaçãõ dos appetites naturaes, he commua, e geral virtude, que comprehende a todas as virtudes, que movem o appetite à razãõ. E por isso disse Wem, que só merecia o nome de Sabio, o que conhece as cousas pelas causas, o que observa a oportunidade do tempo, o que tempera, rege, e domina bem seus affectos:

*Qui rerum novit causas, ac tempora servat
Temperat affectus, ordinat acta, sapit.*

Tomada a virtude da temperança em seu geral significado, em quanto comprehende todas as virtudes, que dirigem o appetite à regra da razãõ, vem a ser huma virtude, que reprimi-

me, e restringe o appetite daquellas cousas, que torpemente se appetecem, segundo Santo Agostinho, ou huma moderaçãõ, que faz, que os desejos obedeçaõ à razãõ, ou huma grande,

é modera Senhorada da razão contra os desejos, e não bem governados appetites do animo, segundo Cicero; ou huma virtude, que residindo no concupiscível, faz que os animos não paguem vil vassalagem a desejos torpes. Com que vem a ser o officio desta virtude aplacar, e pacificar os desejos, que nos apartem do bom, e justo. O objecto desta virtude he o trato dos bens deleitaveis nos desejos, segundo o modo da razão, e o sujeito he o appetite sensitivo, ou concupiscível, ou irascível.

São partes desta virtude Mansidão, que tem seis partes, a saber Cortezia, Benignidade, Facilidade, Humanidade, Humildade, Tranquilidade. Liberalidade, que tem quatro partes, a saber, Magnificencia, Hospitalidade, Benificencia, Abstinencia. Gravidade, que tem duas partes, a saber, Tristeza, e Severidade. Vergonha, que tem seis partes, Abstinencia no comer, Sobriedade no beber, Castidade, Pudicicia, Virgindade, Continencia. Modestia, que tem quatro partes, Humildade, Estudiosidade, Moderação, e Temperança. Moderação, que tem cinco, Taciturnidade, Fragilidade, Parcimonia, Bondade, Pureza, Innocencia.

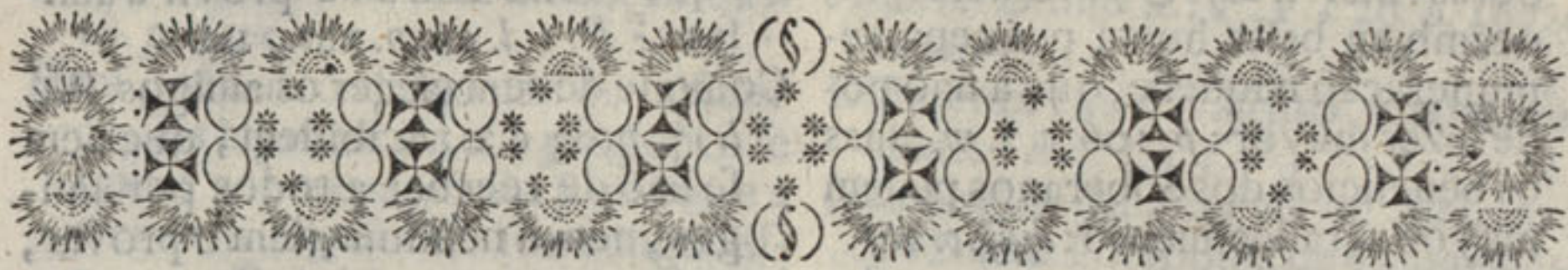
Supposto, que a temperança tenha o ultimo lugar das virtudes Cardiais, porque seu objecto não he tão nobre como o das outras, com tudo isso se lhe attribuem algumas excellencias mayores, em quanto desvia de objectos mais feyos, e aborreciveis, quaes são a destemperança em os deleites sensitivos communs aos homens, e aos brutos irracionais, e pela mesma razão o vicio da intemperança se chama pueril; porque hum menino não se move pela razão, senão pelo que deseja o appetite, nem se modera, senão he com castigo. Desta deshonra, e fealdade redime ao homem

a virtude da temperança, ensinando-o a governar não pelo deleite, senão pela razão; e por isso merece esta virtude, que se lhe attribuisse a ella certa honestidade, decoro na formosura, que nasce ao homem de conservar-se no estado da razão contra huma paixão tão indomita, que poucas vezes a escuta, nem obedece: e pelo contrario grande discredito o fugitar-se o homem ao deleite animal pela similitude bestial, e pueril. E por isso disse Platao, que a mayor necedade, que havia, era o homem deixar-se vencer da sua vontade: *A voluntate superari, extrema ignorantia est.* Porque costuma gerar tristeza: *Voluntatem fugere, parit tristitiam.*

Tem a temperança seu dominio sobre os desejos, e assim a huns aborrece, a outros afugenta, e com alguns dispensa, dirigindo-os a boa ordem, e salutifero modo, não condescendo com elles por elles, mas pela razão, que os acompanha. Sabe, que o melhor modo de desejo, he tomar delles não quanto se appetite, porém quanto he razão, que se tome; e por isso disse Prospero na vida contemplativa, que a temperança fazia abstinentes, parcios, sobrios, moderados, pudicos, callados, vergonhosos, e que se habituava no animo, enfreava os desejos, temperava os affectos, multiplicava os desejos Santos, e virtuosos, castigava todo o vicioso, compunha tudo o que dentro de nós se achava confuso, removia cuidados vãos, infundia as sciencias, apagava o fogo do appetite da vontade libidinosa, enchia o entendimento de hum alegre descanço; e finalmente era húa virtude moderadora do appetite da Gula, que tanto tem arrastrado os homens, a que não subordinando seus desejos à razão, se assemelhem aos brutos.

F I M.

INDEX



INDICE

DAS COUSAS MAIS MEMORAVEIS, QUE CONTEM
este tractado da *Escola Moral*, nova, e cuidadosamente escripto

P O R

A. M. P.

A letra *P* grande, denota a Palestra; a letra *L* a lição; a letra *P* pequena, a pagina; a letra *C* a columna; a letra *Pr* denota o principio da pagina, ou da columna citada; a letra *M* o meyo; a letra *F* o fim; e a letra *T* diz *toda*.

A

A *Borrecer*. Deos aborrece tres generos de pessoas, pobres soberbos, ricos mentirosos, velhos fatuos, e insensatos: *Palestr. 2. lig. 21. pag. 309. in fin.*

Acautelar. Acautele a sua casa quem vé arder a de seu visinho: *P. 1. l. 15. p. 77. in princ.*

Aceitar. Vide *Dadivas*.

Accepção de pessoas se não ha de fazer em materias de justiça: *P. 2. l. 25. p. 332. c. 2. f. & P. 2. l. 1. p. 174. c. 1. & l. 20 p. 299. 300. & 305. in med.*

Acertos. Quem os fia unicamente de si, he mais soberbo, que sabio: *P. 1. l. 2. p. 4. col. 1.*

Accusar. Noventa e cinco vezes foi accusado Aristóphanes, e de todas sahio livre: *P. 2. l. 13. p. 261. c. 2. f.* O mesmo succedeo a Catao, sendo cincoenta vezes accusado: *P. 2. l. 12. p. 261. c. 2.*

Adagios. Donde nasceo o de: Nem Her-

cules contra dous? *P. 3. l. 1. p. 337. c. 1. pr.*

Donde o de: Aristógiton coxêa? *ibi p. 345. c. 1. pr.*

Admiração não nasce das cousas ordinarias, mas das raras: *P. 2. l. 5. p. 204. c. 2. f.*

Adquirir. Do mal adquirido não goza o que o adquire: *P. 3. l. 13. p. 445.*

Affabilidade. Define-se: *P. 2. l. 17. p. 284. c. 1.*; exagera-se a efficacia desta virtude: *ibi p. 286.*; em que se distingue da cortezia: *ibi p. 284. c. 1.*; mostra-se a de muitos Reys com seus Vassallos: *ibi p. 286.*

Agradar. He difficuloso de guardar, o que agrada a muitos: *P. 1. l. 27. p. 154 c. 2. f.*

Agradecimento. Define-se: *P. 1. l. 20. p. 104. c. 2.*; reputa-se a mayor de todas as virtudes: *ibidem*; deve seguir o beneficio: *ibidem*; não deve consistir só em palavras: *dict. l. 20 p. 105. c. 1. f.*; mas em palavras, e obras: *ibidem c. 2. pr.*; e só se contenta com palavras, quando não pôde haver

Ttt

obras:

- obras: *dict. c. 2. f. & p. 106. c. 1. pr.*; e tambem basta huma pequena remuneração naquelle, que a não pôde fazer mayor: *p. 106. c. 2. m.*; mas os beneficios dos Soberanos pedem mayor agradecimento: *dict. c. 2. f.*
- Vagares não os deve haver no agradecimento: *P. 1. l. 20. p. 107. c. 1. m.*
- A terra he symbolo dos agradeidos: *P. 1. l. 21 p. 114 c. 2. pr.*
- Varios exemplos se numerão dos que se mostraraõ agradeidos: *P. 1. l. 20. p. 108. c. 1. & 2.*
- Qual deva ser mais agradeido, se o que recebe beneficios dos amigos, ou o que os recebe dos estranhos? *dict. l. 20 p. 107. c. 1. pr.*
- Agricultura.* Nella consiste a principal riqueza dos Reynos: *P. 1. l. 26. p. 146. c. 2.*
- A agricultura he vida feliz, e bemaventurada: *ibi p. 146. f. & p. 147. pr.*
- Amor. Define se: *P. 1. l. 13 p. 60. c. 1. & l. 16. p. 81. c. 2.*; & ibidem se divide em cinco especies.
- Os Pays amaõ mais os filhos, que as filhas; e as Mãys mais as filhas, que os filhos: *P. 1. l. 12. p. 53. c. 2. pr.*; mas os Pays não devem mostrar muito amor aos filhos: *l. 13 p. 61. c. 2.*
- Reprehende-se o amor renéreo, e mudano, porque ainda que os principios pareçaõ doces, sempre os fins são funestos: *P. 1. l. 13. p. 64. c. 2. & P. 3. l. 10. p. 410.;* e *in dict. p. 64. & 65.* se numerão seus deploraveis estragos, e tristes fins.
- Tudo vence o amor: *dict. l. 13 p. 65. c. 2.*
- Quem quizer ser amado, deve amar: *P. 1. l. 11. p. 47. c. 2.*
- Amisade.* Define se, e encarece-se a sua utilidade, e seu fructos: *P. 1. l. 16. p. 77. c. 2. & p. 83. c. 2.*
- Divide-se em 4. classes, e são 4. os seus fins, a saber o damnofo, o util, o deleitavel, e o honesto: *P. 1. l. 16. p. 80. c. 1.*; os amigos da segunda classe, só o são em quanto a fortuna favorece: *P. 1. l. 19. p. 102.*
- De que causas costuma provir a amisade? *P. 1. l. 16. p. 78. c. 1.*
- Como se devem eleger os amigos: *P. 1. l. 17. p. 83. c. 2.*; & ibidem, que nem se haõ de receber a todos por amigos, nem a nenhum, sem o provar, e experimentar primeiro.
- Amisade firme só se dá entre iguaes: *P. 1. l. 17. p. 84. c. 1.*
- Sem amigos nada he jucundo: *P. 1. l. 16. p. 78. & 82. c. 1.*; e por isso era aphorismo de Lucano, e Sócrates, que aquelle era mais rico, que tinha mais amigos verdadeiros: *P. 1. l. 16. p. 82. c. 2.* Quem os quizer ter, deve ser benefico para com elles: *P. 1. l. 19. p. 99.*; porque a verdadeira amisade sustenta-se com beneficios: *P. 1. l. 20. p. 105. c. 1. f.*
- Regras para conservar a amisade huma vez elegida: *P. 1. l. 17. p. 88. c. 1. f. & seqq.*
- Dizia Valerio Maximo, que o vinculo da verdadeira amisade he mais forte, que o do sangue: *P. 1. l. 17. p. 88. c. 2. pr.*
- O bom amigo não deve applaudir, mas reprehenderao outro, quando erra, *P. 1. l. 17. p. 86. c. 1. pr.*
- Aquelle he nosso amigo, que não he amigo do nosso, dizia Cicero: *dict. l. 17. p. 87. c. 2.*
- Ninguem seja duas vezes amigo, antes não largue nunca ao que huma vez admittir por amigo: *ibidem p. 88. c. 2.*
- Questiona-se se hum está obrigado a amar mais ao seu amigo, do que a si mesmo? Resolve-se com distincão: *P. 1. l. 18. p. 92. c. 2.*
- Se hum amigo está obrigado a expor a vida por outro? Resolve-se com distincão: *dict. l. 18. p. 94. c. 1.*
- Se he melhor ter muitos amigos, se hũ só? Resolve-se com distincão: *ibi p. 94. c. 2.*, e conclue-se na *p. 95. f.*, que he melhor hum só, e será a razaõ, porque entre mil amigos se achã hũ verdadeiro: *ibi p. 94. f.*
- Se he mais proprio amar, ou ser amado?

do? Resolve-se com distincão na l. 18. p. 94. c. 1.

Hum por outro amigo não deve fazer cousas injustas; e a esse proposito se refere a increpação de Rutilio, e a elegante resposta de seu amigo Escuro: P. 1. l. 19. p. 100. c. 1.

Amigos vulgares só seguem aos felizes: P. 1. l. 19. p. 102. & 103. c. 1.; e por isso na adversa fortuna se conhecem os verdadeiros: *ibi* p. 103.

A verdadeira amizade faz as cousas commuas: P. 1. l. 19. p. 104. c. 1.; e esta deve amar ao amigo presente, absente, e morto: P. 1. l. 22. p. 121.

Idéa, e exemplo de amor, e amizade grande foraõ Pilades, e Orestes, Bruto, e Lucilio, Damaõ, e Pithias: P. 1. l. 22. p. 121. c. 1. pr. & l. 23. p. 123. c. 1. m.

Propoem-se, e resolve-se se o terem os Principes amigos, seja util: P. 1. l. 24. p. 128.

Devem-se amar os amigos, como que os possa vir a ter por inimigos: P. 1. l. 23. p. 122. c. 1.

Os amigos haõ de communicar-se os seus segredos: *dict.* l. 23. p. 122. c. 1. pr.

Ambição. Define-se: P. 3. l. 6. p. 380. c. 2. & p. 382. c. 1.

Numeraõ seos tragicos successos, que causou em muitos a ambição dos Postos, e Dignidades: P. 3. l. 7. t. a p. 388.

Amel. O conjugal he vinculo de amor: P. 1. l. 11. p. 47. c. 2.

Apelles punha as suas obras em publico à censura de todos: P. 1. l. 2. p. 6. c. 2.

Ordem que observava na pintura: P. 2. l. 2. p. 184. c. 1.

Aprender. Saõ para isso os tenros annos o melhor tempo: P. 1. l. 12. p. 54. & 55.

Armas. A justiça, e a charidade saõ as verdadeiras armas dos Principes: P. 3. l. 12. p. 429. f.

Artes. Cada hum se deve meter com a sua, e não com a alheia: P. 1. l. 2. p. 6. c. 1. & 2. pr.

Astucia. Define-se: P. 1. l. 29. p. 167. c. 1. m.

Diferença entre o astuto, e o imprudente: *dict.* c. 1. f.

Numeraõ se as astucias de Mafoma, de Numa Pompilio, de Cleómenes: *ibi* p. 168. & 169.

Avareza. Descreve-se hum avaro: P. 3. l. 13. p. 440.; e define-se a avareza *in dict.* l. 13. p. 437. c. 2. pr. & p. 438.

Os avaros correm aonde quer que os chame a esperança do lucro: P. 3. l. 4. p. 355. pr. & l. 13. p. 439. pr. & 440.; e quanto mais tem, mais desejaõ: *ibi* p. 4. f.

Tantalo he o symbolo dos avaros: *ibi* p. 442.

Aos avarentos, todos os desejaõ mortos: *ibi* p. 443. f.

Descrevem-se as ruinas, que a avareza tem causado: *dict.* l. 13. p. 451. c. 2.

Author. O das tramoyas he o que regularmente cahe nellas: P. 1. l. 2. p. 5. c. 2.

B

Beneficencia. Define-se: P. 1. l. 19. p. 97. c. 1.

Recommenda-se muito nas sagradas letras para com os pobres, e inimigos: P. 1. l. 19. p. 99. f.

Beneficios. Quem quizer bem accito o beneficio que faz, considere o tempo, o lugar, e a pessoa, a quem o faz; e por isso nem a velhos, nem a mollos se haõ de fazer; a estes, porque se esquecem; a aquellos, porque se perdem: P. 1. l. 19. p. 98. c. 1.

O beneficio se ha de cõmensurar, não pela sua grandeza, sim pela vontade de quem o faz: *ibi* p. 99. pr. & l. 20. p. 107. c. 2. m.

Quem faz o beneficio, se não deve lembrar mais delle para querer recompensa: P. 1. l. 19. p. 99. c. 1. & l. 20. p. 104. c. 2. f.

Quem o recebe, vende a liberdade: P. 1.

P. 1. l. 20. p. 105. pr. & p. 107. c. 1. f.
O beneficio feito ao indigno, deixa de ser beneficio, e passa a ser acção reprovada: *P. 3. l. 12. p. 435. c. 2. f.*

Beneficiado, e Clerigo, que não relide, não deve perceber os rendimentos do seu beneficio, e Igreja: *P. 2. l. 16. p. 281. c. 2. f.*

O Papa Clemente IV. não admittia, que huma pessoa tivesse mais de hũ beneficio: *P. 3. l. 12. p. 434. c. 1.*

Benevolencia. Define-se: *P. 1. l. 18. p. 91. c. 2.*

Bispos, quaes se haõ de eleger? *P. 2. l. 24. t. à p. 324.*; e como se devaõ haver no governo dos Bilpados? *P. 2. l. 25. t. à p. 327.*

Bodas, vide *Casamentos*.

Bom he tudo aquillo, cujo contrario he máo, dizia Aristóteles: *P. 1. l. 1. p. 3. c. 2.*

Brevidade. Recommenda-se o ser breve no fallar, e no escrever: *P. 2. l. 11. p. 254. pr.*

C

Abir costuma cada hum no mesmo laço, ou traição que arma, e inventa: *P. 1. l. 2. p. 5. c. 2.*

Capitação que cousa seja? Vide *Tributos*.

Castigo dobrado merecem as culpas dos Superiores, e Pays de familias: *P. 2. l. 19. p. 297. c. 2. f.*

Quem o não dá quando he preciso, não ama, mas aborrece a quem o merecia: *P. 1. l. 12. p. 56. c. 1.*; e o disimular o castigo, ou deixar sem elle aos malfeitos, he abrir a porta à maldade: *P. 2. l. 1. p. 176. c. 2. m.*

Pelo não haver que iguale à ingratição, não ha castigo para os ingratos: *P. 1. l. 21. p. 115. c. 1. m.*

Cautela. Vide *Acautelar*.

Casa. He promessa de Deos, que a do justo permanecerá, e se arruinará a do impio: *P. 1. l. 26. p. 145. c. 2. m.*

A qualidade das casar faz argumento da qualidade do dono: *ibi p. 146. c. 1. f.*

Casar se devem os filhos tarde, e as filhas cedo; e porque? *P. 1. l. 15. p. 76. c. 1. & 2.*; mas qual seja a idade acomodada para casar? *P. 1. l. 10. p. 41. c. 1.*

Que qualidades deva ter a mulher, que para mulher se houver de eleger: *P. 1. l. 10. t. à p. 38.*: vem a ser; honestidade; poucos annos; nem nescia, nem engenhosa; nem aguda, nem falladora; não rixosa; de boa presença, que não passe muito a formosa, nem claudique em feya; que traçe honestamente; que seja recolhida; que costume occupar se, e não estar ociosa; igualdade na qualidade, e limpeza do sangue: *ibidem p. 40. c. 2 & seqq.*

Archidamo, Rey de Ephezo, foi condemnado em grave penna pelos Vassallos, por casar com mulher feya: *P. 2. l. 2. p. 257. c. 1.*

Nas vodas punhaõ os antigos agua, e fogo; e porque razaõ? *P. 1. l. 11. p. 49. c. 1.*

Compara-se o matrimonio ao jogo, e à navegação: *P. 1. l. 10. p. 38. c. 2.*

Matrimonio. Define-se: *P. 1. l. 10. p. 38. c. 2.*

Foi estabelecido por todo o direito: *ibi p. 39.*

Saber casar, e saber morrer, he o acto mais prudencial: *ibi p. 40. c. 2.*

Como se deve haver a mulher com o marido, e o marido com a mulher? *P. 1. l. 11. t. à p. 47.*

Censura. Quem quizer censurar a outrem, primeiro examine se acha em si culpa, que lhe censurem: *P. 2. l. 19. p. 293. c. 2. f.*

Apelles punha as suas obras em publico à censura de todos: *P. 1. l. 2. p. 6. c. 2.*

Chancellor mór. A que fim se criou, e instituhio este officio? *P. 2. l. 2. p. 186. c. 1. f.*

- Charidade.* Sem ella nada ha perfeito: *P. 1. l. 19. p. 100. pr.*
- Chorar.* Heráclito sempre andava chorando, bem assim como Demócrito sempre rindo: *P. 3. l. 4. p. 366. c. 1.*
- Clemencia.* He muito necessaria na administração da Republica: *P. 2. l. 1. p. 176. c. 2. pr.*
- Companhia.* Assim como a dos bons motiva muitos bens, assim a dos máos traz consigo muitos males: *P. 1. l. 12. p. 59. pr.*
- Competencias* entre Ministros, politicos, ou militares, he muito nociva: *P. 1. l. 22. p. 119. c. 2. m.*
- Concordia.* Define-se: *P. 1. l. 22. p. 115. c. 2. f.*
- Gera amor a concordia entre os bons: *P. 1. l. 22. p. 116. f.*; porém entre os máos he summamente nociva: *dict. l. 22. p. 118. c. 2. f.*
- As cousas pequenas com a concordia crescem; as grandes se arruinão, e diminuem com a discordia: *P. 1. l. 22. p. 116. c. 2. pr. & f.*; e seriaõ felices as Republicas, se todos os Cidadãos se unissem: *ibi p. 117. c. 2. pr.*
- Como persuadio Sciluro, Rey dos Scythas, a concordia a seus filhos: *P. 1. l. 22. p. 116. c. 1.*
- Jeroglifico da concordia he a pedra Thirreno inteira, e da discordia partida: *dict. l. 22. p. 117. c. 1. f.*
- Confiança.* Define-se: *P. 3. l. 2. p. 346. c. 1.* He muy necessaria em qualquer empreza: *ibi p. 346. & 347.*; mas não deve ser tal, que degenerere em temeridade: *ibi p. 347. c. 2. m.*; porque tambem he nociva a demasiada confiança: *ibi p. 348. c. 1. m.*
- Não nos homens, mas só em Deos se ha de pôr toda a confiança: *P. 3. l. 2. p. 350. & 352.*
- Nenhum confiança se deve fazer no preterito, porque passou, no presente, porque passa, no futuro, porque he contingente: *P. 3. l. 5. p. 375. f.*
- Conhecimento.* O proprio conhecimento he huma das cousas mais difficiltofas, e por isso das mais raras: *P. 3. l. 5. p. 372.*; mas he o primeiro principio da verdadeira Philosophia: *ibi c. 2.*
- Constancia.* Define se: *P. 3. l. 21. p. 503.* Expende se a constancia grande de animo, que houve em muitos: *P. 3. l. 4. p. 366.*
- Conselho.* Define se: *P. 1. l. 2. p. 4. c. 1.* Quam excellente seja não emprender cousa alguma, sem primeiro tomar sobre ella maduro conselho: *P. 1. l. 2. t. à p. 4.*; e de que pessoas se ha de tomar o conselho? *ibi p. 5.*; porque os desinteressados são bons para o conselho: *dict. l. 2. p. 6. c. 1. f.*; mas só deve aconselhar cada hum na sua arte, ou officio: *ibi p. 6. c. 1. & 2. pr.*
- Deve tomar-se o conselho conforme o tempo, e, se for possivel, conforme a hora: *P. 1. l. 2. p. 8. c. 2. pr.*; e não só se ha de tomar dos homens, mas tambem dos livros: *P. 1. l. 3. p. 8. c. 2.*
- Se nos mossos está o valor, nos velhos dá-se o conselho, tanto mais necessario, que El-Rey Agameno dizia, estando sobre Troya, que mais queria dez velhos como Nestor, que outros tantos mancebos como Ayax, e Achyles: *P. 1. l. 2. p. 5. c. 2.*
- Contas.* Não ser como Nero, que increpava aos que tinhaõ livros de razão para a receita, e despeza; mas como Alexandre Severo, que todos os dias distribuía, e todos tomava contas a seus Thesoureiros: *P. 3. l. 14. p. 457. c. 1. m.*
- Contender* com Superiores he loucura: *P. 3. l. 20. p. 409. m.*
- Contente* ninguem vive com a sua sorte: *P. 3. l. 6. p. 384.*
- Continencia.* Vide *Maridos.*
- Correcção* porque modo se deve dar? *P. 1. l. 17. p. 90. c. 1.*
- Cortezia.* Define-se: *P. 2. l. 17. p. 284. c. 1.* Em que se distingue da affabilidade? *Ibidem.*
- Costume.* Define-se: *P. 2. l. 3. p. 190. c. 1. pr.* Permanece mais, que a ley: *dict. p. 190. c. 2.*

c. 2. pr.; mas variando de circunstancias, deve-se reprovar, ou modificar: *ibi p. 192. c. 1.*

Os costumes dos nossos tempos são mais depravados, que os dos passados: *P. 3. l. 4. p. 367.*

Crer muito, e nada crer, tudo he vicio: *P. 3. l. 17. p. 480.*

Criados os comparou Seneca aos Demônios: *P. 1. l. 25. p. 134. c. 1. f.*; porque tantos criados, tantos inimigos: *dict. l. 25. p. 137. c. 2. f.*; e quanto menos, mais bem servidos os amos: *ibi p. 138. c. 2. pr.*

Referem-se alguns exemplos de criados muito fieis: *P. 1. l. 25. p. 136. c. 1. pr.*

Regras, que os criados devem observar, para serem bem reputados: *dict. l. 25. p. 134. c. 2. & seqq.*; e que regras os amos para serem delles estimados? *ibi p. 135. c. 1. f. & seqq.*

Criados caçados de nenhuma sorte cõvem: *P. 1. l. 26. p. 149. c. 1. pr.*

O melhor he não castigar os criados, mas a fazello, seja com moderação: *P. 1. l. 25. p. 139. c. 1. m.*

As criadas, sendo igualmente necessarias, ainda são mais perigosas, que os criados: *dict. l. 25. p. 139. c. 2. f.*

Os amos haõ de deitar-se depois, q os criados, e levantar-se primeiro, que elles: *P. 1. l. 26. p. 149. c. 1.*

Criar. A's Mãys, que não criaõ seus filhos a seus peitos, se deve tirar metade do titulo de Mãy: *P. 1. l. 12. p. 53. c. 2.*; & *ibidem in fin.* se numeraõ muitas senhoras, que criaraõ seus filhos.

Quando porêm forem precisas Amas para a criação, que circunstancias devaõ estas ter? *dict. l. 12. p. 54. c. 1. pr.*; e ahi mesmo se numeraõ os prejuizos, que do contrario se seguem.

Culpa. Effeitos da de Adaõ: *P. 1. l. 6. p. 8. c. 1. pr.*

Cuidado. Quem o tem dos outros, e não de li, he insensato: *P. 1. l. 28. p. 157. c. 2. pr.*

D

D Ar: Dativas. Quem houver de dar, dê logo, que he assim a dativa mais estimavel: *P. 1. l. 19. p. 98. pr. & p. 99. c. 1. pr. & P. 3. l. 12. p. 434. f. & l. 13. p. 447. pr.*; e quem dá com brevidade, parece que dá duas vezes: *P. 3. l. 13. p. 446. pr.*

Nunca se perde o que se dá ao verdadeiro amigo: *P. 1. l. 19. p. 101.*

São as dativas perigosas, porque ninguém as dá sem esperança de mayor remuneração: *P. 2. l. 15. p. 279. pr.*; e por isso aos Ministros he prohibido o aceitallas: *dict. l. 15. p. 274. c. 1.*; porque estas atrahem até os Deoses: *ibi in med.*; e daqui veyo a dizer Wem, que os Ministros haõ de ser mancos das mãos: *ibi p. 275. pr.*; e que castigo se deve dar aos Ministros, que aceitaõ dativas: *dict. l. 15. p. 280. pr. & P. 2. l. 23. p. 322. c. 2.*; e numeraõ-se os louvores de muitos, que as recusaraõ, e o opprobrio de outros, que as receberaõ: *ibi p. 279. c. 2.*

Quem aceita o pouco, aceitará o muito, se lho derem: *P. 3. l. 13. p. 451. f.*

Quem mais dá, he o que vence: *P. 2. l. 15. p. 279. pr.*

Demoras costumaõ ser nocivas: *P. 1. l. 12. p. 59. f. & l. 28. p. 163. m.*

Nem no dar, as deve haver: *P. 1. l. 19. p. 98. pr. & p. 99. c. 1. pr. & P. 3. l. 12. p. 434. f.*; nem no negar o que se perde: *P. 3. l. 12. p. 435. f.*

Despresar. Ninguém he por outrem despresado, sem que elle mesmo se desprese a si primeiro: *P. 2. l. 22. p. 314. c. 1. m.*

Deserdar. Deserdados os filhos de Metello, antes quizeraõ ficar sem herança, que annullarem o testamento, e hirem contra a vontade de seu Pay: *P. 1. l. 14. p. 68. c. 1. f.*

Desobediencia. Vide *Inobediencia.*

Dialectica he necessaria para se alcançar

çar a eloquencia: *P. 2. l. 11. p. 250. c. 1.*

Dignidades, e officios publicos trazem comligo pezo, seruidaõ, e inconvenientes grandes; e por isso muitos as renunciáraõ: *P. 2. l. 4. p. 193. & p. 195. pr*; e numeraõ se muitos, que por causa das dignidades padecerãõ: *ibi p. 196. c. 1. & 2.*; e outros muitos, que as recusaraõ: *ibidem p. 198. c. 1.*

Que predicados, e requizitos deva ter quem houver de subir dignidades, e officios publicos? *P. 2. l. 4. p. 198. c. 2.*

O mais se achará na palavra *Officios publicos*.

Dinheiro. Tomou o nome de pecunia do nome *pecus*, ou do nome *peculium*: *P. 1. l. 27. p. 149.*

Tudo se lhe fugeita, tudo se lhe rende, e vence tudo: *P. 1. l. 27. p. 150. pr. & p. 154. pr.*

He vil o seu nascimento: *P. 1. l. 27. p. 150. c. 2. m.*

Quem não tem dinheiro, de balde se cança com palavras: *ibi p. 153.*

Causa cuidados o dinheiro: *ibi p. 154. c. 1.*

He muito questionavel se he bom, ou máo o conservallo em thesouro: *ibi p. 154. c. 1. m.*

Discordia. Define-se: *P. 1. l. 22. p. 117. c. 2. f.*

Donde nasce? *Ibi p. 118. c. 1. f.*

He entre os Ministros muito pernicioso: *ibi p. 119. c. 2. m.*

Descrevem-se exemplos de ruinas, que causou a discordia: *ibi p. 117. c. 2. f. & p. 118.*

Pelo mais, vide *Concordia*.

Dissimulaçaõ. Todos devem fugir della: *P. 3. l. 19. t. à p. 493.*

Divisaõ. O dividir em partes hum todo, facilita melhor o conhecimento: *P. 3. l. 15. p. 459. c. 1. pr.*

Doaçaõ. A de todos os bens, presentes e futuros, he nulla: *P. 1. l. 19. p. 104. c. 2. f.*

E

Economia. Trata-se desta virtude na *P. 1. l. 9. p. 37.*

Eleiçaõ da mulher como se deva fazer, e que qualidades se lhe devaõ procurar: *P. 1. l. 10. p. 38.*

A dos Ministros como, com que requizitos, e de que pessoas se deva fazer: *P. 2. l. 23. t. à p. 316.*

A dos Bispos, e Prelados como se deva fazer: *P. 2. l. 24. t. à p. 324.*

Eloquencia. Define-se: *P. 2. l. 11. p. 248.*

Em que consiste: *ibi p. 249. c. 2.*

Naõ ha cousa, que a eloquencia naõ persuada: *P. 2. l. 11. p. 252. pr. & p. 253.*

Com ella alcançou dos Castelhanos muitas, e memoraveis victorias o nosso sempre louvavel D. Nuno Alvares Pereyra: *P. 2. l. 11. p. 252. c. 2. f.*

Emprender qualquer acçaõ he fazer metade, tornar a emprendella, he concluila: *P. 1. l. 15. p. 73. pr.*

Naõ se ha de emprender o que se naõ póde alcançar: *P. 3. l. 1. p. 346. pr.*

Enganos. O que com facilidade acredita, facilmente he enganado: *P. 1. l. 24. p. 132. m.*

Engenho. Define-se: *P. 2. l. 10. p. 244. c. 1.* Divide-se em varias especies: *ibi c. 2.*

Os que tem mayor memoria, tem menor engenho: *ibi p. 245. c. 2. pr.*

Epiqueya he necessaria em todas as leys: *P. 2. l. 2. p. 184. c. 2.*

Escriptura Sagrada He taõ util, e proveitosa a liçaõ della, que S. Gregorio lhe chamou minas de prata: *P. 1. l. 3. p. 11. c. 1. pr.*

Esmõla. Pondera se o quanto he util fazella aos pobres, e necessitados: *P. 3. l. 12. p. 346.*

Espebo. Sócrates ordenava a seus discipulos, que frequentemente se vissem a elle; e porque? *P. 1. l. 10. p. 42. c. 2.*

Esque-

Esquecimento. He o melhor remedio dos agravos: *P. 3. l. 18. p. 483. c. 2. f.*

Estado. He livre aos filhos, mas não tanto, que não devaõ seguir a eleição, e persuasão dos Pays: *P. 1. l. 15. p. 71. c. 2.*

Estudar he a todos conveniente: *P. 1. l. 3. à p. 8.*

Exemplo. O bom sempre se deve dar: *P. 2. l. 19. p. 293. c. 1. & 2. pr.*; porque persuade melhor que as palavras: *ibi p. 294. f.*; porém o mác nunca se ha de dar: *dict. p. 294. pr.*

Ao exemplo do Principe se rege todo o povo: *dict. p. 294. pr. & p. 297. c. 2.*

Exercicio. Define se: *P. 2. l. 18. p. 288. c. 2.*

Sem elle se perdem as sciencias, e com elle se augmentaõ: *dict. p. 288. c. 2. & p. 289. pr.*

Experiencia. Define-se, e louva-se pela sua excellencia: *P. 1. l. 2. p. 5. f. & p. 6. P. 2. l. 18. p. 288. c. 2.*

Os experientes saõ os melhores para qualquer exercicio: *P. 2. l. 18. p. 289.*

F

F *Ama.* A boa he o melhor thesouro do mundo: *P. 2. l. 7. p. 215. c. 2.*; e por isso he melhor perder tudo, que perdella: *dict. l. 7. p. 220. m.*; e na *p. 216. c. 2.* se descrevem as regras precisas para adquirilla. A má difficulosamente se extingue: *ibi p. 216. c. 1. f.*

A fama sempre acrescenta as cousas mais do que saõ: *dict. l. 7. p. 219. c. 2. f.*; e quanto mais se espalha, mais enganos augmenta, e erros accumula: *dict. p. 219. m.*

Qual he a fama de cada hum, taes se reputaõ as suas obras: *dict. p. 219. c. 2. ad fin.*

Vay se o dinheiro, passaõ as fortunas, fogem as felicidades, mas permanece a boa fama: *dict. l. 7. p. 216. fin.*

Fé em que consista? *P. 1. l. 8. p. 35. & 36.*

Ainda aos inimigos se ha de guardar:

P. 2. l. 14. p. 273. c. 2. pr.; bem que nada seja hoje mais recebido, que o faltar a ella: *ibidem.* Póde se porém faltar a ella naquillo mesmo em que o outro a não guardou, se nisso se não encontraõ os Divinos preceitos: *P. 3. l. 19. p. 499. pr.*

Felicidade. Em quanto a houver, haverá amigos, fugindo aquella, faltaõ estes: *P. 1. l. 19. p. 102.*, até o fim ninguem se repete feliz: *P. 3. l. 10. p. 413. c. 2. f. & 414. & l. 13. p. 444. m. & l. 15. p. 468. & 469.*

Fidelidade. Define se: *P. 2. l. 14. p. 266. c. 1.*

Quem a perde, nada mais tem que perder: *dict. l. 14. p. 270. c. 2. pr.*

Industria de que usou Cõstantino Magno para provar a fidelidade de seus Ministros: *ibi p. 272. c. 1. f.*

Porque razãõ se collocava no Capitólio Romano a estatua da fidelidade junto à de Jupiter? *P. 2. l. 14. p. 266. c. 2.*

Filhos. Cuidado que deve haver na sua criaçãõ: *P. 1. l. 12. p. 53.*

Os segundos costumaõ sahir mais bem ensinados, que os primo-genitos, ou unicos; e porque? *P. 1. l. 13. p. 62. c. 1.*

Qual for o filho, tal se reputa que he o Pay: *dict. l. 13. p. 62. c. 1.* E quaes forem os filhos para com seus Pays, taes seraõ seus filhos para com elles: *P. 1. l. 14. p. 69. c. 2.*

Devem os filhos amar aos Pays se saõ bons, e com paciencia soffrellos se saõ máos: *P. 1. l. 14. p. 67. c. 1.* E devem soccorrellos na velhice, e enfermidades: o que até com exemplos de irracionaes se comprova: *ibidem.*

Nenhum Pay em sua vida constitua a algum filho herdeiro, nem declare a qual ha de instituir por sua morte: *P. 1. l. 13. p. 62. c. 2. & p. 63. c. 1.*

Filicidas. Como castigavaõ os Egypcios aos Pays, que matavaõ os filhos? *P. 1. l. 10. p. 45. c. 2.*

Fim.

Fim. He o que approva, ou desapprova os principios: *P. 1. l. 2. p. 7. m.*

O fim, a que as accoens se dirigem, he o primeiro movel de as acertar: *P. 2. l. 25. p. 327. c. 1. f.*

Firmeza. He argumento de huma boa razaõ o ter firmeza no que chegou a emprender-se: *P. 1. l. 15. p. 73. c. 1. f.*

Em que se distingua a firmeza da constancia: *P. 3. l. 21. p. 503. c. 2.*

Força mayor tem as obras, que as palavras: *P. 2. l. 2. p. 189. pr.*

Formosura. Define-se: *P. 1. l. 10. p. 42. c. 1.* Louva-se: *P. 2. l. 12. à p. 255. c. 2. f.*

Numeraõ se exemplos de formosura, e fealdade: *P. 1. l. 10. p. 42. c. 2. & p. 43.*

Fortaleza. Define-se: *P. 3. l. 1. p. 334. c. 1.* Quanto mais pequeno he o coraçãõ, mais forte he o fugeito: *dict. p. 334. c. 2. f.*

O forte nem ha de temer a morte como Nesso, nem buscalla como Hercules: *P. 3. l. 1. p. 340. c. 1. pr.*

A mayor idéa, e timbre da fortaleza, he vencer-se cada hum a si proprio: *dict. l. 1. p. 341. f. & 342. pr.*

A fortaleza he muy precisa aos que governaõ no politico, e no militar: *dict. p. 342. c. 2. pr.*

A temeridade, e a cobardia saõ dous viciosos extremos da fortaleza: *P. 3. l. 1. p. 343. c. 1. m.*

A quarta geraçaõ dos fortes degenera em furiosos: *P. 3. l. 1. p. 335. c. 1.*

Fortuna. Define-se: *P. 3. l. 4. p. 361. c. 1. pr.*, e por toda a liçaõ se descreve a sua variedade, e inconstancia; porque em fim tem a natureza de vidro: *P. 3. l. 4. p. 367. c. 2. ad fin.*

Favorece aos atrevidos: *P. 3. l. 1. p. 345. f. & l. 6. p. 381.*; mas deixada ir huma vez, naõ torna a recuperar-se: *P. 1. l. 28. p. 163. c. 2. pr.*

Só a virtude he a que faz aos homens felices, e naõ a fortuna: *P. 3. l. 4. p. 363. pr.*

Numeraõ-se muitos a quem a fortuna

de altas dignidades reduzio a infatuos fins: *dict. l. 4. p. 367. f. & 368.*

Regularmente sublima os fatuos, e persegue os sabios; e isto por duas excelentes razoens: primeira, porque como he cega, e saõ mais os neccios, encontra com elles mais vezes: segunda, porque ainda que foi criado Condeça, naõ lhe deraõ a virtude por guia: *P. 3. l. 4. p. 371. c. 2. pr.*

Fouffe ninguem a deve meter em seara alheã: *P. 1. l. 2. p. 6. c. 1. & 2. pr.*

G

G Enealogia. Nestas o saber pouco he o melhor: *P. 2. l. 9. p. 240. c. 2. m.*

Governo. Divide-se em tres especies, a saber Monárchico, Aristocrático, e Democrático: *P. 1. l. 6. p. 19. c. 2.* Approva-se o Monárchico por melhor: *dict. p. 19. c. 2.*; e mostra-se na *l. 6. p. 22.*, que em huns Reynos se elegia este por fortes, em outros por eleiçaõ, e em outros pelo direito do sangue, e approva-se este ultimo.

Co.no principiou no mundo o governo regnativo? *P. 1. l. 6. p. 18.*

He infeliz o Reyno, onde governaõ os moillos: *P. 2. l. 21. p. 306. f. & 309. pr.*

Expoem-se algumas regras para bem governar todo o Ministro politico, militar, ou ecclesiastico: *P. 2. l. 25. t. à p. 327.*

Guardar. Com difficuldade se guarda o que a muitos agrada: *P. 1. l. 27. p. 154. c. 2. f.*

H

H Erdeiro a seu filho nenhum Pay o faça em sua vida, nem declare a qual delles ha de fazer herdeiro por sua morte, porque nisso grangêa hum inimigo: *P. 1. l. 13. p. 62. c. 2. & p. 63. c. 1.*

Historias. Recommenda se muito aos Politicos, e Militares a lição dellas:

P. 1. l. 3. p. 10.

He conveniente o saber muitas: *P. 2.*

l. 9. p. 240. c. 1. pr.

Homem. Que cousa seja? *P. 3. l. 5. p. 375.*

pr. & p. 376. c. 1.

Phavorino reduzia todos os homens a tres classes, a saber ridiculos, odiosos, e miseraveis: *P. 3. l. 6. p. 383. c.*

2. pr.

Homem solitario, ou Anjo, ou Besta,

dizia Aristóteles: *P. 1. l. 16. p. 78. c.*

2. pr.

Honra. Deve antepôr-se às riquezas:

P. 2. l. 8. p. 221. f.

Em que consiste o ser honrado? *P. 2. l.*

17. p. 285. c. 1. m.

Humilde levantado faz se soberbo: *P.*

1. l. 24. p. 131. m.

I

I Dade. Qual seja a acomodada para casar? *P. 1. l. 10. p. 41. c. 1.*

Numeraõ-se homens, que chegaraõ a

avançada idade, e se expõem os an-

nos, que cada huma delles viveo: *P.*

2. l. 21. p. 308. c. 2.

Ignorar o que se deve saber, he cousa

vergonhosa: *P. 2. l. 9. p. 237. c. 2. m.*

Quanto diste hum ignorante de hum

sabio: *dict. l. 9. p. 234. c. 1. pr. & c. 2.*

pr.

Imprudencia. Define-se: *P. 1. l. 29. p. 167.*

c. 1. m.

Diferenças entre o imprudente, e o

astuto: *dict. p. 167. c. 1. f.*

Inclinação. Por donde se conheça a de

cada hum? *P. 1. l. 15. p. 72. c. 1.*

India. Façanhas dos Portuguezes nel-

la: *P. 2. l. 5. p. 206. c. 1.*

Industria. Define-se: *P. 2. l. 18. p. 288.*

c. 2.

Industria de que usou Sapho para ser

tido por Deos: *P. 3. l. 10. p. 408. c. 1.*

Ingratidão. Define-se: *P. 1. l. 21. p. 111.*

c. 1.

Divide-se em quatro especies: *dict. p.*

111. c. 1. m.

Dos ingratos he jeroglifico o fogo: *ibi*

p. 114. c. 1. f., e symbolo a cobra: *ibi*

p. 115. c. 2. pr.

Exemplos da ingratitude: *P. 1. l. 21. p.*

112. c. 2. pr.

A terra não produz cousa peor, que

hum homem ingrato: *P. 1. l. 21. p.*

115. c. 2. f.

Por não haver castigo que iguale à in-

gratidão, não ha castigo para os in-

gratos: *P. 1. l. 21. p. 115. c. 1. m.*

Questiona-se, se aos ingratos se de-

vem continuar os beneficios? *ibi p.*

114. & 115.

Injuria. Define-se: *P. 3. l. 16. p. 471. c. 1. f.*

Devem soffrer se com paciencia, e

perdoar se com tolerancia: *dict. l.*

16. t. à p. 471.

Injustiça. Damnos com que se castiga-

raõ as injustiças de muitos: *P. 2. l. 1.*

p. 175. c. 1. & 2.

Inobediencia. Deploraveis efeitos nas-

ceraõ da de alguns filhos para com

seus Pays: *P. 1. l. 14. p. 68. c. 2.*

Innocente nada teme, por mais accusa-

dores que tenha: *P. 3. l. 4. p. 370. f.*

Jogar. He cousa muito nociva: *P. 1.*

l. 26. p. 147. c. 2. f.; e causa graves es-

tragos: *ibi p. 148. pr.*

Ira gera amor: *P. 1. l. 22. p. 116. f.*

Judeos. Trata-se da dirivação deste no-

me, dos estados que teve esta Na-

ção, e da sua ruina: *P. 2. l. 6. p. 211.*

c. 2. & seqq.

Como foraõ expulsos de varios Rey-

nos: *ibi p. 212. c. 2. & p. 214. c. 1. pr.*

São regularmente infieis, traidores,

mentirosos, incredulos, indogma-

veis, ambiciosos, avaros, sequazes

do mal, ingratos, supersticiosos,

vingativos, sediciosos, mal mori-

gerados: *P. 2. l. 6. p. 213. c. 1.*

Juiz. Deve ser forte; e quem for timi-

do, não o procure ser: *P. 3. l. 1. p.*

p. 342. c. 2. pr.; porque he necessaria

fortaleza para poder dar a cada hum

o que he seu: *dict. c. 2. m.*

O mais se achará na palavra *Ministros*.
Fulgar. Melhor julgaõ muitos, que hũ
só: *P. 1. l. 6. p. 26. c. 2.*

Justiça. Define-se theologica, e juri-
dicamente: *P. 2. l. 1. p. 171. c. 1.*

Divide-se em cõmutativa, e distribu-
tiva: *P. 2. l. 1. p. 177. c. 1.*

Reynando a justiça florece a Republi-
ca: *ibi p. 172.*

O exercitar justiça, he o summo bem
dos Reys: *ibi p. 173. c. 1.*

Na justiça não deve haver excepção,
ou accepção de pessoas: *P. 2. l. 1. p.*
174. c. 1. 2. & l. 20. p. 299. & 300. &
P. 2. l. 25. p. 332. c. 2. f.; mas deve-se
exercitar com igualdade, ou sejaõ
pobres, ou ricos, ou sejaõ grandes,
ou pequenos, segundo o determi-
narem os leys: *P. 2. l. 20. p. 305. m.*;
estando porẽm em equilibrio se ha
de inclinar para a parte mais digna
de favor: *P. 2. l. 1. p. 174. c. 2.*; por-
que he crueldade a justiça sem cle-
mencia: *ibi p. 176. c. 2. pr.*

A celeridade he madraita da justiça:
P. 2. l. 16. p. 282. m.

Qual he a impreza da justiça? *P. 2. l. 1.*
p. 174.

Differaõ os Poetas, que na terra não
havia justiça, porque tinha fugido
para o Ceo: *P. 3. l. 4. p. 367. c. 2. pr.*

L

L *Atim*. A's naçoens, que o não fa-
biaõ, chamavaõ barbaras os Ro-
manos: *P. 2. l. 11. p. 249. c. 1.*

Ley. Define se: *P. 2. l. 2. p. 182. c. 2.*

As leys fizeraõ-se por dous fins; hum,
porque ninguem faça cousa injusta;
outro, porque os castigos de huns,
façaõ aos outros bons: *P. 2. l. 2. p.*
183. pr.

As leys civis fundaõ-se nas naturaes:
P. 1. l. 1. p. 3. c. 2. f.; dellas resulta aos
póvos a utilidade da legurança dos
bens, e da bondade dos costumes,
fazendo os ambas virtuosos: *P. 1. l.*
8. p. 33. c. 1.

Aos Egypcios deu leys Mercurio, aos
Athenienses Solón, aos Lacedemó-
nios Licurgo, aos Romanos Numa
Pompilio: *P. 1. l. 21. p. 105. c. 1. m.*

Zauleuco foi raro exemplo da obser-
vancia das leys: *P. 2. l. 2. p. 188. c. 1.*
pr.; não obstante que estas só dire-
ctiva, e não coactivamente liguem
aos Principes: *P. 2. l. 2. p. 188. c. 2. m.*

Aonde ha muitas leys, ha muita inju-
stia; assim como ha muita doença,
donde ha muito Medico: *P. 2. l. 2. p.*
183. c. 2. in m.; e por isso he melhor
fazer observar as antigas, que pro-
mulgar novas: *ibi p. 184. c. 2. f. & p.*
185. & 187. f.; porque leys sem ex-
ecucao nada aproveitaõ: *P. 2. l. 23.*
p. 316. c. 1.; antes a ley sem execu-
cao, he corpo sem alma: *P. 2. l. 6. p.*
214. c. 2. f.

Antiocho, Rey da Persia, ordenava a
seus póvos que não obedecessem às
suas leys no que fossem injustas: *P.*
2. l. 2. p. 186. c. 1. f.; porque leys in-
justas, não são leys, são injustiças:
ibidem.

Porque razaõ se não davaõ escriptas
as leys de Licurgo? *P. 2. l. 2. p. 184.*
c. 1.

Não ha nas leys penna para os ingra-
tos, porque nenhuma lhe igualaria:
P. 1. l. 21. p. 115. c. 1. m.

Para o Rey promulgar leys, não ca-
rece da aceitaçaõ, ou consentimen-
to do povo: *P. 2. l. 1. p. 179. c. 1. pr.*

Lembrança do beneficio deve ter sem-
pre o que recebe, e nunca o que dá:
P. 1. l. 20. p. 104. c. 2. f.

Liberalidade. Define-se: *P. 3. l. 12. p.*
428. c. 2.

Todo o liberal deve guardar estas re-
gras: primeira, proporcionar a da-
diva com a qualidade da pessoa, que
dá, e que recebe: *P. 3. l. 12. p. 433.*
c. 2.; segunda, não dar tudo a hum:
ibi p. 434. c. 1.; terceira, que dê pri-
meiro aos seus, *ibidem*: quarta, que
dê com presteza, e com alegria, *ibi*
p. 434. c. 2. f.; quinta, que não dê a
gente

- gente viciosa, ou infame, *ibi p. 435. c. 1. f.*: sexta, que dê aos mais necessitados, *ibi p. 436. c. 2. pr.*: septima, que dê segundo as forças dos seus bens, *ibi p. 436. c. 1. f.*: outava, que não dê com animo de desfructar: *dict. p. 436. c. 2. f.*
- Descre-se a liberalidade de alguns: *P. 3. l. 12. p. 431. & seqq.*
- Naõ ha prenda, que concilie melhor a benevolencia de todos, pois (mythologicamente fallando) até vence os proprios Deoses: *P. 3. l. 12. p. 429. c. 2. in pr.*
- Lição.** Recommenda-se muito a das historias, e livros: *P. 1. l. 3. p. 8.*; porque a lição dos livros supre as faltas da experiencia: *l. 3. p. 9. c. 2. pr.*; e muito melhor a da Escripura Sagrada, porque nella se achão todas as sciencias, artes, e virtudes: *l. 3. p. 11. c. 1. pr.*, e por toda a lição se descrevem os livros em que convém melhor ter lição; e na *p. 14. c. 1.* se vê como ha de ser a lição para ser proficua; e na mesma *p. 14. c. 2.* se vê que até dá saude aos enfermos, como succedeu a D. Affonso de Aragoão, lendo a Quinto Curcio.
- Livros.** Quaes se devem ler, e quaes não: *P. 1. l. 3. t. p. 8 & seqq.*; e que estes ultimos se devaõ queimar, e desterrar das Republicas os seus authores: *dict. l. 3. p. 13. c. 2. f.*; e que mais vale saber hum, que revolver muitos: *P. 2. l. 9. p. 238. f.*
- De que modo, e porque fim se haõ de ler os livros? *P. 1. l. 3. p. 14. c. 2.*
- Saõ os livros conselheiros mortos: *dict. l. 3. p. 9. c. 1.* Os espirituas se devem preferir a todos os outros: *ibi p. 11. c. 2.* Os historicos saõ necessarios para o acerto das acçoens humanas: *ibi p. 9. c. 1.*
- Henrique VIII. de Inglaterra mandou tirar os livros espirituas aos Religiosos Cartuxos; e porque? *P. 1. l. 3. p. 11. c. 1.* Juliano apóstata tambem, para destruir a Religião Catholica,
- mandava queimar os livros sagrados: *dict. p. 11. c. 1.*
- Loucura foi grande a de Pithaco em escrever hum livro em louvores da pedra d'atafona; de Favorino em escrever outro das quartans; de Luciano outro em elogio das moscas; de Dydimio Gramatico em escrever quatro mil, em tirar às fabulas a vaidade de fabulas: *P. 2. l. 9. p. 240. c. 2. f.*
- Lisonja.** Define-se: *P. 3. l. 8. p. 392. c. 2.* Deve-se fugir della, como de peste: *dict. l. 8. t. à p. 392.*; porque o officio de lisongeiro he proprio do Demonio: *ibi p. 399. c. 2.*
- Em que differe a lisonja do louvor? *P. 3. l. 8. p. 394. c. 1.*
- Os lisongeiros cõparaõ-se com o gorgulho, fogo, sombra, caõ, cameliaõ, agua corrente, espelho, veneno, ruins mulheres, moinhos de vento, espias dobres, Jano de duas caras, veneno de viboras, cobras, feras com duas ordens de dentes, e aves de pescoço torcido: *P. 3. l. 8. p. 394. c. 2.*
- Foraõ muito aborrecidos de varios Principes: *dict. l. 8. p. 397. f. & 398.*; porque fazem tudo o que vem fazer, e louvaõ tudo o que obra aquelle, a quem querem lisongear: *ibi p. 395.*; tanto assim que foi tal a lisonja de Patróclides, que por ser torto Philippe, Rey de Macedónia, e seu, se tirou hum olho a si: *ibi p. 394. c. 2. f.*
- Loucura.** Vide *livros.*
- Louvor.** Ninguem se deve louvar a si proprio: *P. 2. l. 8. p. 228. pr. & P. 3. l. 10. p. 406. m.*
- Melhor he ser digno de louvor, do que ser louvado: *P. 3. l. 8. p. 399. c. 1.*
- O louvor augmenta o desejo de mais o merecer: *P. 3. l. 8. p. 392.*

M

M Afoma foi filho de hum almo-
creve, escravo de hum merca-
dor, discipulo de hum Monge here-
ge: descreve-se o seu nascimento, e
o principio da sua condemnada ley:
P. 1. l. 29. p. 168. c. 1. f. & seqq.; o fim
foi o de morrer com veneno: *ibi p.*
169. c. 2. pr.

Magnanimidade. Define-se: *P. 3. l. 3. p.*
352. c. 2. & p. 353. c. 1.

Magnificencia. Define-se: *P. 3. l. 11. p.*
418. c. 1.

Descreve-se a grande magnificencia
de muitos: *dict. l. 11. p. 422. c. 2. &*
seqq.

Males. De dous necessarios se deve e-
leger o menor: *P. 1. l. 1. p. 4. c. 1. pr.*

Devê se acautelar primeira com pru-
dencia, mas supportallos depois com
valentia: *P. 3. l. 1. p. 340. pr.*

Maravilhas. Descrevem-se as sete ma-
yores do mundo, que são: o Tem-
plo de Diana em Ephézo, as Pyra-
mides do Egypto, o Mauzoléo de
Artimizia, o Colosso do Sol, a Torre
de Pharaó, o Simulacro de Jupiter
Olimpico, os Muros de Babilonia:
P. 3. l. 11. p. 419. c. 1. m. & seqq.; & *p.*
420. c. 2. numeraõ-se outras, que ad-
mitem competencia.

Maridos estão, bem assim, e do mesmo
modo, que as mulheres, obrigados
à ley da continencia: *P. 1. l. 11. p. 49.*
c. 2.

Matrimonio. Vide *casar.*

Medicina. Nesta faculdade saiba cada
hum a parte perfilatica, que preser-
va de enfermidades: *P. 2. l. 9. p. 239.*
c. 1.

Memoria. Define-se: *P. 1. l. 5. p. 16. c. 1.*
Os que a tem mayor, são mais obtuo-
zos de engenho: *P. 2. l. 10. p. 245. c.*
2. pr.

Lembrar de tudo, he mais de Divi-
no, que de humano: *P. 1. l. 5. p. 17.*

c. 2.; para se conservar a memoria,
deve-se exercitar: *ibi p. 17. c. 1.*

Numeraõ-se os que a tiveraõ grande:
ibi c. 1. & 2; portentosa foi a de Cy-
ro Rey da Persia: *P. 1. l. 5. p. 17. c. 1.*;
grande a de D. Joaõ III. Rey de Por-
tugal: *ibi c. 2.*; excelente a de My-
thridates: *dict. p. 17. c. 1.*; feliz a de
Seneca: *ibidem.*

Mentira. Que castigo deu Artaxerxes
Rey da Persia a hum soldado, que
lhe mentio: *P. 2. l. 13. p. 263. c. 1.*;
e com que penna se castigavaõ os
mentirosos: *ibidem.*

Ministros. Todo o Ministro, ou poli-
tico, ou militar, que quizer ser per-
feito, ha de ter vinte e dous requisi-
tos, que se numeraõ na *P. 2. l. 5. p.*
200. c. 2.

Naõ se haõ de eleger para Ministros
pessoas de baixa esfera: *P. 2. l. 22. p.*
314. c. 2. & p. 315. c. 1.; e por toda a
l. 23. à p. 316. se vê quaes, e com que
qualidades se haõ de eleger para
Ministros.

Quaes sejaõ melhores para Ministros,
se os mossos, se os velhos? Questio-
ne-se na *P. 2. l. 21. p. 305. & seqq.*, e
resolve se com distincão na *p. 307.*
c. 2.

O mais se achará na palavra *Fuiz.*

Modestia. Define-se: *P. 3. l. 9. p. 401. c. 2.*
He a modestia huma tal virtude, que
governa, e guia todas as nossas o-
peracoens: *P. 3. l. 9. p. 403. m.*

Modo. Com elle tudo se faz, sem elle
nada se obra: *P. 1. l. 28. p. 162.*

Momo era o Cenfor das obras dos Deo-
ses: *P. 3. l. 3. p. 357. c. 2.*

Morte. A mayor honra da morte, he o
saber morrer: *P. 3. l. 3. p. 358. pr.*; se-
ndo a idéa de morrer bem, o viver
como morto: *ibidem & l. 4. p. 365. c.*
2. & l. 15. p. 463. pr.; naõ só porque
como naõ sabemos quando virá, he
bom que sempre nos ache preveni-
dos: *P. 3. l. 4. p. 365. c. 2. f. & l. 10.*
p. 418. pr., visto ser certo que ha de
ser, e incerto quando, *dict. l. 10. p.*

417.; mas tambem porque qual he a vida, tal costuma ser a morte: *P. 3. l. 4. p. 366. pr.*

Taõ culpavel he querer morrer, como naõ querer morrer: *P. 3. l. 15. p. 461. f.*; porque a morte, visto que se naõ póde evitar, nem se ha de fugir, nem se ha de temer: *P. 3. l. 3. p. 359. m.*

Naõ ha motivo para sentir que morra quem he mortal: *P. 3. l. 15. p. 460. f.*

Mossos. Raras vezes se encontra nelles a sabedoria, a virtude, a prudencia, a fortaleza, a jutiça, e a humildade; e nunca a experiencia: *P. 2. l. 21. p. 306. c. 1.*

Tres cousas ornaõ excellentemente a mocidade; temperança no animo, recato na boca, silencio na lingua: *dict. l. 21. p. 312. c. 2.*

Notavel reposta, que deu o nosso Nunno da Cunha a hum Cavalheiro, que o motejava de ser Vice-Rey na India, sendo taõ moço: *dict. l. 21. p. 311. c. 2.*

Mulheres. Que circunstancias deva ter a com que se houver de casar? Difsemos na palavra *Casar.*

Sabendo governar huma casa, naõ se sabem governar a si: *P. 1. l. 11. p. 47. c. 1.*

Tante melhor dominaõ a seus maridos, quanto mais obedientes se mostraõ: *dict. p. 47. c. 2.*

Foraõ destruiçaõ de muitos Reynos; e porque? *ibidem p. 48. c. 1.*

Murmuraçaõ. Divide se em tres maneiras: primeira a obtrectaçãõ, que he dizer mal: segunda detractaçãõ, que he diminuir o bem: terceira calumnia, que he vituperar, ou louvar para engano: *P. 3. l. 17. p. 475. c. 1.*

As murmuraçoens devem sentir-se, mas tambem suportar-se: *P. 3. l. 17. t. à p. 475.*

Musica. Nesta melhor he ser ouvinte, que Mestre: *P. 2. l. 9. p. 240. c. 1. f.*

N

N Ascer. Nascemos primeiro para Deos, depois para a Patria, e ultimamente para nós: *P. 1. l. 28. p. 157. c. 2. f.*

Em terras humildes, más, e boas, nascem às vezes fugeitos illustres, benemeritos, e máos: de que se numeraõ alguns na *P. 2. l. 5. p. 205. c. 1. & 2.*

O mais se achará na palavra *Patria.*

Natureza obra mais, que a doutrina: *P. 1. l. 13. p. 63. c. 1.*

Necessidade. He prudencia o accomodar a ella: *P. 1. l. 2. p. 7. c. 2. f.*

Negar. O que nega logo, parece que dá alguma couza, porque dá o desengano sem o demorar: *P. 3. l. 12. p. 435. f.*

Nescio chamaõ as sagradas letras ao que presume saber tudo: *P. 3. l. 2. p. 348. pr.*

Nobreza. Define-se: *P. 1. l. 15. p. 75. c. 2. & P. 2. l. 8. p. 221. c. 1.*

Divide-se em hereditaria, e adquirida; e quaes sejaõ? *dict. l. 8. p. 221. c. 1. m.* Aquella he mais attendivel, que esta: *ibi p. 223. c. 1. in fin.* Daquella, e naõ desta se entendem os estatutos, e leys, que a requerem para algum cargo: *dict. l. 8. p. 223. c. 2. m.*

Nasce a nobreza de tres principios, armas, letras, riquezas: *P. 1. l. 15. p. 74. c. 2. pr.*; mas todos se reduzem a hum, que he a virtude: *ibi p. 65. c. 1.*

A nobreza concita de sorte as boas acçoens, que sempre os nobres se presumem adornados de bons costumes: *P. 2. l. 8. p. 222. c. 1. pr.*; e por essa razaõ devem os nobres (ou a nobreza seja hereditaria, ou adquirida) preferir aos plebêos na occupaçaõ dos cargos da Republica: *ibi p. 223. c. 1.*; e os nobres de geraçaõ devem preferir aos nobres por privilegio: *dict. p. 223. c. 1. f.*

Quaes

Quaes sejaõ mais aptos para o cargos, se os nobres, se os humildes? Problematicamente se resolve, e se numerãõ muitos humildes, que subiraõ a grandes cargos: *dict. p. 223. c. 2. m. & seqq. & p. 229. c. 2.*

Porque razaõ naõ temos todos a mesma nobreza, sendo todos filhos de Adaõ, e Eva? *P. 2. l. 8. p. 225. pr.*

Nomes. Os nomes das coufas he huma recopilada definiçaõ da essencia del-las: *P. 1. l. 27. p. 149. c. 1. f.*

O bom nome denota boa qualidade: *dict. p. 149. c. 2. f.*; e todos devem cuidar em deixar bom nome: *P. 2. l. 7. p. 218. c. 1. m.*

Noticias | Acab, Rey de Israel, se queixava do Propheta Michêas, porque sempre lhe dava más novas: *P. 2. l. 14. p. 267. c. 1.*

Novidades. Em toda a materia he coufa muy pestilente: *P. 2. l. 2. p. 184. c. 2. f. & p. 185.*; e muito especialmente nos trages: *P. 1. l. 11. p. 51. c. 2.*

deixada ir huma vez, naõ volta outra, que por isso se pinta calva: *P. 1. l. 28. p. 163.*

Ociosidade. O ocio he inimigo, naõ só da vida virtuosa, mas tambem da viciosa: *P. 2. l. 16. p. 280. c. 2. f.*

Officios publicos, e dignidades trazem comfigo pezo grande, e inconvenientes mayores; porque se o que os tem serve, ou governa mal, desagrada a Deos; se bem, aos homens: *P. 2. l. 4. p. 194.*

Que predicados deva ter quem houver de subir aos Officios publicos? *P. 2. l. 4. p. 198. c. 2.*

A todos se prohibe a pertençaõ dos officios publicos: *ibi p. 199. c. 1. f. & p. 200. c. 2. m.*

Oportunidade. O buscalla he o meyo mais efficaz para obrar com acerto: *P. 1. l. 28. p. 162. c. 1. m. & P. 3. l. 19. p. 498.*; e naõ se buscando em todas as materias a oportunidade, tudo se erra: *P. 3. l. 8. p. 400. c. 2. f.*

Ousadia. Define-se: *P. 3. l. 2. p. 346. c. 1.*

O

Obediencia. Define se: *P. 1. l. 14. p. 66. c. 1.*

Pinta-se sem olhos; e porque? *P. 1. l. 14. p. 70. c. 1.*

Exemplifica-se com as letras sagradas, e humanas a obediencia, que devem ter os filhos a seus Pays: *dict. l. 14. p. 67. c. 1. f.*

Tambem he devida aos Mestres, e velhos, e geralmente a todos os Superiores: *dict. l. 14. p. 69. c. 2. f.*

Observaçãõ he o primeiro movel do acerto: *P. 1. l. 4. p. 15.*

Nella se encontra tirar dos damnos alheynos documentos para evitar os proprios: *ibidem p. 16.*

Occasiãõ vence mais que o esforço: *P. 1. l. 28. p. 164. & 165.*

Quando chega, deve-se logo lançar maõ della: *P. 1. l. 2. p. 7. pr.*; porque

P

Paciencia. Define se: *P. 3. l. 15. p. 458. c. 1. f.*

Describe se a grande com que Sócrates sofria as estravagancias de sua mulher: *P. 1. l. 11. p. 50. c. 1.*

Pays. Quaes saõ os Pays, e Máys, tais sahem os filhos, e filhas: *P. 1. l. 12. p. 58. f.*

Pay, e filho se reputaõ huma mesma pessoa: *P. 1. l. 20. p. 104. c. 2. P. 2. l. 2. p. 188. c. 2. pr. & l. 8. p. 222. c. 1.*

Palavras saõ hum espelho do coraçãõ: *P. 1. l. 12. p. 58. c. 1.*

Palavras, destituidas de dadivas, nada vencem, por mais que persuadaõ: *P. 2. l. 15. p. 275.*

Parcimonia. Quem della usa, tem o melhor regimen: *P. 1. l. 26. p. 147. c. 1. f.*

Passar. Tudo deste mundo passa: *P. 3. l. 15. p. 463. c. 2. f. & p. 464.*

Patria.

- Patria.* Toma-se em tres modos, ou particular, ou geral, ou generalissimo: *P. 2. l. 5. p. 201. c. 2. pr.*
- A todos parece a sua Patria a melhor, ainda que seja humilde Aldéa: *P. 2. l. 5. p. 202. f.*
- Pondera se o amor da Patria, e que qualquer não deve duvidar de morrer por ella: *P. 1. l. 13. p. 63. c. 1. & p. 64. & P. 3. l. 1. p. 339. c. 1.*
- Onde cada hum he feliz, ahi he sua Patria; e onde infeliz, de sterro: *P. 2. l. 5. p. 201. m.*
- Presagios muito felices tem aquelles, que nascem em boa Patria: *P. 2. l. 5. p. 202. c. 1.*
- As terras não se dizem boas, se não pela virtude, e grandeza do animo dos habitantes: *dict. l. 5. p. 204. c. 1. & 2.*
- Quanto mais abundante he a terra, mais inuteis cria os homens: *ibi p. 204. c. 2.*
- Em patrias excelétes nascerao Varoës perversos, como em Roma Nero, Cõmodo, e Liogábalo; em Thebas Pindaro, Flacco, Epaminõdas; e em terras pobres Varoens illustres, e benemeritos, como Numa Pompilio, Biante, Pithágoras, Anaxágoras, Demócrito, Aristóteles, Homéro, e outros: *P. 2. l. 5. p. 205. c. 1. & 2.*
- Pela Patria se exposerao Anchurro, Curcio Romano, Pompéo, Lacena, Lucio Scyla, e os nossos illustres Lusitanos: *P. 2. l. 5. p. 205. c. 2. & p. 206. & seqq.*, onde se numerao as façanhas inimitaveis dos Portuguezes na India.
- Pequenos* principios produzem muitas vezes cousas grandes: *P. 1. l. 12. p. 57. pr.*
- Perder.* Quanto mayor for o desejo de conseguir, tanto mayor he o temor de perder o conseguido: *P. 3. l. 13. p. 437. c. 2. f.*
- Perdoar* he acção christãa: *P. 3. l. 18. t. à p. 481.*
- Perigos* devem se acautelar antes com prudencia, mas supportallos depois com valentia: *P. 3. l. 1. p. 340. pr.*
- O continuo assalto dos perigos habita o valor para desprezallos: *P. 3. l. 1. p. 336. c. 2. pr.*
- Perito* ninguem se póde dizer fóra da sua arte: *P. 1. l. 2. p. 6. c. 1. & 2. pr.*
- Permanente* nada he debaixo do Sol: *P. 3. l. 15. p. 463. c. 2. f. & 464. c. 1.*
- Pezames.* Não deve sentir-se a morte do que he mortal: *P. 3. l. 15. p. 460. f. & seqq.*
- Pintura.* Vide *Apelles.*
- Pobreza.* He virtude muito para estimar-se: *P. 1. l. 27. p. 154. c. 1.*; costuma porém obstar ainda aos de engenho mais subido: *P. 3. l. 13. p. 444. f.*
- Por muito pobre que qualquer seja, sempre morre mais rico do que nasceu: *P. 3. l. 4. p. 364. f.*
- Poderosos.* Deve-se fugir delles: *P. 3. l. 20. p. 500. & seqq.*; porque mais obstaõ, do que aproveitaõ: *ibi p. 501. in fin.*; quando pedem, mandaõ: *ibi p. 501.*, posto que peçaõ cousas injustas, porque ló a sua vontade, e o seu gosto os domina: *ibidem.*
- Poezia.* Nesta nem de todo sabio, nem de todo ignorante: *P. 2. l. 9. p. 240. c. 1. f.*
- Políticos.* Os do tempo andaõ com o tempo: *P. 1. l. 6. p. 29.*
- Define se porém a politica verdadeira, e delcre se o seu fim: *dict. l. 6. p. 30. c. 2.*
- Premio* suaviza o trabalho: *P. 2. l. 9. p. 242. m.*; e quem falta com o premio ao benemerito, tira-lhe o desejo de merecer: *P. 3. l. 12. p. 430. c. 1. pr.*; pois não ha mayor desesperaçãõ nos benemeritos, que, vendo-se sem premio, verem ao mesmo tempo premiados os indignos: *dict. p. 430. c. 2. pr.*; nem he justo serem os premios iguaes, sendo os merecimentos diversos: *ibidem.*
- Presistencia* tudo vence: *P. 3. l. 21. p. 504. c. 2. pr.*
- O não presistir he argumento de incõstancia: *P. 1. l. 15. p. 73. c. 1.*

Principes não devem ter validos: *P. 1. l. 24. p. 129. c. 2.*

Pergunta-se se será util terem amigos? Resolve-se *ibidem*.

Prodigalidade. Define-se: *P. 3. l. 14. p. 455. c. 2. pr.*

Prometer muito, e dar pouco, ou nada, he cousa indigna: *P. 1. l. 19. p. 98.*

Prudencia. Define-se: *P. 1. l. 1. p. 1.*

He virtude, que, como Rainha das outras, deve sempre andar diante dos olhos: *ibidem*; porque sem ella todas as cousas se mundaõ em contrario: *ibi p. 2. c. 1.*

Os Principes devem irmanar a prudencia com o poder, como disse Apolonio ao Imperador Domiciano, e Aristóteles acrescentou, que era virtude só propria dos Principes: *ibi p. 2. c. 2.*

Todo o prudente deve considerar, se he possível o que emprende, e se sendo o convém que se faça: *P. 1. l. 1. p. 3. c. 1.*

E nenhum prudente deve obrar a caso, ou com impeto, mas com deliberado, e recto conselho: *P. 1. l. 28. p. 158. c. 2. m.*; porque todo o prudente, antes que execute

qualquer acção deve reflectir muito nestas sete moraes incunstantias: quem, que, donde, com que, porque, como, quando: *dict. l. 28. p. 160. c. 2. f.*

Quinto Curcio. Com a suavidade da lição deste author, recuperou a saude D. Affonso de Aragaõ, estando desconfiado das melhorias: *P. 1. l. 3. p. 14. c. 2. f.*

Restauração. Descree-se a de Portugal do poder dos Castelhanos: *P. 1. l. 28. p. 165. c. 1.*

Rios. Numeraõ-se alguns soberbos: *P. 3. l. 10. p. 415.*

Riquezas. Definem-se: *P. 1. l. 26. p. 141. c. 2. f. & p. 144. c. 2. pr.*

Rays. São Vice-Deoses da terra: *P. 1. l. 6. p. 23. c. 1.*; e por isso lhe devemos ter a mais religiosa veneração, e obediencia: *ibi p. 24. c. 1.*

Que signifique este nome no seu geral significado; e d'onde se derive? *P. 1. l. 1. p. 2. c. 2. f. & l. 6. p. 23. c. 1. pr.*

Como teve principio o haver Rey para governar? *P. 1. l. 6. p. 18.*; e na *p. 19. c. 2.*, que o primeiro Reyno, e o primeiro Rey que houve no mundo, foi Nembroth.

Como se elegiaõ os Reys, e qual seja o melhor modo de elegellos: *P. 1. l. 6. p. 22.* E que se elegeraõ, não para cuidarem de si, mas dos outros: *P. 2. l. 1. p. 173. c. 1. f.*

A Magestade deve sempre andar unida a Coroa como symbolo da magnificencia, e como demonstrativo da penna: *P. 1. l. 6. p. 26. c. 1.*

As Râas pediraõ Rey a Jupiter, e lançou-lhes para Rey hum tronco: *ibi p. 25. c. 2.*

Entre o temor de Deos, e o amor dos homens anda segura a Magestade: *P. 1. l. 8. p. 37. c. 1. & 2.*

Quaes os Reys, taes os Vassallos, porque sempre estes imitaõ aquelles: *P. 2. l. 2. p. 189. c. 2. f.*

O mais se póde ver na palavra *Principes*.

Religiaõ catholica he a conservação das Republicas: *P. 1. l. 8. p. 34.*, onde se referem muitos exemplos de castigo dos que faltaraõ a ella.

Republica. He conveniente a esta assim o castigo dos máos, como o premio dos bons: *P. 2. l. 21. p. 312. c. 1.*

Responder a hum aggravo com hum obsequio, he o melhor meyo de convencello: *P. 1. l. 17. p. 89. c. 1.*

Restauração. Descree-se a de Portugal do poder dos Castelhanos: *P. 1. l. 28. p. 165. c. 1.*

Rios. Numeraõ-se alguns soberbos: *P. 3. l. 10. p. 415.*

Riquezas. Definem-se: *P. 1. l. 26. p. 141. c. 2. f. & p. 144. c. 2. pr.*

As bem adquiridas vaõ-se com as mal ganha-

ganhadas: *dict. l. 26. p. 143. c. 1. pr.*

Com ellas se augmentaõ os vicios, e principalmente o da censualidade: *dict. l. 26. p. 145. pr.*

A riqueza naõ muda a qualidade: *dict. l. 26. p. 144. pr.*; bem que o contrario diga Horacio na *l. 27. p. 151. m.*

Quem quizer ser rico, siga a Deos, e contente-se com o que Deos lhe dá *P. 3. l. 13. p. 449. pr.*

A riqueza principal do Reyno confis- te na agricultura: *P. 1. l. 26. p. 146. c. 2.*

He rico aquelle, que he pobre de de- sejos, mas naõ aquelle, que posto que tenha muito, muito mais appe- tece, porque quanto mais alguem tem, mais deseja ter: *P. 1. l. 26. p. 140. c. 2. & p. 141. pr.*

Quaes sejaõ as riquezas mais conve- nientes, se as muitas, se as poucas, se as medianas? *dict. l. 26. p. 141. c. 1. f.*

De rico a mais rico facilmente se pas- sa; de pobre a rico difficultosamen- te: *dict. l. 26. p. 144. f.*

Nem se haõ de guardar com tenacida- de as riquezas, nem espalhar com prodigalidade: *P. 3. l. 14. p. 456. c. 2. f.*

Rir. Demócrito sempre se achava rin- do, bem assim como Heráclito sem- pre chorando: *P. 3. l. 4. p. 366. c. 1.*

S

Angue. A pureza delle he cousa in- estimavel: *P. 2. l. 6. p. 210. c. 1. f.*

Saude. Muito a offende a mudança dos remedios: *P. 1. l. 15. p. 73. c. 1. f.*

Sciencia. Define-se: *P. 2. l. 9. p. 231. c. 81. & p. 233. c. 2.*

Naõ a alcançaõ os de vida depravada: *P. 1. l. 2. p. 5. c. 2.*; nem os pergui- cosos: *P. 2. l. 9. p. 231. m.*

O desejo de saber he innato a todos: *dict. p. 231. c. 2. pr.*

Com a sabedoria se fazem as cousas

boas melhores, e as ruins se emen- daõ: *P. 2. l. 9. p. 232. c. 2. m.*

Muitos (que se numerãõ) devem a gloria às sciencias: *dict. p. 232. c. 1. m.*

He taõ necessaria ao Principe a scien- cia para o governo do Reyno, como à Náo he preciso o bom Piloto: *ibi p. 233. c. 1. pr.*; por ser a sciencia guia da vida, indagadora da verda- de, destruidora dos vicios: *dict. p. 233. c. 1.*

Vay tanta differença de hum homem sabio a hum ignorante, q̃ este ainda dista muito de hum irracional, a- quelle assemelha-se muito a Deos: *P. 2. l. 9. p. 234. pr.*

Primeiro chega a morte que a sciencia, porque sendo esta dilatada, he aquel- la breve: *ibi p. 234. m.*

Para hum ser sciente deve observar as seguintes regras: 1. amar a Deos; 2. ser humilde; 3. principiar cedo; 4. o ap- plicar-se com vigilancia; 5. repetir o que estudar; 6. estimar os mestres; 7. comer com parcimónia; 8. retirar de tudo o que o possa divertir das letras; 9. continuar no estudo; 10. conservar os bons costumes; 11. ter paz, e quietação; 12. perguntar, e aprender de qualquer; 13. ensinar o que souber; 14. ter modo na ordem, no estudo, e no fim; 15. applicar-se cada hum ao estudo, de que pertende usar; 16. seguir aquella sciencia, que melhor se coadunar com o seu genio; 17. tractar com os sabios: *P. 2. l. 9. p. 234. c. 1. f. & seqq.*

Descreve-se a estimação que tem me- recido os sabios: *dict. l. 9. p. 241. c. 1.*

& 2.

Sciencia sem virtude de nada vale: *P. 2. l. 9. p. 237. m.*

Nescio chamou Salomaõ ao q̃ presume, que sabe tudo: *P. 3. l. 2. p. 348. pr.*

Quem sabe, que só sabe o muito, que ignora, alguma cousa sabe: *P. 3. l. 5. p. 379. pr.*

Segredo he a alma dos negocios: *P. 1. l. 23. p. 123. c. 2. f. & p. 125. c. 1.*; deve-

se

se porêm communicar aos amigos, mas não aos estranhos: *dict. l. 23. p. 122. c. 1. pr. & c. 2. pr.*; como não seja segredo, que respeite ao publico: *ibi p. 127. c. 2. f.*; porque este todos o devem guardar inviolavelmente, e principalmente os Ministros politicos, e militares: *dict. l. 23. p. 124. c. 1. pr.*

Ainda que o segredo seja a cousa mais difficullosa, que ha de guardar: *P. 1. l. 23. p. 124. c. 2.*; numerão-se muitos exemplos dos que o guardaraõ inviolavel, na *dict. 124. c. 2.*; e na *p. 127. c. 2.* se lê aquella engraçada industria com que Papirio, minino Romano, se livrou de sua Mãy para lhe não descobrir hum segredo publico; e na *p. 125.* se encontra, que Pompéo antes quiz queimar hum dedo em huma vela, que descobrir o segredo da sua Patria.

O segredo que te não quizerem communicar, nunca o perguntes: *P. 1. l. 23. p. 123. m.*

Como advertio Alexandre Magno a Ephestiaõ a guardar segredo: *dict. l. 23. p. 126. c. 2.*

Ao segredo deveraõ os Romanos os progressos do seu Imperio: *ibi p. 124. c. 1.*

Para nelle se experimentar a alguem, se lhe deve recommendar em cousa de pouca consideraçãõ: *dict. p. 124. c. 1.*

Senado. Diriva-se da palavra *Senex*, para mostrar, que sãõ os velhos se haõ de eleger para Senadores: *P. 2. l. 21. p. 306. f. & 307. pr.*

Senhor. Reprehende-se o sahir Augusto Cesar com hum Descreto, em que mandava q̃ o não appellidassẽ por senhor; porque sendo Rey, era humilhar muito a Magestade: *P. 1. l. 6. p. 25. c. 1.*

Similhança he atractivo do amor, e amisade; assim como a dissimilhança o he do odio: *P. 1. l. 16. p. 78. c. 1.*

Vay fóra das regras da natureza o fi-

lho, que não segue a similhança do Pay: *P. 2. l. 8. p. 222. c. 1.*

Soberba. Define-se: *P. 3. l. 10. p. 405. c. 1. f.*, e reprehende-se por toda a *lig.* A soberba he raiz de todos os males: *dict. p. 405. c. 2.*; e por isso vencida esta, ficaõ derrotados todos os vicijs: *P. 3. l. 10. p. 415. f.*

Suborno. Como se devaõ castigar os Ministros, que deixaõ subornar-se? *P. 2. l. 23. p. 322. c. 2.*

T

T Ardanza em executar he muito pernicioso ao bom exito: *P. 1. l. 2. p. 7. pr.*

Templos. Referem-se alguns famosos pela sua grandeza: *P. 3. l. 11. p. 422. c. 1.*

Tẽpo A oportunidade delle tem o mayor esforço para vencer tudo, e se obrar com acerto: *P. 1. l. 28. p. 162. m.*

Theologia. Nesta melhor he prezar de ser discipulo obediente, que mestre presumido: *P. 2. l. 9. p. 238. c. 2. f.*

Thesouro. He questionavel se he conveniente o telo: *P. 1. l. 27. p. 154. c. 2. m.*

Trabalho. Suavisa-o o premio: *P. 2. l. 9. p. 242. m.*

He prelude do descanço: *P. 2. l. 16. p. 281. pr.*

Deve-se trabalhar na mocidade para adquirir para avelhice: *P. 3. l. 13. p. 444. pr.*

Trages. Se alguma mulher os inventava de novo em Roma, era ella desterrada pelos inventar, e seu marido pelos consentir: *P. 1. l. 11. p. 51. c. 2.*

Trama. Quem a fabrica cahe nella; o que se exemplifica com o Touro de Perillo: *P. 1. l. 2. p. 5. c. 2.*; e com o veneno com que Rosimunda, Rainha dos Godos em Espanha, queria matar a El-Rey seu marido, e ella morreo com elle.